

BELEZA NEGRA

A AUTOBIOGRAFIA DE UM CAVALO

ANNA SEWELL

DRACAENA
www.dracaena.com.br

Sumário

SUMÁRIO
PARTE 1
PARTE 2
PARTE 3
PARTE 4

PARTE 1

CAPÍTULO I – Minha primeira casa

O primeiro lugar do qual eu consigo me lembrar bem é uma campina agradável com uma lagoa de água limpa. Algumas árvores frondosas se inclinavam sobre ela, e juncos e nenúfares cresciam em seu fundo. Sob a sebe, de um lado víamos um campo arado, e, do outro, víamos um portão da casa de nosso dono, que ficava perto da estrada. No topo da campina havia um bosque de abetos e, embaixo, um córrego preso por um barranco.

Enquanto eu era jovem, eu sobrevivia do leite da minha mãe, já que não podia comer grama. Durante o dia eu corria ao seu lado e, durante a noite, eu me deitava próximo a ela. Quando estava quente, costumávamos ficar perto da lagoa, sob a sombra das árvores, e quando estava frio, tínhamos um abrigo quente perto do bosque.

Assim que me tornei velho o suficiente para comer grama, minha mãe passou a sair para trabalhar durante o dia, voltando pela noite.

Havia seis jovens potros além de mim e eram mais velhos que eu. Alguns eram tão grandes quanto cavalos adultos. Eu costumava correr com eles e me divertia muito; costumávamos galopar todos juntos ao redor do campo, o mais rápido que podíamos. De vez em quando tínhamos uma brincadeira mais rude, pois eles mordiam e chutavam, além de galopar.

Um dia, quando houve uma bela quantidade de chutes, minha mãe relinchou para que eu fosse até ela, e então me disse:

— Quero que preste atenção no que vou lhe dizer. Os potros que vivem aqui são potros muito bons, mas são potros de carroça, e é

claro que não aprenderam boas maneiras. Você foi bem educado e nasceu em uma boa família; seu pai tem um grande nome por aqui, e seu avô ganhou o troféu, dois anos consecutivos, nas corridas Newmarket; a sua avó tinha o temperamento mais dócil do que qualquer outro cavalo que jamais conheci, e acho que você nunca me viu chutar ou morder. Espero que você cresça gentil e bom, e nunca aprenda maus-modos; faça seu trabalho com boa vontade, levante bem sua pata quando trotar e nunca morda ou chute, mesmo que de brincadeira."

Nunca esqueci o conselho de minha mãe; eu sabia que ela era uma égua sábia, e nosso dono a considerava muito. Seu nome era Duquesa, mas ele frequentemente a chamava de Predileta.

Nosso dono era um homem gentil. Ele nos dava boa comida, bom abrigo e palavras doces; ele falava conosco com tanta gentileza quanto falava com seus pequenos filhos. Todos nós gostávamos dele, e minha mãe o amava muito. Quando ela o via no portão, relinchava com júbilo e trotava até ele. Ele a afagava, acariciava e dizia:

— Bem, velha Predileta, como vai nosso Escurinho?

Eu era de um preto opaco, por isso ele me chamava de Escurinho. E então, ele me daria um pedaço de pão, que era muito bom, e, às vezes, trazia uma cenoura para minha mãe. Todos os cavalos vinham até ele, mas acredito que éramos seus favoritos. Minha mãe sempre o levava para a cidade em dias de feira, em uma pequena carruagem.

Havia um arador, Dick, que às vezes vinha ao nosso campo para colher amoras da sebe. Depois de comer tudo que queria, ele fazia o que chamava de diversão com os potros, jogando pedras e gravetos neles para fazê-los galopar. Não nos importávamos muito com ele, pois podíamos fugir para longe; mas às vezes uma pedra nos atingia e machucava.

Um dia ele estava fazendo esse jogo e não sabia que nosso dono estava no campo próximo; mas ele estava lá, observando o que estava acontecendo. Ele pulou por sobre a sebe em um átimo, e pegando Dick pelo braço, lhe deu um puxão de orelha que o fez ganir de dor e surpresa. Assim que vimos nosso dono, trotamos para mais perto para ver o que acontecia.

— Menino mau! — ele disse. — Menino mau! Perseguindo os potros! Não é nem a primeira, nem a segunda vez, mas há de ser a última. Aqui... pegue seu dinheiro e vá para casa; não o quero em minha fazenda novamente. — e então nunca mais vimos Dick. Velho Daniel, o homem que cuidava dos cavalos, era tão gentil quanto nosso dono; então estávamos bem.

CAPÍTULO II – A caçada

Antes de eu completar dois anos, ocorreu um incidente do qual nunca me esqueci. Era o começo da primavera; houve um pouco de geada durante a noite, e uma fina névoa ainda cobria as árvores e campinas. Os outros potros e eu estávamos nos alimentando na parte mais baixa do campo quando ouvimos, à distância, o que parecia ser o choro de cachorros. O potro mais velho ergueu sua cabeça, endireitou suas orelhas e disse:

— Ali estão os cães! — e imediatamente galopou para longe, seguido pelo resto de nós, para a parte mais alta do campo, de onde podíamos olhar por sobre a sebe e ver vários campos adiante.

Minha mãe e um velho cavalo de corrida de nosso dono também estavam por perto e pareciam saber tudo sobre aquilo.

— Eles encontraram uma lebre. — disse minha mãe. — E se vierem nessa direção, vamos ver a caça”.

E logo os cães estavam destruindo o campo de trigo próximo ao nosso. Nunca ouvi tal barulho que eles faziam. Eles não latiam, nem uivavam, nem ganiam, mas continuavam em um “yo! Yo, o, o! Yo! O, o!”, o mais alto que podiam. Atrás deles vinha um grande número de homens a cavalo, alguns deles vestindo casacos verdes, galopando o mais rápido que podiam. O velho cavalo bufou e olhou ansiosamente para trás. Nós, jovens potros, queríamos estar galopando com eles, mas logo eles estavam muito longe, nos campos mais abaixo. Naquele momento pareceu que eles tinham chegado a uma conclusão; os cachorros partiram latindo e correram por todos os lados com seus focinhos no chão.

— Eles perderam o cheiro. — disse o velho cavalo. — Talvez a lebre escape.

— Qual lebre? — perguntei.

— Oh! Eu não sei qual lebre; é provável que seja uma de nossas próprias lebres fora da floresta; qualquer lebre que encontrarem vai servir de caça para os cães e homens. — e não demorou muito para que os cães recomeçassem seu “yo! Yo, o, o!”, e se reunissem novamente, à toda velocidade, dirigindo-se direto para nossa campina, na parte em que o barranco e a sebe cobriam o córrego.

— Agora vamos ver a lebre. — disse minha mãe; e nesse momento uma lebre, selvagem de tão assustada, passou correndo em direção à floresta. Em seguida vieram os cães; eles dardejaram pelo barranco e correram através do campo, seguidos pelos caçadores. Seis ou oito homens saltaram em seus cavalos, próximos aos cães. A lebre tentou passar pela cerca; era muito grossa, então ela se virou rapidamente para tentar escapar pela estrada, mas era tarde demais; os cães caíram em cima dela com seus choros selvagens. Ouvimos um guinchar, e aquele era seu fim. Um dos caçadores se aproximou e espantou os cães, que logo a teriam deixado em

pedacinhos. Ele a ergueu pela perna, destruída e sangrando, e todos os cavalheiros pareceram muito satisfeitos.

Quanto a mim, eu estava tão abismado que não vi de primeira o que estava acontecendo perto do córrego; mas, quando vi, era uma visão triste: dois belos cavalos estavam caídos – um estava lutando nas correntes, e o outro gemia na grama. Um dos homens estava saindo da água, coberto de lama, e o outro estava imóvel.

— O pescoço dele está quebrado. — disse minha mãe.

— Bem feito para ele. — disse um dos potros.

Eu pensava o mesmo, mas minha mãe não se juntou a nós.

— Bem, não. — disse ela. — E você não deveria dizer isso; mas apesar de eu ser uma velha égua, de ter visto e ouvido bastante coisa, ainda assim nunca consegui entender por que os homens gostam tanto desse esporte. Eles frequentemente se machucam, estragam bons cavalos, destroem os campos, e tudo por uma lebre, uma raposa ou um veado, que conseguiriam mais fácil de algum outro jeito. Mas nós somos apenas cavalos e não sabemos de nada.

Enquanto minha mãe dizia isso, ficamos de pé, olhando. Muitos dos cavaleiros se dirigiram ao jovem; mas meu dono, que estivera vendo o que estava acontecendo, foi o primeiro a erguê-lo. A cabeça dele caiu para trás, seus braços penderam soltos, e todos ficaram muito sérios. Não havia nenhum barulho agora; até mesmo os cães estavam quietos e pareciam saber que havia algo de errado. Eles o carregaram até a casa do meu dono. Mais tarde ouvi que era o jovem George Gordon, o único filho do prefeito, um jovem alto e bonito, o orgulho de sua família.

Agora estavam todos se dividindo, uns galopando até a casa do médico, do ferrador e, sem dúvidas, do Prefeito Gordon, para avisá-lo sobre seu filho. Quando o Sr. Bond, o ferrador, veio para ver o cavalo preto que estava gemendo no chão, ele o sentiu todo e balançou sua cabeça. Uma de suas pernas estava quebrada. Em

seguida, alguém correu para a casa de nosso dono e voltou com uma arma; houve um grande estrondo e um grito terrível e, então, tudo ficou quieto. O cavalo preto não se movia mais.

Minha mãe parecia muito aflita. Ela disse que conhecia aquele cavalo há anos e que seu nome era Rob Roy. Era um bom cavalo e não havia depravação nele. Ela nunca mais iria para aquela parte do campo.

Não muitos dias depois, ouvimos um sino de igreja badalando por um longo tempo; e olhando por sobre o portão, vimos uma carruagem longa, estranha e preta, que estava coberta com tecido preto e era carregada por cavalos pretos; depois daquela, vieram outras e outras, todas pretas, enquanto o sino continuava badalando e badalando. Eles estavam carregando o jovem Gordon para o jardim da igreja para enterrá-lo. Ele nunca cavalgaria novamente. O que eles fizeram com Rob Roy eu nunca soube; mas foi tudo por causa de uma pequena lebre.

CAPÍTULO III – Minha domação

Agora eu estava começando a ficar bonito, minha pelagem tornou-se boa e macia, de um preto brilhante. Eu tinha uma pata branca e uma estrela branca na testa. Eu era considerado muito bonito; meu dono não me venderia até eu ter quatro anos. Ele disse que moças não deviam trabalhar como homens, e potros não deviam trabalhar como cavalos até terem crescido bastante.

Quando eu fiz quatro anos, Prefeito Gordon veio me ver. Ele examinou meus olhos, minha boca e minhas pernas; as apalpou todas; e então eu tive que andar, trotar e galopar na frente dele. Ele pareceu gostar de mim, então, disse:

— Quando ele já estiver bem domado, vai se sair muito bem.

Meu dono disse que ele mesmo ia me domar, pois não gostaria que eu ficasse assustado ou machucado. E ele não perdeu tempo, começando logo no dia seguinte.

Nem todo mundo deve saber o que é domação, portanto irei descrevê-la. Significa ensinar um cavalo a usar uma sela e rédeas, carregar em suas costas um homem, mulher ou criança, para ir na direção que eles quiserem, e fazê-lo em silêncio. Além disso, ele precisa aprender a usar uma coleira, uma garupa e um culote, ficar imóvel enquanto estes estão sendo colocados; e então ter uma carroça ou um cabriolé presos atrás, para que ele então não possa andar ou trotar sem arrastá-los junto. E ele deve ir rápido ou devagar, seguindo o desejo de seu cocheiro. Nunca deve sair às pressas ao ver alguma coisa, nem falar com outros cavalos, nem morder, nem chutar, nem ter nenhuma vontade própria; mas deve sempre fazer a vontade de seu dono, mesmo que esteja muito cansado ou com fome. Porém, o pior de tudo é que, uma vez com seu arreio, ele não pode nem pular de alegria tampouco deitar-se por cansaço. Então você vê que essa domação é uma coisa muito boa.

Eu estava, claro, há muito acostumado aos cabrestos, cabeçadas e a ser guiado pelo campo e por pistas silenciosamente, mas agora eu passaria a usar um freio e rédeas. Meu dono me deu um pouco de aveia, como de costume, e, depois de bastante adulação, colocou o freio em minha boca e fixou as rédeas; mas aquilo era uma coisa nojenta. Aqueles que nunca tiveram um freio em suas bocas não podem imaginar o quão ruim isso é; um grande pedaço de aço frio e duro, tão grosso quanto o dedo de um homem, sendo empurrado para dentro da boca de alguém, por entre os dentes e por cima da língua de alguém, com as pontas saindo dos cantos de sua boca, e afiveladas ali por tiras presas atrás de sua cabeça, debaixo de sua garganta, em volta de seu nariz e embaixo de seu queixo, para que de modo algum você consiga se livrar da coisa nojenta. É muito ruim. Sim, muito ruim. Pelo menos era o que eu pensava, mas eu

sabia que minha mãe sempre usava um quando saía, e todos os cavalos usavam quando eram adultos; então, recebendo os grãos gostosos, as carícias, as palavras e modos gentis de meu dono, consegui usar meu freio e rédeas.

Em seguida veio a sela; mas isso não era tão ruim. Meu dono a colocou em minhas costas com muito cuidado, enquanto Velho Daniel segurava minha cabeça. Ele afivelou os cintos por baixo de meu corpo, me acariciando e falando comigo o tempo todo; então comi um pouco de aveia e, em seguida, fiz um pouco de condução; e ele fez isso todos os dias até que comecei a procurar pela aveia e pela sela. Eventualmente, uma manhã, meu dono subiu em minhas costas e me cavalgou pela campina na grama macia. Com certeza foi um pouco estranho; mas devo dizer que me senti bastante orgulhoso em carregar meu dono, e como ele passou a me cavalgar um pouquinho todos os dias, logo me acostumei a isso.

O próximo negócio desagradável era pôr as ferraduras. Isso, também, foi muito difícil inicialmente. Meu dono foi comigo até o ferreiro, para se assegurar de que eu não me machucaria ou me assustaria. O ferreiro pegou minhas patas em sua mão, uma depois da outra, e cortou um pouco do casco. Não senti dor, então me mantive imóvel em três patas até ele ter terminado todas elas. Em seguida ele pegou um pedaço de ferro, no formato de minha pata, e o colocou, e colocou também alguns pregos através da ferradura até meu casco, para que a ferradura ficasse firme. Minha pata parecia muito dura e pesada, mas com o tempo me acostumei a isso.

E agora, tendo ido tão longe, meu dono prosseguiu para me domar com os arreios. Havia mais coisas novas para usar. Primeiro, uma coleira dura e pesada, bem no meu pescoço, e rédeas com grandes pedaços laterais contra meus olhos, chamados antolhos. E de fato eram antolhos, pois não conseguia ver de lado nenhum, mas apenas estritamente à minha frente. Em seguida, havia uma pequena sela com uma tira nojenta e dura que ia bem debaixo do meu rabo; isso era a garupa. Eu odiava a garupa; ter meu longo rabo dobrado ao meio e passado por aquela tira era quase tão ruim

quanto o freio. Eu nunca senti tanta vontade de dar coices, mas, obviamente, eu não poderia chutar um dono tão bom, então, com o tempo eu me acostumei a tudo e podia fazer meu trabalho tão bem quanto minha mãe.

Não posso me esquecer de mencionar uma parte de meu treinamento, que eu sempre considerei uma vantagem muito grande. Meu dono me mandou por uma quinzena para um fazendeiro vizinho, cuja campina era margeada de um lado pela ferrovia. Lá havia algumas ovelhas e vacas, e eu estava deitado entre elas.

Eu nunca vou esquecer o primeiro trem que passou. Eu estava me alimentando em silêncio perto das cercas que separavam a campina da ferrovia, quando ouvi um estranho som à distância e, antes de eu saber de onde vinha, com um barulho impetuoso e uma tossida de fumaça, um longo e preto trem passou voando, desaparecendo quase antes de eu conseguir recuperar meu fôlego. Virei-me e galopei para o outro lado da campina o mais rápido que consegui, e fiquei por lá, bufando de perplexidade e medo. Durante o dia, muitos outros trens passaram. Alguns eram mais lentos; esses paravam na estação ali perto e, às vezes, faziam um guincho e gemido horríveis antes de pararem. Eu achei muito medonho; mas as vacas continuavam comendo silenciosamente e mal erguiam a cabeça, conforme a coisa preta e assustadora soltava fumaça e rangia.

Nos primeiros dias eu não conseguia me alimentar em paz; mas quando descobri que a horrível criatura nunca vinha para os campos ou me fazia qualquer mal, comecei a negligenciá-la e em pouco tempo eu passei a me importar tanto quanto as ovelhas e vacas com a passagem de um trem.

Desde então, eu vi muitos cavalos alarmados e inquietos com o som de uma máquina a vapor; mas, graças aos cuidados de meu dono, sou tão destemido em estações ferroviárias quanto em meu próprio estábulo.

Agora, se alguém quiser domar bem um jovem cavalo, essa é a maneira.

Meu dono frequentemente me cavalgava em selas duplas com minha mãe, porque ela era estável e podia me ensinar a me sair melhor do que um cavalo estranho faria. Ela me disse que quanto melhor eu me comportasse, melhor eu seria tratado, e que era mais sábio sempre fazer o meu melhor para satisfazer meu dono.

— Mas... — disse ela. — ...há vários tipos de homens; há homens bons e cuidadosos, como nosso dono, que qualquer cavalo se orgulharia de servir; e há homens ruins e cruéis, que não devem ter nenhum cavalo ou cão para chamar de seu. Além disso, há muitos homens tolos; vaidosos, ignorantes e desleixados, que nunca se preocupam em pensar; esses estragam cavalos mais do que qualquer outro, apenas pela falta de senso. Eles não fazem por querer, mas fazem mesmo assim. Espero que você caia em boas mãos, mas um cavalo nunca sabe quem irá comprá-lo ou quem irá cavalgá-lo; é tudo uma questão de sorte para nós. Mas insisto, faça seu melhor, onde quer que seja, e mantenha seu bom nome.

CAPÍTULO IV – Parque Birtwick

Por agora eu estava acostumado a ficar no estábulo, e todos os dias minha pelagem era penteada até que brilhasse como a asa de um corvo. Era o começo de maio, quando veio alguém do Prefeito Gordon me levar para a prefeitura. Meu dono disse:

— Adeus, Escurinho. Seja um bom cavalo e sempre faça seu melhor.

Eu não podia dizer adeus, então coloquei meu nariz em sua mão. Ele me acariciou gentilmente, e eu deixei minha primeira casa. Por

ter vivido alguns anos com o Prefeito Gordon, posso muito bem contar algumas coisas sobre o lugar.

O parque do Prefeito Gordon beirava o vilarejo de Birtwick. Sua entrada era um grande portão de ferro, onde ficava o primeiro alojamento. Em seguida você trotava em uma estrada suave entre arvoredos de velhas árvores; logo depois havia outro alojamento e outro portão, que o levava até a casa e os jardins. Além disso, lá ficavam o cercado para cavalos da casa, o velho pomar e os estábulos. Havia acomodações para vários cavalos e carruagens; mas preciso apenas descrever o estábulo a qual fui designado; esse era bastante espaçoso, com quatro grandes baias. Uma janela grande e balançante abria para o jardim, que tornava o ambiente agradável e arejado.

A primeira baia era uma grande e quadrada, fechada por trás por um portão de madeira; as outras eram baias comuns, boas baias, mas não tão grandes. Havia uma prateleira baixa para feno e uma manjedoura baixa para trigo, que era chamada de caixa solta, porque o cavalo que era colocado ali não ficava preso, mas solto para fazer o que quisesse. É ótimo ter uma caixa solta.

Nessa boa baia o cavalariço me colocou. Era limpa, agradável e arejada. Nunca estive em uma baia melhor do que aquela, e as laterais não eram tão altas, então eu podia ver tudo que acontecia através das grades de ferro que ficavam em cima.

Ele me deu grãos muito bons, me acariciou, falou suavemente e então foi embora.

Quando terminei de comer meus grãos, olhei em volta. Na baia ao lado da minha, ficava um pônei gordo e cinza, com crina e rabo grossos, uma cabeça muito bonita e um narizinho petulante.

Coloquei minha cabeça perto das grades de ferro, na parte de cima de minha baia, e disse:

— Como vai você? Qual o seu nome?

Ele virou o máximo que seu cabresto permitia, levantou sua cabeça e disse

— Meu nome é Merrylegs. Eu sou muito bonito; carrego as jovens moças em minhas costas e, às vezes, levo nossa senhora no cabriolé baixo. Eles me consideram bastante, assim como Jones. Você vai ser meu vizinho de baia?

Eu disse: — Sim.

— Bem, então. — disse ele. — Espero que você seja bem-humorado. Não gosto de nenhum vizinho que morda.

Nesse momento, uma cabeça de cavalo apareceu na baia seguinte. As orelhas estavam para trás, e os olhos pareciam meio mal-humorados. Era uma égua alta e castanha, com um pescoço longo e bonito. Ela olhou para mim e disse:

— Então foi você que me expulsou de minha baia. É algo muito estranho que um potro como você venha e tire uma senhora de sua própria casa.

— Mil perdões. — disse eu. — Não expulsei ninguém. O homem que me trouxe me colocou aqui, e eu não tive nada a ver com isso. E em relação a eu ser um potro, eu completei quatro anos, já sou um cavalo adulto. Ainda não troquei palavras com cavalos ou éguas, e é meu desejo viver em paz.

— Bem... — ela disse. — ...veremos. Obviamente não quero trocar palavras com algo tão jovem quanto você.

Eu não disse mais nada.

Durante a tarde, quando ela saiu, Merrylegs me contou tudo sobre ela.

— É o seguinte... — disse Merrylegs. — ...Ginger tem um péssimo hábito de morder e estourar; é por isso que a chamam de Ginger; e

quando ela estava na caixa solta, costumava estourar muito. Um dia ela mordeu James no braço e o fez sangrar, e por isso a senhorita Flora e a senhorita Jessie, que gostam muito de mim, tinham medo de vir ao estábulo. Elas costumavam me trazer coisas boas para comer, uma maçã, ou uma cenoura, ou um pedaço de pão; mas depois que Ginger foi para aquela caixa solta, elas não ousaram vir, e eu sentia muito a falta delas. Espero que agora elas venham de novo, se você não morder ou estourar.

Disse a ele que nunca mordi nada a não ser grama, feno e milho, e não conseguia pensar em que prazer Ginger encontrava nisso.

— Bem, não acho que ela encontre prazer. — disse Merrylegs. — É apenas um hábito ruim. Ela diz que ninguém nunca foi gentil com ela, então, por que não deveria morder? É claro que é um hábito muito ruim; mas tenho certeza, que se o que ela diz é verdade, ela deve ter sido muito maltratada antes de vir para cá. John faz tudo que pode para agradá-la, e James também faz tudo que ele pode, e nosso dono nunca usa um chicote se o cavalo age certo; então acredito que ela pode se comportar aqui. Você vê... — ele disse, com um olhar sábio. — ...tenho doze anos, sei de bastante coisa, e posso te dizer que não há melhor lugar para um cavalo do que esse. John é o melhor cavalariço que há, ele esteve aqui por quatorze anos; e você nunca viu um garoto tão gentil quando James, então a culpa é toda de Ginger se ela não continuou nessa baia.

CAPÍTULO V – Um começo justo

O nome do cocheiro era John Manly; ele tinha uma esposa e um filho pequeno, e viviam no chalé do cocheiro, muito perto dos estábulos.

Na manhã seguinte ele me levou para o jardim e me deu uma boa arrumada, e assim que eu estava indo para minha baia, com meu pelo macio e brilhante, o prefeito veio para me ver e pareceu satisfeito.

— John... — ele disse. — ...eu queria poder testar o novo cavalo esta manhã, mas estou ocupado. Você pode levá-lo para passear depois do café da manhã também; vá pela terra comum e pela Highwood. Volte pela azenha e peloo rio; isso vai mostrar os ritmos dele.

— Eu vou, senhor. — disse John.

Depois do café da manhã, ele veio e me colocou as rédeas. Ele era muito minucioso em tirar e colocar as tiras, para encaixar minha cabeça confortavelmente. Em seguida ele trouxe uma sela, mas não era larga o suficiente para minhas costas; ele viu isso em um minuto e tentou outra, que coube bem. Ele me cavalgou primeiro devagar, depois trotando, e, então, num galope leve. Quanto estávamos na terra comum, ele me deu um leve toque com seu chicote, e tivemos um galope esplêndido.

— Ei! Ei! Meu garoto! — ele disse, conforme me puxava. — Você quer seguir os cães de caça, acho eu.

Conforme voltamos pelo parque, encontramos o prefeito e a Senhora Gordon; eles pararam, e John desceu.

— Bem, John, como ele é?

— Primeira linha, senhor. — respondeu John. — Ele é tão ligeiro quando um veado e tem um bom espírito também. O mais leve toque nas rédeas o guiará. Lá no final da terra comum, encontramos uma daquelas charretes de viagem, cheia de cestos, tapetes e coisas do tipo. O senhor sabe que muitos cavalos não passam por essas charretes em silêncio, mas ele apenas deu uma boa olhada para ela e, então, continuou tão quieto e agradável quanto podia ser. Eles estavam caçando coelhos perto da Highwood, e uma arma disparou por perto; ele levantou a cabeça um pouco e olhou, mas

não mudou nenhum passo para a esquerda ou direita. Apenas segurei as rédeas com firmeza e não o apressei. Na minha opinião, ele não se assustou ou foi maltratado quando jovem.

— Isso é bom. — disse o prefeito. — Eu mesmo irei testá-lo amanhã".

No dia seguinte fui levado para meu dono. Lembrei-me dos conselhos de minha mãe e do meu antigo e bom dono, então, tentei fazer exatamente o que ele queria que eu fizesse. Descobri que ele era um cavalgador muito bom e cuidadoso para com seu cavalo também. Quando ele voltou para casa, a senhora o esperava na porta, enquanto ele se aproximava.

— Bem, meu querido... — disse ela. — ...você gostou dele?

— Ele é exatamente o que John disse. — ele respondeu. — Uma criatura muito agradável de se montar. Como devemos chamá-lo?

— Gosta de 'Ébano'? — disse ela. — Ele é tão preto quanto ébano.

— Não, Ébano, não.

— Vai chama-lo de 'Blackbird', como o velho cavalo de seu tio?

— Não; ele é muito mais bonito do que Blackbird jamais foi.

— Sim. — disse ela. — Ele é mesmo bem bonito e tem uma cara tão doce e bem-humorada, além de olhos tão bonitos e inteligentes. O que acha dee chamá-lo de 'Beleza Negra'?

— Beleza Negra. Oh, sim, acho que esse é um nome muito bom. Se você gosta, este será o nome dele. — e assim ficou.

Quando John veio para o estábulo, ele disse a James que o senhor e a senhora tinham escolhido um nome inglês bom e sensível para mim, que significava algo; não como Marengo, Pegasus ou Abdallah. Eles dois riram, e James disse:

— Se não fosse por trazer o passado de volta, eu o chamaria de Rob Roy, pois nunca vi cavalos tão parecidos.

— Isso não é surpresa. — disse John. — Você não sabia que a velha Duquesa do Fazendeiro Gray é a mãe de ambos?

Eu nunca havia ouvido aquilo antes; então o pobre Rob Roy, que foi morto na caçada, era meu irmão! Não fiquei surpreso por ela ter ficado tão perturbada. Parece que cavalos não têm relações; pelo menos, eles nunca conhecem uns aos outros depois que são vendidos.

John parecia muito orgulhoso de mim; ele costumava deixar minha crina e rabo tão macios quanto os cabelos de uma senhora. Ele falava bastante comigo, claro que eu não entendia tudo que ele dizia, mas aprendi mais e mais para entender o que ele queria dizer e o que ele queria que eu fizesse. Comecei a gostar muito dele. Ele era tão delicado e gentil, parecia saber exatamente como um cavalo se sente e quando me limpava, sabia os lugares sensíveis. Quando escovava minha cabeça, passava com muito cuidado por meus olhos, como se fossem os dele, e nunca apareceu de mau-humor.

James Howard, o cocheiro, era tão gentil e agradável quanto, de sua própria maneira, então achei que tudo estava bem. Havia outro homem que ajudava no jardim, mas ele tinha pouquíssimo a ver com Ginger e eu.

Alguns dias depois disso, tive que sair com Ginger na carruagem. Perguntei-me como devíamos agir juntos, mas, exceto por deixar cair para trás as orelhas quando me levaram até ela, ela se comportou muito bem. Ela fez seu trabalho honestamente, além de toda sua parte, e nunca quero ter outro parceiro em arreios duplos.

Quando chegamos à uma colina, ao invés de abrandar seus passos, ela jogava seu peso direto para a coleira e puxava diretamente para cima. Nós dois tínhamos mais ou menos o mesmo tipo de coragem no trabalho, e John frequentemente tinha que nos segurar ao invés de nos estimular para frente.

Ele nunca teve que usar o chicote com nenhum de nós, e nossos passos eram basicamente os mesmos, então, achei muito fácil manter o ritmo com ela enquanto trotávamos, o que tornou o trabalho agradável. O senhor sempre gostava quando mantínhamos bem o ritmo, assim como John. Depois que saímos juntos duas ou três vezes, ficamos bastante amigáveis e sociáveis, o que fez com que me sentisse em casa.

Já em relação a Merrylegs, logo ele e eu nos tornamos grandes amigos. Ele era um carinha tão animado, valente e bem-humorado, que era o favorito de todos, especialmente das senhoritas Jessie e Flora, que costumavam cavalgá-lo perto do pomar e faziam jogos legais com ele e com o cãozinho Frisky.

Nosso dono tinha outros dois cavalos, que ficavam em outro estábulo. Um era Justice, um macho ruão, usado para cavalgar ou para o carregamento de bagagens; o outro era um velho caçador marrom, chamado Sir Oliver. Ele não conseguia mais trabalhar, mas era um favorito do senhor, que o levou para passear no parque. Às vezes ele fazia transportes na propriedade ou carregava uma das jovens senhoras quando elas passeavam com seus pais, pois era muito gentil e podia ser confiado a uma criança, tanto quanto Merrylegs. Ele era um cavalo forte, bem-feito e bem-humorado, e às vezes conversávamos no cercado; mas é claro que eu não era tão íntimo dele quando de Ginger, que ficava no mesmo estábulo que eu.

CAPÍTULO VI – Liberdade

Eu estava até feliz em meu novo lar, mas havia uma coisa da qual eu sentia falta. Não pense que eu estava descontente, afinal, todos que se relacionavam comigo eram bons, e eu tinha um estábulo

leve, arejado e a melhor comida. O que mais eu poderia querer? Oh, liberdade! Por três anos e meio de minha vida eu tive toda a liberdade que podia desejar, mas agora, semana após semana, mês após mês, e sem dúvidas ano após ano, devo ficar em um estábulo noite e dia, exceto quando precisam de mim, então, nesse momento, preciso ser tão estável e quieto como qualquer velho cavalo que tenha trabalhado por vinte anos.

Tiras aqui, tiras ali, um freio em minha boca e cabeçadas por cima de meus olhos. Não estou reclamando, apesar de saber que é o que parece; apenas quero dizer que, para um jovem cavalo cheio de força e espírito, que esteve acostumado a um grande campo ou plano, onde pôde erguer sua cabeça, balançar seu rabo e galopar para longe à toda velocidade, e então voltar e fazer tudo de novo com um resfolego para seus companheiros, digo que é difícil nunca mais ter um pouco de liberdade para fazer o que quer. Às vezes, em ocasiões em que fiz menos exercícios que o normal, me senti tão cheio de vida e energia, que, quando John me levava para me exercitar, eu realmente não conseguia ficar quieto nem fazer o que eu normalmente faria. Parecia que eu precisava saltar, dançar ou caracolear, e sei que devo ter dado umas belas sacodidas nele, especialmente no começo, mas ele sempre foi bom e paciente.

— Calma, calma, garoto! — ele dizia. — Espere um pouco e vamos dar uma boa volta. Logo o livraremos das cócegas em suas patas.

E então, assim que estávamos fora do vilarejo, ele me cavalgava por alguns quilômetros, em uma velocidade alucinante. Em seguida me trazia novinho em folha, apenas livre das inquietações, como ele as chamava. Cavalos energéticos, quando não exercitados, frequentemente são chamados de nervosos, quando na verdade estão apenas brincando; e alguns cavalariços os punem, mas nosso John não o fazia. Ele sabia que eram apenas picos de energia. Mesmo assim, ele ainda tinha seu próprio jeito de me fazer entendê-lo, pelo tom de sua voz ou por um toque nas rédeas. Se ele estava muito sério e determinado, eu sempre sabia pela sua voz, e isso me afetava mais do que qualquer coisa, pois eu gostava muito dele.

Preciso dizer que algumas vezes nós tínhamos nossa liberdade por algumas horas; isso costumava ser em domingos ensolarados na época do verão. As carruagens nunca saiam aos domingos, pois a igreja não era muito longe.

Era um deleite para nós quando nos colocavam nos cercados da casa ou no velho pomar. A grama era tão fria e macia sob nossos pés, o ar tão fresco, e a liberdade de fazermos o que quiséssemos era tão agradável – galopar, deitar, rolar em nossas costas ou mordiscar a grama fresca. Aquele era um ótimo momento para conversar, enquanto ficávamos juntos debaixo da sombra da castanheira.

CAPÍTULO VII – Ginger

Um dia, quando Ginger e eu estávamos sozinhos na sombra, conversamos bastante. Ela quis saber tudo sobre minha domação e eu contei a ela.

— Bem... — disse ela. — ...se eu tivesse sido domada como você, eu poderia um temperamento tão bom quando o seu, mas agora acredito que nunca terei.

— Por que não? — perguntei.

— Porque tudo foi muito diferente comigo. — ela respondeu. — Nunca houve ninguém, cavalo ou homem, que fosse gentil comigo ou alguém a quem eu me importasse em agradar. Primeiramente, eu fui tirada de minha mãe, assim que fui desmamada, e colocada com mais um monte de outros jovens potros. Nenhum deles se importava comigo, e eu não me importava com nenhum deles. Não havia um

dono gentil como o seu para cuidar de mim, falar comigo e me trazer coisas gostosas para comer.

O homem que tinha nossa guarda nunca me dirigiu uma única palavra gentil em toda a minha vida. Não quero dizer que ele me maltratou, mas ele não se importava conosco o suficiente para fazer mais que garantir que tivéssemos o suficiente para comer e um abrigo no inverno. Um atalho cortava nosso campo, e, muito frequentemente, os garotos que passavam, atiravam pedras em nossa direção para nos fazer galopar. Nunca fui atingida, mas um potro muito bonito sofreu um corte severo na cara, e acredito que a cicatriz tenha ficado para sempre.

Nós não nos importávamos com eles, mas é claro que nos tornavámos mais selvagens, então colocamos em nossas cabeças que garotos eram nossos inimigos. Divertíamos-nos muito nas campinas abertas, galopando para cima e para baixo, perseguindo uns aos outros ao redor do campo e ficando parados debaixo das sombras das árvores. Mas a época da domação foi um tempo ruim para mim.

Vários homens vieram me pegar e quando finalmente me encurralaram em um canto do campo, um me pegou pela cavilha, outro me pegou pelo nariz e segurou com tanta força que eu quase não conseguia respirar; depois, outro me pegou pelo queixo, com sua mão rígida, arreganhando minha boca, e, então, à força, colocaram-me o cabresto e o freio. Em seguida, um me arrastou pelo cabresto, outro me bateu atrás, e essa foi a minha primeira experiência com a gentileza dos homens – era tudo força.

Eles não me deram chance de saber o que queriam. Eu fui bem criada, tinha muita energia e era muito selvagem, sem dúvidas, e os dei, ouso dizer, muitos problemas, mas era horrível ficar trancada em uma baia dia após dia, ao invés de ter minha liberdade. E eu me lamuriava e definhava, querendo ser solta. Você mesmo sabe que já é ruim o suficiente quando se tem um dono cuidadoso e muita adulação, mas não houve nada desse tipo para mim.

“Houve um, meu antigo dono, Sr. Ryder, que acredito que poderia logo ter me trazido, e poderia ter feito qualquer coisa comigo; mas ele deixou toda a parte difícil da negociação para seu filho e para um outro homem experiente. e então, ele vinha apenas de vez em quando para inspecionar. O filho dele era um homem forte e corajoso. Chamavam-no de Samson, e ele costumava se vangloriar que nunca conseguira encontrar um cavalo que o derrubasse. Não havia gentileza nele, como havia em seu pai, mas apenas rigidez: uma voz rígida, um olhar rígido, uma mão rígida; e senti de primeira que o que ele queria era desgastar toda minha energia e me transformar em um simples pedaço de carne de cavalo quieta, submissa e obediente. ‘Carne de cavalo!’ Sim, isso era tudo que ele pensava.”

Ginger bateu sua pata, como se apenas o pensamento a deixasse brava. Então, continuou:

“Se eu não fizesse exatamente o que ele queria, ficava furioso e me fazia correr em círculos, com aquelas rédeas, no campo de treinamento, até que eu ficasse exausta. Acho que ele bebia muito, e tenho muita certeza que quanto mais ele bebia, pior era para mim. Um dia ele deu muito duro comigo, de todas as maneiras que podia, e quando me deitei, estava cansada, miserável e brava; tudo parecia muito difícil. No dia seguinte, ele veio me buscar cedo e me cavalgou de novo por um longo tempo.

Eu tive apenas uma hora de descanso, até que ele veio novamente com a sela, o cabresto e um novo tipo de freio. Nunca soube direito como aconteceu; ele estava apenas me montando no campo de treinamento, quando algo que fiz o irritou, então ele me puxou forte pelas rédeas. O novo freio era muito doloroso, e eu parei subitamente, o que o deixou ainda mais irritado, começando a me bater. Senti toda minha energia se voltar contra ele e comecei a dar coices, a me sacudir para frente e para trás como nunca tinha feito antes, e tivemos uma briga regular.

Por um bom tempo, ele se segurou nas rédeas e me puniu cruelmente com seu chicote e esporas, mas meu sangue subiu por

completo, fazendo com que eu não me importasse com nada que ele pudesse fazer, desde que eu o jogasse para longe. Finalmente, depois de uma luta terrível, o fiz cair para trás. Eu o ouvi cair pesadamente na relva, e, sem olhar para trás, galopei para o outro lado do campo. Lá, eu me virei e vi meu opressor lentamente se levantando do chão e indo para o estábulo.

Eu fiquei debaixo de um carvalho e observei, mas ninguém veio me buscar. O tempo ia passando, o sol começou a ficar muito quente, as moscas se aglomeraram à minha volta e se fixaram no meu flanco sangrento onde as esporas tinham se fincado. Eu sentia fome, pois não tinha comido desde muito cedo pela manhã, mas não havia grama suficiente naquela campina para um simples sobreviver.

Eu queria deitar e descansar, mas com as rédeas presas muito justas, não havia conforto, e não havia uma gota d'água para beber. A tarde chegou, e o sol começou a baixar. Eu vi os outros potros serem guiados para dentro, e eu sabia que eles estavam se alimentando bem."

"Finalmente, enquanto o sol se punha, vi meu antigo dono sair com uma peneira em sua mão. Ele era um senhor muito bonito, com o cabelo bastante branco, cuja voz eu reconheceria entre mil outras. Não era aguda, tampouco grave, mas cheia, clara e gentil, e quando ele dava ordens, era tão estável e decidido, que todos sabiam, cavalos e homens, que ele esperava ser obedecido. Ele veio silenciosamente, chacoalhando os grãos que trazia na peneira, falando animada e suavemente comigo:

— Venha, mocinha. Venha cá, garota, venha, venha cá!

"Fiquei parada e o deixei se aproximar. Ele estendeu os grãos para mim, e comecei a comer sem medo, pois sua voz o levara embora. Ele ficou por perto, me acariciando e afagando enquanto eu comia, e vendo os coágulos de sangue em minhas laterais. Ele pareceu muito aborrecido."

— Pobre garota! Foi uma troca ruim, uma troca ruim!

“E, então, ele calmamente tirou minhas rédeas e me guiou até o estábulo. Logo na porta estava Samson. Dobrei minhas orelhas para trás e o repreendi.

— Para trás! — disse o senhor. — E fique fora do caminho dela. Você deu um dia muito ruim para essa potranca.

“Ele rosnou algo, como um brutamontes depravado.”

— Escute-me. — disse o pai. — Um homem de temperamento ruim nunca vai ter um cavalo de temperamento bom. Você ainda não aprendeu seu ofício, Samson.

“Em seguida ele me levou até minha baia, tirou as rédeas e o cabresto com suas próprias mãos e me amarrou. e então, ele pediu um balde de água morna, uma esponja e ensaboou minhas laterais por um bom tempo, com tanta gentileza, que eu tinha certeza que ele sabia o quão cansadas e feridas elas estavam.”

— Oh, minha linda. — ele disse. — Fique parada, fique parada.

“Apenas sua voz já me fez bem, e o banho foi muito confortável. A pele estava tão rachada nas pontas de minha boca, que eu não conseguia comer o feno, pois os talos me machucavam. Ele olhou de perto para ela, balançou sua cabeça e disse ao homem para buscar uma mistura de farelos, transformada em uma refeição. Quão boa a mistura estava! Tão macia e cicatrizante em minha boca. Ele ficou por perto enquanto eu comia, me afagando e falando com outro homem:”

— Se uma criatura tão enérgica como essa não for domada de maneiras justas, nunca será boa para nada. — disse ele.

“Depois disso, ele vinha me ver com frequência, e quando minha boca ficou curada, o outro amansador, Job, como o chamavam,

continuou me treinando. Ele era firme e cuidadoso, e logo aprendi o que ele queria".

CAPÍTULO VIII – A história de Ginger continuou

Na vez seguinte em que Ginger e eu ficamos juntos no cercado, ela me contou sobre sua primeira moradia.

— Depois de minha domação, — ela disse. —, fui comprada por um negociador, para fazer par com outro cavalo castanho. Por algumas semanas ele nos cavalgou juntos, mas logo fomos vendidos para um cavalheiro elegante e mandados para Londres. Fui cavalgada com gamarras, que eu odiava mais do que tudo. Mas nesse lugar, as gamarras eram muito mais apertadas, pois o cocheiro e seu senhor achavam que ficávamos mais elegantes desse modo. Frequentemente nós éramos cavalgados em parques e outros lugares de bom gosto. Você, que nunca usou uma dessas rédeas, não sabe como são, mas posso lhe dizer que são terríveis."

"Gosto de balançar minha cabeça, mantendo-a tão erguida quanto qualquer outro cavalo, mas imagine se você lançasse sua cabeça para cima e fosse obrigado a mantê-la lá por horas a fio, sem poder mexê-la de forma alguma, exceto ainda mais para cima, sentindo seu pescoço doer até não mais conseguir aguentar. Além disso, usava dois freios ao invés de um, e o meu era um bastante afiado, machucava minha língua e meu maxilar, e o sangue de minha língua coloria a espuma que continuava a brotar dos meus lábios, enquanto eu era desgastada e atormentada pelos freios e rédeas. Era ainda pior quando tínhamos que ficar esperando nossa senhora por horas em alguma festa ou entretenimento; e se eu me lamuriasse ou ficasse inquieta e impaciente, desciam o chicote. Era o suficiente para enlouquecer qualquer um".

— Seu dono não se importava contigo? — disse eu.

— Não. — disse ela. — Ele só se importava em ter uma chegada elegante, como eles chamavam. Acho que ele sabia muito pouco sobre cavalos; ele deixava isso para seu cocheiro, que dizia a ele que eu tinha um temperamento irritável, que não tinha sido bem acostumada às gamarras, mas que logo me acostumaria. Mas ele não era o homem certo para fazer isso, pois quando eu estava no estábulo, triste e brava, ao invés de ser acalmada e tranquilizada com gentileza, ganhava apenas palavras mal-humoradas ou bufadas.

Se ele fosse delicado, eu teria tentado aguentá-la. Eu estava disposta e pronta para trabalhar duro, mas ser atormentada por causa de seus luxos me deixava irritada. Que direito eles tinham de me fazer sofrer daquele jeito? Além do ferimento em minha boca e da dor em meu pescoço, aquilo fez com que minha traqueia ficasse ruim, e se eu tivesse ficado lá por muito mais tempo, sei que teria prejudicado minha respiração. Mas eu ficava cada vez mais agitada e irascível, algo que eu não podia evitar, como consequência, comecei a morder e dar coices quando qualquer um vinha colocar os arreios em mim. Por isso, o cavalariço me batia; e um dia, logo depois de nos prenderem na carruagem, começaram a tencionar minha cabeça com aquela rédea, então, comecei a pular e chutar com todas as minhas forças. Logo quebrei vários arreios, me livrei aos chutes, e esse foi o fim daquele lugar.”

“Depois disso, fui mandada à Tattersall para ser vendida. Claro que eu não podia ser garantida como livre de defeitos, então nada foi dito sobre isso. Minha boa aparência e ritmo logo trouxeram um cavalheiro a ofertar por mim, e fui comprada por outro negociador. Ele me tentou de todos os jeitos, com vários tipos diferentes de freios, mas logo descobriu o que eu não podia suportar. Pelo menos ele me cavalgava tranquilamente sem a gamarra, até que me vendeu como um cavalo totalmente calmo para um cavalheiro do interior.

Ele era um bom dono, e eu estava me ajeitando muito bem, mas o cavalariço antigo dele o deixou, e um novo veio. Esse homem era tão rígido quanto Samson; ele sempre falava em um tom duro e impaciente, e se eu não me movesse na baia no instante que ele queria, ele me batia acima dos jarretes com sua vassoura do estábulo, com sua forquilha ouqualquer coisa que tivesse em sua mão. Tudo que ele fazia era rude, e eu comecei a odiá-lo.

Ele queria me fazer ter medo dele, mas eu era muito fogosa para isso; e, um dia, quando ele havia me provocado mais que o normal, eu o mordi, o que obviamente o deixou com muita raiva, começando a me bater perto da cabeça com um chicote de montaria.

Depois disso, ele nunca mais ousou vir à minha baia novamente, pois meus dentes e meus cascos estavam prontos para ele, e ele sabia disso. Eu era tranquila com meu dono, mas claro que ele ouvia o que o homem tinha a dizer, então fui vendida novamente."

"O mesmo negociante ouviu sobre mim e disse que achava que conhecia um lugar onde eu me daria bem."

— Mas que pena! — ele disse. — É uma égua muito bonita, mas estragaria uma chance muito boa.

"E o fim disso foi que vim para cá, não muito antes de você, mas eles me fizeram pensar que os homens são meus inimigos naturais e que eu devo me defender. Claro que é muito diferente aqui, mas quem sabe quanto irá durar? Eu gostaria de ver as coisas como você vê, mas não consigo depois de tudo pelo que passei."

— Bem... — eu disse. — ...acho que seria uma grande vergonha se você mordesse ou desse um coice em John ou James".

— Não pretendo fazer isso. — disse ela. — Não enquanto eles forem bons comigo. Uma vez eu mordi James feio, mas John disse: 'Tente com delicadeza', e ao invés de me punir como eu esperava, James veio até mim, com seu braço estendido, me trouxe um mingau de sobras e me acariciou; e eu nunca mais estourei com ele.

Eu sentia muito por Ginger, mas claro que, na época, eu sabia muito pouco e pensava que ela devia ter feito soar pior do que tinha sido; entretanto, eu descobri, conforme as semanas se passavam, que ela ficava mais gentil e alegre, perdendo o olhar alarmado, desafiador, que ela usava para encarar qualquer pessoa estranha que chegasse perto dela. E, um dia, James disse:

— Realmente acho que aquela égua está começando a gostar de mim. Ela relinchou bastante esta manhã, quando eu estava acariciando sua testa.

— Que bom, Jim! São as Bolas de Birtwick. — disse John. — Ela vai ficar tão boa quanto Beleza Negra rapidinho. Gentileza é todo o remédio que ela precisa, coitadinha!

O senhor notou a mudança também e, um dia, quando saiu da carruagem e veio falar conosco, como ele frequentemente fazia, acariciou o lindo pescoço dela.

— Bem, minha linda, como vão as coisas com você agora? Acho que está muito mais feliz do que quando veio para nós.

Ela estendeu o nariz para ele de um jeito amigável e confiante, enquanto ele o esfregava suavemente.

— Vamos curá-la, John. — ele disse.

— Sim, senhor; ela está maravilhosamente melhor. Não é a mesma criatura que era antes; são as Bolas de Birtwick, senhor. — disse John, rindo.

Essa era uma piadinha de John; ele costumava dizer que “as bolas de cavalo de Birtwick” curariam quase qualquer cavalo depravado. Essas bolas, ele disse, eram feitas de paciência e gentileza, firmeza e carinho, um pouquinho de cada um, misturados com uma pitada de bom senso, dadas ao cavalo todos os dias.

CAPÍTULO IX – Merrylegs

Sr. Blomefield, o delegado, tinha uma grande família de garotos e garotas. Às vezes eles vinham brincar com as Senhoritas Jessie e Flora. Uma das garotas tinha a mesma idade da Senhorita Jessie; dois dos garotos eram mais velhos, e havia vários outros pequeninos. Quando eles vinham, havia muito trabalho para Merrylegs, pois nada os agradava tanto quando montá-lo em turnos, cavalgá-lo por todo o cercado e pelo pomar da casa, e eles faziam isso por horas a fio.

Houve uma tarde em que ele saiu com eles por bastante tempo, e quando James o trouxe para dentro e o prendeu com a corda, disse:

— Ai, seu patife, cuidado com como você se porta, pois podemos ter problemas.

— O que você andou fazendo, Merrylegs? — perguntei.

— Oh! — disse ele, virando sua pequena cabeça. — Eu apenas dei uma lição naqueles jovenzinhos. Eles não sabiam que já estavam cansados, nem que eu já estava cansado, então, eu apenas os joguei para trás. Essa foi a única forma deles entenderem.

— O quê? — disse eu. — Você jogou as crianças para longe? Achei que você fosse mais esperto do que isso. Você jogou Senhorita Jessie ou Senhorita Flora?

Ele pareceu muito ofendido e disse:

— Claro que não; eu não faria nada que custasse os melhores grãos que como aqui no estábulo. Ora, sou tão cuidadoso com nossas jovens senhoritas quanto o senhor poderia ser; e quanto aos pequeninos, sou eu quem os ensina a cavalgar. Quando eles

parecem assustados ou um pouco instáveis em minhas costas, caminho tão suave e silenciosamente quanto a velha gata quando está atrás de um pássaro. E quando eles estão se sentindo bem, eu vou rápido novamente, apenas para acostumá-los a isso; então, não se preocupe em me dar sermões, pois sou o melhor amigo e o melhor professor de montaria que essas crianças têm.

Não são eles, são os garotos. ─ disse ele, balançando sua crina. Esses garotos são bem diferentes; eles precisam ser domados, quando como fomos domados quando éramos potros, e precisam apenas aprenderem o que é o quê. As outras crianças me cavalgaram por quase duas horas, então, os garotos acharam que era a vez deles, e eu estava bem disposto. Eles me cavalgaram em turnos, e eu os galopei por aí, para cima e para baixo pelos campos e por todo o cercado por um bom tempo. Cada um deles tinha quebrado um galho para usar como chicote de montaria e os usavam com um pouco mais de força, mas aguentei uma boa parte, até que enfim achei que era suficiente.

Então, parei umas duas ou três vezes, dando dicas. Garotos, você vê, pensam que um cavalo ou um pônei são como uma máquina a vapor, que podem cavalgar tanto quanto eles quiserem e tão rápido quanto eles quiserem; eles nunca pensam que um pônei pode se cansar ou ter qualquer sentimento. Bem, como o que estava me chicoteando não conseguia entender, eu apenas levantei minhas patas traseiras e o deixei escorregar para trás. Isso foi tudo. Ele me montou de novo, e eu fiz o mesmo.

Então o outro garoto subiu, e assim que começou a usar seu galho, eu o deixei cair na grama, e assim foi, até que eles compreenderam. Isso foi tudo. Eles não são maus garotos, não querem ser cruéis. Eu gosto bastante deles, mas, você vê, preciso lhes dar uma lição. Quando eles me levaram até James e contaram a ele, acho que ele ficou bem bravo de ver galhos tão grandes. Ele disse que serviam apenas para vaqueiros ou ciganos e não para jovens cavalheiros.

─ Se eu fosse você... ─ disse Ginger. ─ ...teria dado um bom coice nesses rapazes, e isso lhes daria uma lição.

— Sem dúvidas você faria isso. — disse Merrylegs. — Mas não sou tão tolo (e me desculpe por isso) a ponto de enraivecer nosso senhor ou fazer James ter vergonha de mim; além disso, aquelas crianças ficam sob meu comando quando estão cavalgando, ouso dizer que confiam em mim.

Oras, há pouco tempo ouvi nosso dono dizer à Sra. Blomefield: ‘minha querida senhora, você não precisa ficar nervosa em relação às crianças; meu velho Merrylegs vai ter tanto cuidado com eles quanto você ou eu teríamos. Te garanto, não venderia aquele pônei por nenhuma quantia, ele tem um temperamento muito bom e é muito confiável.’.

E você acha que sou um brutamontes tão ingrato para esquecer todo o tratamento gentil que eu recebi aqui por cinco anos e toda a confiança que eles depositam em mim, me tornando um depravado, só porque alguns garotos ignorantes me maltrataram? Não, não! Você nunca viveu em um lugar onde fossem gentis contigo, então você não sabe, e eu sinto muito por você; mas posso lhe dizer que bons lugares fazem bons cavalos.

Eu não aborreceria nosso pessoal por nada. Eu os amo, amo mesmo. — disse Merrylegs, e proferiu um baixo "ho! Ho! Ho!” por seu nariz, como ele costumava fazer pela manhã, quando ouvia os passos de James na soleira.

— Além disso... continuou ele. — ...se eu começasse a dar coices, onde eu estaria? Oras, seria vendido em um instante, sem nenhum caráter, e poderia acabar me tornando um escravo de um açougueiro ou trabalhar até a morte em um lugar na costa, onde ninguém se importaria comigo, exceto para descobrir o quão rápido eu consigo cavalgar, ou ser açoitado em alguma carruagem por três ou quatro homens grandes à caminho de alguma farra de domingo, como frequentemente presenciei no lugar em que vivi antes de vir para cá. Não... — disse ele, balançando sua cabeça. — ...espero nunca terminar assim.

CAPÍTULO X – Uma conversa no pomar

Ginger e eu não éramos da raça de cavalos altos, típica de carruagens; tínhamos mais sangue de corrida em nós. Tínhamos cerca de 1,5m de altura; éramos, portanto, tão bons para cavalgar quando éramos para puxar carruagens, e nosso dono costumava dizer que odiava qualquer cavalo ou homem que só conseguisse fazer uma coisa. Como ele não queria se exibir nos parques de Londres, preferia um tipo mais ativo e útil de cavalo. Quanto a nós, nosso maior prazer era quando éramos selados para uma festa de montaria; o senhor montando em Ginger, e a senhora em mim, e as jovens senhoritas em Sir Oliver e Merrylegs.

Era tão divertido ficar trotando e galopando por aí, que sempre nos deixava bem enérgicos. Eu ficava com o melhor, pois sempre carregava a senhora; ela pesava pouco, sua voz era doce e sua mão era tão leve nas rédeas, que eu era guiado quase sem senti-la.

Oh! Se as pessoas soubessem o quanto é confortável para um cavalo ser guiado por alguém com mãos leves, com palavras boas e um bom temperamento, elas certamente nunca iriam forçar, arrastar ou puxar as rédeas como frequentemente fazem. Nossas bocas são tão sensíveis, que se não forem estragadas ou endurecidas por tratamento ruim ou ignorante, sentiriam o menor movimento da mão do cavaleiro, e saberíamos em um instante o que era desejado de nós.

Minha boca nunca foi estragada, e eu acredito que era por isso que a senhora preferia a mim do que Ginger, embora os trotes dela fossem tão bons quanto os meus. Ela costumava sempre me invejar, dizendo que era tudo culpa de sua domação e dos freios de Londres, que a boca dela não era tão boa quanto a minha; e então o velho Sir Oliver dizia:

— Calma, calma! Não se aborreça! Você tem a maior honra; uma égua que consegue carregar um homem alto com o peso de nosso senhor, não precisa abaixar sua cabeça por não carregar a senhora. Nós, cavalos, devemos aceitar as coisas como elas são e sempre estarmos satisfeitos e dispostos, desde que sejamos gentilmente usados.

Sempre me perguntei como Sir Oliver podia ter um rabo tão curto. Este, realmente, tinha apenas uns quinze centímetros, com um punhado de pelos pendurados. Em um de nossos feriados no pomar, eu me aventurei a perguntar em que tipo de acidente ele tinha perdido seu rabo.

— Acidente! — ele bufou, com um olhar feroz. — Não foi um acidente, foi um ato cruel, vergonhoso e de sangue frio! Quando eu era pequeno, fui levado a um lugar onde essas coisas eram feitas; eu fui amarrado, e foi tudo tão rápido que não consegui desviar, e, então, eles vieram e cortaram meu longo e lindo rabo, pela carne e pelo osso, e o jogaram fora”

— Que horrível! — exclamei.

— Horrível, ah! Foi horrível, mas não era apenas a dor, embora esta fosse terrível e tenha durado um bom tempo; não era apenas a indignidade de ter meu melhor ornamento tirado de mim, embora tenha sido ruim; mas era isso: como eu poderia continuar espantando as moscas de minhas laterais e minhas pernas? Vocês que têm rabos, apenas abanam as moscas sem nem pensar nisso, e vocês não sabem que tormento é tê-las em você, e senti-las picar, picar, e não ter nada no mundo para espantá-las. Posso lhe dizer, foi um erro e uma perda para a vida toda, mas, graças a Deus, eles não fazem mais isso.

— E por que fizeram, então? — disse Ginger.

— Pela moda! — disse o velho cavalo, com uma batida de seu pé — Pela moda! Se é que você sabe o que isso quer dizer. Não havia um único cavalo bem criado em minha época, que não tivesse seu rabo

cortado desse jeito vergonhoso, quase como se o bom Deus que nos fez não soubesse o que estava fazendo nem o que era mais bonito.

— Imagino que seja pela moda que prendem nossas cabeças com aqueles freios horríveis, com quais eu era torturada em Londres. — disse Ginger.

— Claro que é. — disse ele. — Na minha cabeça, moda é uma das coisas mais perversas do mundo. Agora veja, por exemplo, a maneira como eles servem aos cães; cortando seus rabos para deixá-los ousados e tosando suas lindas orelhas a ponto de deixá-los mordazes, de verdade!

Eu tive uma querida amiga uma vez, uma terrier marrom. Chamavam-na de ‘Skye’. Ela gostava tanto de mim que nunca saia de meu estábulo. Ela montou sua cama debaixo da manjedoura e, lá, teve uma ninhada de cinco filhotes tão lindos quando podiam ser.

Nenhum foi afogado, pois eram de uma raça valiosa. Ela estava muito feliz com eles; e quando abriram os olhos e se arrastaram por aí, foi uma visão realmente bonita. Mas, um dia, o homem veio e levou todos embora; achei que ele pudesse ter medo que eu os pisoteasse. Mas não foi nada disso; à noite, a pobre Skye os trouxe de volta, um por um, em sua boca; não as coisinhas felizes que eles eram, mas sangrando e chorando lamentavelmente, pois todos tiveram um pedaço de seus rabos cortados, e a aba de suas belas orelhas também. Como sua mãe os lambeu!

Como ela estava perturbada, coitadinha! Nunca me esqueci. Eles se curaram com o tempo e esqueceram da dor, mas a aba suave e bonita, que obviamente era planejada para proteger a parte delicada de suas orelhas de poeira e ferimentos, se foi para sempre. Por que não cortam as orelhas de suas próprias crianças para deixá-las mordazes? Por que não cortam a ponta de seus narizes para deixá-los parecendo destemidos? Um ser é tão sensível quando o outro.

Que direito eles têm de atormentar e desfigurar as criaturas de Deus?

Sir Oliver, apesar de ser tão dócil, era um sujeito impetuoso, e o que ele dizia era tão novo para mim, e tudo tão horrível, que senti uma sensação amarga em relação aos homens se formando em mim, algo que nunca senti antes. Claro, Ginger estava muito animada; ela ergueu sua cabeça, com os olhos arregalados e as narinas infladas, declarando que os homens eram tão brutos quanto estúpidos.

— Quem está falando sobre estúpidos? — disse Merrylegs, que tinha acabado de voltar da velha macieira, onde esteve se esfregando contra os ramos baixos. — Quem está falando sobre estúpidos? Acredito que essa seja uma palavra ruim.

— Palavras ruins foram feitas para coisas ruins. — disse Ginger, e ela contou o que Sir Oliver havia dito.

— É tudo verdade. — disse Merrylegs, infeliz. — E eu vi isso acontecer com os cães várias vezes onde morava antes. Mas não vamos falar sobre isso aqui. Você sabe que o senhor, John e James são sempre bons conosco, e falar contra os homens, em um lugar como esse, não parece justo ou grato, e vocês sabem que há bons senhores e bons cavalariços além dos nossos, embora, é claro, os nossos sejam os melhores.

Esse sábio discurso do pequeno Merrylegs, que sabíamos ser bem verdade, nos acalmou a todos, especialmente Sir Oliver, que gostava muito de seu senhor. E, para mudar de assunto, eu disse:

— Alguém pode me dizer a utilidade das cabeçadas?

— Não! — disse Sir Oliver, bruscamente. — Porque não são úteis.

— Supostamente... — disse Justice, o macho ruão, em seu jeito calmo. — ...devem prevenir os cavalos de se contraírem, dispararem e ficarem tão assustados a ponto de causar acidentes".

— Então, qual o motivo de não colocarem em cavalos de corrida; especialmente em cavalos de senhoras? — disse eu.

— Não há nenhuma razão. — disse ele tranquilamente. — Exceto, talvez, a moda. Eles dizem que um cavalo ficaria tão assustado em ver as rodas de sua própria carroça ou carruagem vindo atrás dele que, com certeza, sairia correndo. Embora, é claro, quando está sendo montado, as vê à sua volta constantemente se as ruas estão cheias.

Admito que fazem algumas coisas ficarem perto demais para serem agradáveis, mas nós não saímos correndo; estamos acostumados a isso e entendemos, e se nunca tivéssemos usado cabeçadas veríamos o que deveríamos ver e saberíamos o que deveríamos saber, e então ficaríamos bem menos assustados do que quando vemos apenas partes de coisas que não conhecemos. Claro, pode ser que haja alguns cavalos nervosos, que foram machucados ou assustados quando eram jovens, que podem precisar de cabeçadas; mas como nunca fui nervoso, não posso julgar.

— Eu considero — disse Sir Oliver. — as cabeçadas muito perigosas, principalmente à noite. Nós, cavalos, podemos ver muito melhor à noite do que os homens, e muitos acidentes nunca aconteceriam se os cavalos tivessem pleno uso de seus olhos. Alguns anos atrás, eu me lembro, havia uma carreta fúnebre com dois cavalos, voltando em uma noite escura, perto da casa do Fazendeiro Sparrow, onde a lagoa fica perto da estrada. As rodas estavam muito próximas da borda, e a carreta fúnebre virou na água.

Ambos os cavalos se afogaram, e o cavaleiro quase não escapou. Claro, depois desse acidente, uma guia branca e robusta foi colocada, de forma que pudesse ser vista facilmente, mas se aqueles cavalos não tivessem sido parcialmente cegados, eles mesmos teriam ficado mais longe da borda, e nenhum acidente jamais teria acontecido. Quando a carruagem de nosso senhor virou, antes de você vir para cá, foi dito que se a lâmpada à esquerda não tivesse se apagado, John teria visto o grande buraco que os construtores da estrada deixaram. E teria visto mesmo. Mas,

se o velho Colin não estivesse usando cabeçadas, ele teria visto, com ou sem lâmpada, pois era um cavalo sábio demais para ir em direção ao perigo. Da forma como aconteceu, ele se feriu bastante, a carruagem quebrou, e como John escapou, ninguém nunca soube".

— Devo dizer — disse Ginger, enrolando sua narina. — que esses homens, que se acham tão espertos, deviam dar ordens para que, no futuro, todos os potros nascessem com seus olhos colocados bem no meio de suas testas, ao invés de na lateral. Eles sempre acham que podem melhorar a natureza e consertar o que Deus fez.

As coisas estavam ficando inflamadas de novo, mas Merrylegs ergueu sua carinha sábia e disse:

— Vou lhes contar um segredo: acredito que John não aprove cabeçadas. Escutei-o conversando com o senhor sobre isso um dia. O senhor disse que 'se os cavalos estão acostumados com elas, pode ser perigoso, em alguns casos, deixá-los sem.', e John disse que seria uma coisa boa se todos os potros fossem domados sem elas, como acontece em alguns países estrangeiros. Então, vamos nos animar e dar uma corrida até o outro lado do pomar; acredito que o vento tenha derrubado algumas maçãs, então, podemos muito bem comê-las como as lesmas.

Merrylegs não conseguiria resistir, então, paramos nossa longa conversa, e aumentamos nossa energia comendo algumas maçãs muito doces que estavam espalhadas pela grama.

CAPÍTULO XI – Franqueza

Quanto mais eu vivia em Birtwick, mais feliz e orgulhoso me sentia de estar em um lugar como aquele. Nosso senhor e senhora eram respeitados e queridos por todos que os conheciam; eles eram bons e gentis com tudo e todos, não apenas com homens e mulheres, mas com cavalos, burros, cães, gatos, gado e pássaros; não havia criatura oprimida ou maltratada que não encontrasse um amigo neles, e seus criados tinham o mesmo comportamento. Se qualquer criança do vilarejo tratasse alguma criatura cruelmente, eles logo tomavam conhecimento através da Prefeitura.

O prefeito e o Fazendeiro Grey tinham trabalhado juntos, como eles disseram, por mais de vinte anos, para eliminar o uso de gamarras em cavalos de carruagem, e em nossas terras você raramente as via. As vezes, se a senhora encontrasse algum cavalo sobrecarregado, com sua cabeça estirada para cima, ela pararia a carruagem e desceria para discutir com o cavaleiro, com sua voz doce e séria, tentando mostrar a ele o quão tolo e cruel era.

Não acredito que algum homem pudesse se opor à nossa senhora. Queria que todas as moças fossem como ela. Nosso senhor, também, costumava pegar bem pesado algumas vezes. Lembro que um dia ele estava me cavalgando para casa, quando vimos um homem poderoso dirigindo em nossa direção, em um elegante cabriolé de pôneis, com um lindo pônei baio, com pernas delgadas, uma cabeça e rosto sensíveis e bem feitos. Assim que ele se aproximou dos portões do parque, a coisa pequenina virou em direção a nós.

O homem, sem nenhuma palavra ou aviso, torceu a cabeça da criatura, com tanta força e rapidez, que ele quase o jogou em suas próprias ancas. Recuperando-se, ele continuou galopando, até que começou a açoitá-lo furiosamente. O pônei mergulhou para frente, mas a mão pesada e forte segurou a bela criatura, com força quase que suficiente para quebrar seu maxilar, enquanto ainda descia o chicote nele. Foi uma visão horrível para mim, pois eu sabia que dor terrível aquilo proporcionava àquela boca delicada e pequena; mas o senhor me deu a ordem e o alcançamos em um segundo.

— Sawyer! — ele exclamou, em uma voz austera. — Esse pônei é feito de carne e osso?

— Carne, osso e mau comportamento. — ele disse. — Ele quer agir por sua própria vontade, e isso não serve para mim. — ele falava com uma forte paixão. Ele era um construtor que frequentemente vinha ao parque a negócios.

— E você acha, — disse o senhor com severidade. —, que tratando-o dessa maneira vai torná-lo um apreciador de sua vontade?

— Ele não tinha que ter dado aquela volta; seu caminho era sempre em frente! — disse o homem com aspereza..

— Você já cavalgou esse pônei várias vezes até minha casa. — disse o senhor. — Isso apenas mostra a inteligência e memória da criatura. Como ele poderia saber que você não estava indo para lá novamente? Mas isso pouco tem a ver. Devo dizer, Sr. Sawyer, que nunca testemunhei tratamento tão desumano e brutal contra um pequeno pônei. Cedendo à tamanha paixão, você machuca sua própria figura, da mesma forma como machuca seu cavalo; e, lembre-se, todos devemos ser julgados de acordo com nossas atitudes, quer sejam em relação aos homens ou aos animais.

O senhor me cavalgou para casa lentamente, e podia-se medir, pelo seu tom de voz, o quanto a situação o tinha afligido. Ele era tão livre para falar com cavalheiros de sua própria classe quanto com aqueles de classes mais baixas. Em outro dia, quando saímos, encontramos o Capitão Langley, um amigo de nosso senhor. Ele estava dirigindo um esplêndido par de cavalos cinzas em uma espécie de folga. Depois de um pouco de conversa, o capitão disse:

— O que você acha de meu novo time, Sr. Douglas? Como sabe, você é o perito em cavalos por aqui, e eu gostaria de sua opinião.

O senhor recuou um pouquinho comigo, para ter uma melhor visão deles.

— Eles são um par extremamente bonito. — ele disse. — E se são tão bons quanto parecem, tenho certeza que você não precisa desejar nada melhor. Mas vejo que você continua com aquele seu esquema para preocupar seus cavalos, diminuindo o poder deles.

— O que você quer dizer? — disse o outro. — Está falando das gamarras? Oh, sim! Sei que esse é um hobby seu. Bem, o fato é que gosto de ver meus cavalos com a cabeça erguida.

— Eu também. — disse o senhor. — Tanto quanto qualquer homem, mas não gosto de vê-los presos; tira todo o brilho deles. Agora, você é um militar, Langley, e, sem dúvidas, gosta de ver seu regimento bonito na parada, 'cabeças erguidas' e tudo o mais; mas você não levaria muito crédito pelo seu pelotão se todos os seus homens tivessem suas cabeças amarradas a um encosto. Pode não ser muito ruim na parada, exceto por preocupá-los e cansá-los, mas como seria em uma luta de baionetas contra o inimigo, quando eles querem liberdade para o uso de qualquer músculo e toda sua força para avançarem? Eu não apostaria muito em sua vitória.

E é a mesma coisa com cavalos; você desgasta e aflige seus nervos, diminuindo seu poder. Você não os deixa jogar seu peso contra seu trabalho, e, então, eles têm que esforçar muito suas juntas e músculos, e, obviamente, isso os cansa mais rápido. Você pode apostar, cavalos foram feitos para terem suas cabeças livres, tão livres quanto as dos homens. Se pudéssemos agir um pouco mais de acordo com o bom senso e muito menos de acordo com a moda, várias coisas funcionariam mais facilmente. Além disso, você sabe tão bem quanto eu que, se um cavalo dá um passo em falso, ele tem muito menos chances de se recuperar se sua cabeça e pescoço estiverem presos para trás. E agora, — disse o senhor, rindo. —, dei um bom conselho sobre hobby, você não pode pensar em usá-lo também, capitão? Seu exemplo iria muito longe".

— Acredito que você esteja certo, em teoria. — disse o outro. — E pegou pesado quanto aos soldados, mas... bem, vou pensar nisso. — e assim partiram.

CAPÍTULO XII – Um dia tempestuoso

Um dia, tarde no outono, meu senhor tinha uma longa jornada para prosseguir em negócios. Fui colocado no docar, e John foi com seu senhor. Eu sempre gostava de ir no docar, pois era muito leve, e as rodas altas rolavam de maneira agradável. Tinha chovido bastante e havia muito vento, que soprava as folhas secas através da estrada em uma chuva. Seguimos alegremente até que chegamos ao pedágio e à ponte baixa de madeira. As margens do rio estavam bastante cheias, e a ponte, ao invés de se erguer, estava no mesmo nível, então, no meio, se o rio estivesse cheio, a água quase chegaria à madeira e às tábuas; mas, como havia guias boas e substanciais dos dois lados, as pessoas não se importavam.

O homem ao portão disse que o rio estava subindo rapidamente e temia que fosse uma noite ruim. Muitas das campinas estavam debaixo d'água, e em uma parte baixa da estrada, a água batia na metade dos meus joelhos, porém, a parte de baixo estava boa, e o senhor dirigia suavemente, então não tinha problema.

Quando chegamos à cidade, claro que tive uma boa bajulação, mas, como os negócios do senhor o ocuparam por muito tempo, não começamos a jornada de volta para casa até o final da tarde. Havia muito mais vento então, e eu ouvi o senhor dizer a John que nunca tinha saído em tamanha tempestade, e eu pensava da mesma forma, conforme cavalgávamos pelas bordas de uma tábua, onde os grandes galhos estavam balançando como gravetos e o burburinho era terrível.

— Gostaria que estivéssemos bem longe dessa floresta. — disse meu senhor.

— Sim, senhor. — disse John. — Seria muito ruim se um desses galhos caísse em cima de nós”.

As palavras mal tinham saído de sua boca, quando houve um gemido, um barulho de algo quebrando. Desabando através das outras árvores, veio vindo um carvalho, destruído nas raízes, caindo na estrada bem à nossa frente. Nunca direi que não estava assustado, pois estava. Fiquei imóvel, e acredito que estremeci. Claro que não me virei ou saí correndo; não fui educado para isso. John saltou e em um instante estava perto de minha cabeça.

— Foi por muito pouco. — disse meu senhor. — O que faremos agora?

— Bem, senhor, não podemos cavalgar por cima dessa árvore nem dar a volta nela; não há nada a se fazer, a não ser voltar para os quatro cruzamentos, e isso vai nos custar uns bons dez quilômetros antes de conseguirmos dar a volta para a ponte de madeira novamente. Vai nos atrasar, mas o cavalo é jovem.

E, então, voltamos e demos a volta pelos cruzamentos; mas quando chegamos à ponte, estava muito escuro, conseguíamos apenas ver que a água a cobria até a metade. Mas como isso acontecia às vezes, quando o rio estava cheio, o senhor não parou. Estávamos seguindo em um bom ritmo, mas no momento em que minha pata tocou a primeira parte da ponte, tive certeza que havia algo de errado.

— Vamos, Beleza. — disse meu senhor, me dando um toque com o chicote. Mas não ousei me mover. Ele me deu outra leve chicotada, que me fez saltar, mas não ousei seguir em frente.

— Há algo errado, senhor. — disse John. E ele saiu do docar, vimdo para minha frente, olhando à sua volta. Ele tentou me guiar para frente. — Vamos, Beleza, qual o problema? — obviamente eu não poderia lhe dizer, mas eu sabia muito bem que a ponte não era segura.

Nesse instante, o homem do pedágio do outro lado correu para fora da casa, balançando uma tocha como um louco.

— Ei! Ei! Ei! Alô! Parem! — ele exclamou.

— Qual o problema? — gritou meu senhor.

— A ponte está quebrada no meio, e parte dela foi carregada pela corrente; se vocês prosseguirem, cairão no rio.

— Graças a Deus! — disse meu senhor.

— Beleza! — disse John, pegando o bridão e gentilmente me virando para o lado direito da estrada nas margens do rio.

O sol havia se posto há algum tempo, e o vento parecia ter se dissipado depois daquela explosão furiosa que destruiu a árvore. Ficou cada vez mais escuro e cada vez mais quieto. Trotei silenciosamente por ali, enquanto as rodas mal faziam barulho na estrada suave.

Por um bom tempo, nem o senhor nem John falaram, até que o senhor começou, em uma voz séria. Não consegui entender muito do que eles diziam, mas descobri que pensavam que, se eu tivesse seguido em frente, conforme o senhor queria que eu fizesse, muito provavelmente a ponte teria cedido sob nosso peso, e cavalo, cabriolé, senhor e homem teriam caído no rio; e como a corrente estava fluindo muito forte e não havia luz ou ajuda à disposição, era mais do que provável que todos nós nos afogássemos. O senhor disse:

— Deus deu razão ao homem, para que, com ela, pudesse descobrir coisas para si próprio; mas Ele deu aos animais conhecimento que não depende da razão, que é mais exato e perfeito à sua própria maneira, e através do qual, vidas de homens foram salvas muitas vezes.

John tinha muitas histórias para contar sobre cães, cavalos e as coisas maravilhosas que eles tinham feito. Ele achava que as pessoas não davam metade do valor que seus animais mereciam, nem faziam amizade com eles como deveriam. Tenho certeza que ele faz amizade com animais como nenhum homem jamais fez.

Finalmente chegamos aos portões do parque e encontramos o jardineiro procurando por nós. Ele disse que a senhora estava inconsolável desde que escurecera, temendo que algum acidente tivesse acontecido, e que ela tinha mandado James com Justice, o macho ruão, em direção à ponte de madeira para perguntar por nós.

Vimos uma luz na porta do corredor e nas janelas de cima. A senhora veio correndo, dizendo:

— Você está mesmo bem, meu querido? Oh! Estive tão apreensiva pensando sobre todo tipo de coisas. Não houve nenhum acidente?

— Não, minha querida, mas se seu Beleza Negra não tivesse sido mais esperto do que nós, todos nós seríamos carregados pelo rio na ponte de madeira.

Não ouvi mais nada, conforme eles entraram em casa, e John me levou para o estábulo. Oh, mas que ótimo jantar ele me deu aquela noite; um bom mingau de sobras e alguns feijões amassados com meus grãos, além de uma camada tão grossa de feno! E fiquei feliz por isso, pois eu estava cansado.

CAPÍTULO XIII – O comércio do Diabo

Um dia, quando John e eu tínhamos saído para resolver uns negócios de nosso senhor, e estávamos voltando suavemente por

uma estrada longa e reta, à certa distância vimos um garoto tentando fazer um pônei saltar por cima de um portão. O pônei não saltava, e o garoto o talhava com o chicote, enquanto a animal apenas virava de um lado.

Ele o chicoteou novamente, mas o pônei virou para o outro lado. Então, o garoto desceu e lhe deu um bom castigo, chutando-o perto da cabeça. Em seguida ele montou novamente e tentou fazê-lo saltar o portão, chutando-o vergonhosamente todo o tempo, mas, ainda assim, o pônei se recusava. Quando estávamos quase no local, o pônei abaixou sua cabeça, jogou seus calcanhares para cima e mandou o garoto voando por uma cerca viva larga, e, com as rédeas balançando em sua cabeça, se encaminhou para casa a toda velocidade. John riu muito alto.

— Bem feito. — ele disse.

— Ei! Ei! Ei! — exclamou o garoto, enquanto ele lutava por entre os espinhos. — Venha e me ajude.

— Não, muito obrigado. — disse John. — Acredito que você está no lugar certo, e talvez alguns espinhos o ensinem a não tentar fazer um pônei saltar por cima de um portão alto demais para ele. — e com isso, John foi embora. — Pode ser — disse ele para si mesmo. —, que o jovem rapaz seja um mentiroso além de ser cruel. Vamos para casa, passando pela casa do Fazendeiro Bushby, Beleza, e se alguém quiser saber, nós podemos contar a eles.

Então viramos para a direita e logo chegamos ao grande jardim, para dentro do campo de visão da casa. O fazendeiro se apressava pela estrada, e sua esposa estava parada ao portão, parecendo muito assustada.

— Você viu meu garoto? — disse o Sr. Bushby, conforme nos aproximamos. — Ele saiu há uma hora em meu pônei preto, e a criatura acabou de voltar sem nenhum cavaleiro.

— Devo dizer, senhor — disse John. —, que é melhor ele estar sem um cavaleiro, a não ser que possa ser cavalgado apropriadamente.

— O que você quer dizer? — disse o fazendeiro.

— Bem, senhor, vi seu filho chicoteando, chutando e batendo vergonhosamente nesse bom pônei, somente porque ele não queria pular um portão que era muito alto para ele. O pônei se comportou bem, senhor, e não foi depravado; mas finalmente atirou os calcanhares para cima e mandou o jovem rapaz para cima da sebe de espinhos. Ele quis que eu o ajudasse, mas espero que me perdoe, senhor, pois não me senti inclinado a fazer tal coisa. Não há ossos quebrados, senhor; ele apenas ganhará alguns arranhões. Eu amo cavalos e me exaspero ao vê-los sendo maltratados; é um péssimo plano provocar um animal até que ele use seus calcanhares; a primeira vez nem sempre é a última.

Durante esse tempo, a mãe começou a chorar.

— Oh, meu pobre Bill, devo ir encontrá-lo; ele deve estar machucado.

— É melhor você ir para casa, esposa. — disse o fazendeiro. — Bill merece uma lição pelo que fez, e devo garantir que ele a consiga. Não é nem a primeira nem a segunda vez que ele maltrata aquele pônei, e devo fazer com que ele pare com isso. Estou muito agradecido, Manly. Boa noite.

E então continuamos. John foi rindo por todo o caminho até em casa, onde contou a James sobre o que aconteceu. Ele riu, e disse:

— Bem feito. Eu conheci esse garoto no colégio; ele é muito convencido por ser filho de um fazendeiro. Costumava andar por ai e atormentar os garotinhos. Claro que nós, mais velhos, não tolerávamos nenhuma dessas besteiras e o deixamos saber que, no colégio e no playground, filhos de fazendeiros e filhos de trabalhadores são todos iguais. Lembro-me bem de um dia, logo

antes das aulas da tarde, quando o encontrei na varanda, pegando mosquitos e arrancando suas asas.

Ele não me viu, então eu dei um tabefe em suas orelhas, que o deixou estatelado no chão. Bem, irritado como eu estava, deixei-o assustado, e ele urrou e berrou absurdamente. Os garotos vieram correndo do playground, e o diretor correu da estrada para ver quem estava sendo assassinado. Claro que eu disse, de uma vez, o que eu tinha feito e o motivo; em seguida, mostrei os mosquitos ao diretor, alguns esmagados e alguns rastejando desesperados, e mostrei a ele as asas no parapeito da janela.

Nunca o vi tão bravo antes; mas como Bill ainda estava uivando e gemendo, como o covarde que é, ele não lhe deu mais nenhuma punição desse tipo, mas o mandou ficar sentado em um banquinho pelo resto da tarde e disse que ele não devia sair para brincar naquela semana.

E, então, falou seriamente com todos os garotos sobre crueldade e como era insensível e covarde machucar os mais fracos e indefesos; mas o que ficou em minha cabeça foi isso: ele disse que crueldade era o próprio comércio do Diabo, e que se víssemos qualquer um que se satisfizesse com a crueldade, poderíamos saber a quem ele pertencia, pois o Diabo é um assassino desde o começo e um carrasco até o final. Por outro lado, onde víssemos pessoas que amassem seus vizinhos e fossem gentis com homens e animais, devíamos saber que era a marca de Deus, pois ‘Deus é amor’.

— Seu diretor nunca poderia ter lhe ensinado algo mais verdadeiro. — disse John. — Não há religião sem amor, e as pessoas podem falar o quanto quiserem sobre suas religiões, mas se não ensina os homens a serem bons e gentis com outros homens e animais, é tudo falsidade, tudo falsidade, James, e não vai se sustentar quando as coisas virarem do avesso e forem mostradas como são.

CAPÍTULO XIV – James Howard

Uma manhã, no começo de dezembro, John tinha acabado de me guiar para minha baia, depois de meus exercícios diários, e estava amarrando minhas roupas, enquanto John vinha do milharal com alguns grãos, quando o senhor entrou no estábulo. Ele parecia bastante sério e segurava uma carta aberta em sua mão. John fechou a porta de minha baia, tocou seu chapéu e esperou por ordens.

— Bom dia, John. — disse o senhor. — Quero saber se você tem alguma reclamação a fazer de James.

— Reclamação, senhor? Não, senhor".

— Ele é diligente com seu trabalho e respeitoso para com você?

— Sim, senhor. Sempre".

— Você nunca acha que ele abandona o trabalho quando você vira as costas?

— Nunca, senhor.

— Isso é bom; mas devo colocar outra questão: você tem alguma razão para suspeitar que quando ele sai com os cavalos, para exercitá-los ou levar uma mensagem, ele pára para falar com seus conhecidos ou entra em casas onde não tem nada o que fazer, deixando os cavalos de fora?

— Não, senhor, certamente que não. E se alguém vem dizendo isso sobre James, eu não acredito e não pretendo acreditar, a não ser que seja provado na frente de testemunhas.

Não cabe a mim dizer quem tem tentado derrubar o caráter de James, mas vou dizer isso, senhor, nunca tive um jovem rapaz mais estável, agradável, honesto e esperto nesse estábulo. Posso confiar

em sua palavra e posso confiar em seu trabalho; ele é gentil e sagaz com os cavalos, e eu preferiria deixá-lo a seus cuidados do que com a metade dos jovens rapazes que conheço de chapéus rendilhados. E quem quiser um relato sobre o caráter de James Howard... ─ disse John, com um balanço decidido de sua cabeça. ─ ...que venha conversar com John Manly.

O senhor ficou esse tempo todo sério e atento, mas assim que John terminou seu discurso, um largo sorriso se espalhou em seu rosto, e, olhando gentilmente para James, que todo esse tempo tinha ficado parado perto da porta, ele disse:

─ James, meu caro, abaixe os grãos e venha aqui. Fico muito contente que a opinião de John sobre seu caráter seja exatamente a mesma que a minha. John é um homem cauteloso ─ ele disse, com um sorriso engraçado. ─, e nem sempre é fácil conseguir sua opinião sobre as pessoas, então, pensei que, se eu cutucasse o arbusto desse lado, os pássaros sairiam voando, e eu descobriria o que queria saber rapidamente.

Então, agora vamos a negócios. Tenho uma carta de meu cunhado, Sir Clifford Williams, do Salão Clifford. Ele quer que eu encontre um jovem cavalariço digno de confiança, com cerca de vinte ou vinte um anos, que saiba o que faz. Seu velho cocheiro, que morou com ele por trinta anos, está ficando debilitado, e ele quer um homem para trabalhar com ele e pegar suas maneiras, que seja capaz, quando o velho homem saísse de lá, de ficar em seu lugar.

Ele ganharia dezoito xelins por semana, no começo, um uniforme para o estábulo, um uniforme para montaria, um quarto em cima do estábulo e um garoto para trabalhar com ele. Sir Clifford é um bom chefe, e se você conseguisse o trabalho, seria um bom começo para você. Eu não quero perder seus serviços, e se você nos deixasse, sei que John perderia seu braço direito".

─ Verdade, senhor. ─ disse John. ─ Mas eu não ficaria no caminho dele, por nada nesse mundo.

— Quantos anos você tem, James? — disse o senhor.

— Farei dezenove em maio, senhor.

— Bem jovem. O que você acha, John?

— Bem, senhor, de fato é muito jovem; mas ele é tão confiável quanto um homem. É forte, bem criado e apesar de não ter muita experiência dirigindo, ele tem uma mão leve e firme, um olho rápido e é muito cuidadoso. Tenho bastante certeza que nenhum de seus cavalos vai ser arruinado por querer ter suas patas e ferraduras bem cuidadas.

— Sua palavra seguirá adiante, John — disse o senhor. —, pois Sir Clifford adicionou em um pós-escrito: 'Se conseguisse arranjar um homem treinado pelo seu John, gostaria dele mais do que qualquer outro'; então, James, pense nisso; converse com sua mãe no jantar e me avise sobre o que decidir.

Alguns dias depois dessa conversa, ficou acertado que James iria para o Salão Clifford, em um mês ou seis semanas, conforme fosse melhor para seu chefe, e no meio tempo ele poderia obter toda a prática em dirigir que pudesse ser dada a ele. A carruagem nunca havia saido tantas vezes antes; quando a senhora não saia, o senhor dirigia ele mesmo no cabriolé de duas rodas; mas agora, quer fosse o senhor ou as jovens senhoritas sairem, ou apenas um recado a ser dado, Ginger e eu éramos colocados na carruagem, e James nos dirigia. No começo, John ia com ele no carro, ensinando-o isso e aquilo; e depois disso, James dirigia sozinho.

E era uma maravilha a quantidade de lugares aos quais o senhor ia aos sábados, e as ruas estranhas pelas quais éramos dirigidos. Ele estava decidido a ir à estação ferroviária, bem quando o trem estava chegando, e cabriolés, carruagens, carros e ônibus tentavam passar pela ponte juntos. Aquela ponte precisava de bons cavalos e bons motoristas, quando o sino da ferrovia estava soando, pois era estreita e havia uma curva muito acentuada para a estação, onde

não seria nada difícil para as pessoas esbarrarem umas nas outras, se não olhassem bem e ficassem atentas.

CAPÍTULO XV – O velho estribeiro

Depois disso, meu senhor e senhora decidiram visitar alguns amigos que moravam a cerca de setenta e cinco quilômetros de nossa casa, e James iria levá-los. No primeiro dia viajamos cinquenta e dois quilômetros. Havia umas encostas longas e pesadas, mas James dirigiu tão cautelosa e atenciosamente, que não fomos nem um pouco incomodados.

Ele não se esqueceu de usar os freios, conforme descíamos as encostas, nem quando teve que parar de usá-lo nos lugares certos.

Ele manteve nossas patas na parte mais macia da estrada, e se a subida fosse muito longa, ele colocava as rodas da carruagem cruzando um pouco a estrada, para não descer, e nos dava um tempo. Todas essas pequenas coisas ajudam bastante um cavalo, particularmente, se ele ganha palavras gentis na barganha.

Ele parou uma ou duas vezes na estrada, e assim que o sol estava se pondo, chegamos à cidade onde devíamos passar a noite. Paramos no hotel principal, que ficava no centro do comércio. Era um bem grande. Passamos por debaixo de um arco até um jardim, no fim de qual estavam os estábulos e as casas dos cocheiros. Dois estribeiros vieram para nos levar. O estribeiro chefe era um homenzinho agradável e ativo, com uma perna torta, vestindo um casaco listrado de amarelo. Nunca vi um homem desatar os arreios tão rapidamente quanto ele. E, com uma carícia e boas palavras, me levou para um estábulo comprido, com seis ou sete baias nele e

dois ou três cavalos. O outro homem trouxe Ginger; James ficou por perto enquanto nos escovavam e nos limpavam.

Nunca fui lavado de maneira tão suave e rápida quanto fui pelo homenzinho. Quando estávamos prontos, James veio e me cheirou, como se achasse que o trabalho não podia estar completo, mas ele encontrou minha pelagem tão limpa e macia quanto seda.

— Bem... — ele disse. — ...eu achava que eu era muito rápido, e nosso John mais rápido ainda, mas você ganha de toda a rapidez e meticulosidade que jamais vi ao mesmo tempo.

— Prática leva à perfeição. — disse o pequeno estribeiro torto. — E seria uma pena se não levasse; quarenta anos de prática, sem perfeição! Há! Há! Isso seria uma pena; e se sou rápido, ora, melhor para você! Isso é apenas uma questão de hábito; se você tem o hábito de ser rápido, é tão fácil quanto ser lento; mais fácil, devo dizer. Na verdade, não faz bem para minha saúde ficar demorando duas vezes mais do que o necessário em um trabalho.

Por Deus! Eu não conseguiria assobiar se me arrastasse pelo trabalho como alguns fazem! Veja bem, estou envolvido com cavalos desde que tinha doze anos, em estábulos de caça e de corrida; e sendo pequeno, fui um jóquei por vários anos; mas em Goodwood, veja, o gramado estava muito escorregadio, meu pobre Larkspur caiu, e eu quebrei meu joelho, então é claro que eu não era mais útil lá. Mas eu não conseguia viver sem cavalos, óbvio que não, então fui para os hotéis. E posso lhe dizer que é um prazer manusear um animal assim, bem criado, bem comportado, bem cuidado; seja abençoado!

Posso dizer como um cavalo é tratado. Dê-me o manejo de um cavalo por vinte minutos que lhe digo que tipo de cavalariço ele teve. Veja este aqui; agradável, quieto, compreende tudo que você quer, mantém a pata erguida para ser limpa, faz qualquer outra coisa que você pedir; e então você encontra outro nervoso, inquieto, não se move do jeito certo, dispara pela baia, desvia a cabeça assim que você se aproxima dele, abaixa suas orelhas, e parece ter

medo de você, até te acerta com os calcanhares. Coitados! Sei que tipo de tratamento eles tiveram. Se são tímidos, vão disparar ou chorar; se são muito enérgicos, tornam-se depravados ou perigosos. Seus temperamentos são formados quando são jovens. Por Deus! Eles são como crianças. Treine-os como devem ser, como o bom Livro diz, e quando envelhecerem não farão diferente, se tiverem uma chance, só isso.

— Gosto de ouvir você falar. — disse James. — É assim que pensamos lá em casa, na casa de meu senhor.

— Quem é seu senhor, jovem? Se essa for uma pergunta adequada. Acredito que ele deva ser bom, pelo que eu vi.

— Ele é o Prefeito Gordo, do Parque Birtwick, do outro lado dos Morros Beacon, — disse James.

— Ah! Então já ouvi falar dele. Bom perito em cavalos, não é? O melhor cavaleiro no condado?

— Acredito que sim. — disse James. — Mas ele monta muito pouco agora, desde que o jovem senhor morreu.

— Ah! Pobre rapaz; li tudo sobre isso no jornal na época; um bom cavalo morto também, não?

— Sim. — disse James. — Ele era uma criatura esplêndida, irmão desse aqui, e bom como ele.

— Que pena! Que pena! — disse o velho. — Era um lugar ruim para saltar, se me lembro; uma cerca fina no topo e um barranco para o rio, não era? Sem chances de um cavalo ver para onde estava indo. Agora, gosto tanto de caçadas quanto qualquer homem, mas ainda assim há alguns saltos nos quais só um caçador velho e sábio pode se arriscar. As vidas de um homem e de um cavalo valem muito mais do que um rabo de raposa, pelo menos, devo dizer que deveriam valer.

Durante esse tempo o outro homem terminou com Ginger e trouxe nosso milho, então, James e o velho saíram do estábulo juntos.

CAPÍTULO XVI – O fogo

Mais tarde na noite, o cavalo de um viajante foi trazido pelo segundo estribeiro, e enquanto ele o limpava, um jovem com um cachimbo na boca veio ao estábulo para fofocar.

— Eu digo, Towler — disse o estribeiro. —, apenas suba as escadas até o sótão e coloque um pouco de feno no comedouro desse cavalo, sim? Apenas abaixe seu cachimbo.

— Tudo bem. — disse o outro e saiu pelo alçapão; então, ouvi seus passos pelo andar de cima, mexendo no feno. James veio para nos ver pela última vez, e então a porta foi trancada.

Não consigo dizer por quanto tempo dormi, nem que horas eram, mas acordei muito desconfortável, embora não soubesse o motivo. Levantei-me. O ar parecia denso e asfixiante. Ouvi Ginger tossindo, e um dos outros cavalos parecia muito inquieto. Estava bem escuro, e eu não conseguia ver nada, mas o estábulo parecia cheio de fumaça, e eu mal conseguia respirar.

A porta do alçapão tinha ficado aberta, e acredito que era de lá que isso vinha. Escutei uma espécie de murmúrio suave e um barulho leve de algo quebrando. Eu não sabia o que era, mas havia algo de tão estranho no som, que me fez tremer todo. Os outros cavalos agora estavam todos acordados; alguns estavam puxando suas cordas, outros estavam selados.

Finalmente ouvi passos lá fora, e o estribeiro, que tinha trazido o cavalo do viajante, entrou no estábulo com uma lanterna e começou a desamarrar os cavalos, tentando guia-los para fora, mas ele

parecia estar com tanta pressa e tão assustado que me assustou ainda mais. O primeiro cavalo não queria ir com ele; ele tentou o segundo e o terceiro, mas eles também não se moveram. Ele veio para mim em seguida, e tentou me arrastar para fora da baia à força; claro que isso foi inútil. Ele tentou com todos nós, um de cada vez, e depois saiu do estábulo.

Sem dúvidas fomos muito tolos, mas o perigo parecia estar em todo lugar, e não havia ninguém em que pudéssemos confiar. Tudo era estranho e incerto. O ar fresco que entrou pela porta aberta fez com que ficasse mais fácil de respirar, mas o murmúrio ficou mais alto, e conforme olhei para cima, através das barras de minha baia vazia, vi uma luz vermelha tremulando na parede. Em seguida ouvi uma exclamação de “Fogo!” lá fora, e o velho estribeiro chegou silenciosa e rapidamente. Ele levou um cavalo para fora, e foi para outro; mas as chamas estavam chegando à porta do alçapão e o barulho acima de nós era terrível.

A próxima coisa que ouvi foi a voz de James, suave e animada, como sempre era.

— Venham, meus lindos, está na hora de irmos embora; então acordem e venham.

Fiquei mais perto da porta, então ele veio para mim primeiro, me acariciando conforme sempre fazia.

— Venha, Beleza, vista seu bridão, meu garoto. Logo vamos estar longe dessa fumaça.

Vesti-o rapidamente; em seguida ele tirou o lenço de seu pescoço e o amarrou suavemente sobre meus olhos. Então, acariciando e me adulando, me guiou para fora do estábulo. Quando estávamos seguros no jardim, ele tirou o lenço de meus olhos e gritou:

— Aqui, alguém! Pegue este cavalo enquanto volto para pegar outro.

Um homem alto e grande veio e me pegou, e James disparou de volta para o estábulo. Relinchei baixinho conforme o vi voltar. Ginger me disse depois que aquele relincho foi a melhor coisa que eu poderia ter feito por ela, pois se não tivesse me ouvido lá fora, nunca teria tido coragem de sair.

Havia muita confusão no jardim. Os cavalos saíam de seus estábulos, carruagens e cabriolés, sendo trazidos de casas e abrigos, para que as chamas não se espalhassem ainda mais. Do outro lado do jardim, janelas foram abertas e pessoas gritavam todo tipo de coisas; mas mantive meus olhos fixos na porta do estábulo, onde conseguia ver flashes de luz vermelha. Logo ouvi, abafando todo o rebuliço e barulho, uma voz alta e clara, que eu sabia ser do meu senhor:

— James Howard! James Howard! Você está ai? — não houve resposta, mas ouvi um barulho de algo caindo no estábulo e, no momento seguinte, soltei um relincho alto e alegre, pois vi James saindo através da fumaça, guiando Ginger com ele. Ela estava tossindo violentamente, e ele não era capaz de falar.

— Meu rapaz corajoso! — disse o senhor, colocando a mão no ombro dele. — Você está ferido?”

James balançou a cabeça, pois ainda não conseguia falar.

— Ainda bem. — disse o homem que me segurava. — Ele é um rapaz corajoso, sem dúvidas.

— E agora... — disse o senhor. — ...quando você recuperar seu fôlego, James, vamos sair desse lugar o mais rápido que pudermos.

E logo estávamos nos movendo em direção à entrada quando, do centro de comércio, veio um barulho de patas galopando e outro barulho alto de rodas.

— Os bombeiros! Os bombeiros! — gritaram umas duas ou três vozes. — Para trás! Abram caminho! — e, ribombando e fazendo barulho por sobre as rochas, dois cavalos adentraram o jardim com a máquina pesada atrás deles. O bombeiro saltou para o chão; não havia necessidade de perguntar onde o fogo estava – estava saltando em uma grande labareda através do telhado.

Saímos o mais rápido possível em direção ao silencioso centro de comércio. As estrelas estavam brilhando, e exceto pelo barulho atrás de nós, tudo estava quieto. O senhor nos guiou até um grande hotel do outro lado, e assim que o estribeiro veio, ele disse:

— James, devo agora me apressar para ver a senhora. Confio os cavalos completamente a você. Peça o que achar necessário. — e com isso ele se foi. O senhor não correu, mas nunca vi nenhum homem mortal andar tão rápido quanto ele naquela noite.

Houve um som terrível antes de entrarmos em nossas baias. Os grunhidos daqueles pobres cavalos, que foram deixados para queimar até a morte no estábulo, era terrível! E fez ambos, Ginger e eu, nos sentirmos muito mal. Nós, no entanto, fomos salvos e estávamos sendo bem cuidados.

Na manhã seguinte, o senhor veio para ver como estávamos e para falar com James. Não ouvi muito, pois o estribeiro estava me escovando, mas podia ver que James estava muito feliz, e concluí que o senhor estava orgulhoso dele. Nossa senhora ficou muito alarmada durante a noite, então a jornada foi atrasada até a tarde, portanto, James tinha a manhã toda a seu dispor. Sendo assim, foi primeiro para o hotel, para resolver sobre nossos arreios e a carruagem, além de ouvir mais sobre o incêndio.

Quando ele voltou, o ouvimos contar ao estribeiro sobre isso. De primeira, ninguém conseguia pensar em como o incêndio foi causado, mas, finalmente, um homem disse que viu Dick Towler ir ao estábulo com um cachimbo em sua boca e que quando ele voltou não tinha mais cachimbo nenhum, por isso, foi procurar por outro.

E, então, o sub-estribeiro disse que tinha pedido a Dick para subir e trazer algum feno para baixo, mas primeiro pediu para guardar seu cachimbo. Dick negou ter levado o cachimbo consigo, mas ninguém acreditou nele. Lembro-me da regra de nosso John Manly: nunca permitir um cachimbo em um estábulo, e achei que devesse ser a regra em todo lugar.

James disse que o telhado e o chão cederam, e que apenas havia paredes negras de pé; os dois pobres cavalos, que não puderam ser trazidos para fora, foram enterrados debaixo das vigas e telhas queimadas.

CAPÍTULO XVII – O ditado de John Manly

O resto de nossa jornada foi muito fácil, e um pouco depois do pôr-do-sol, chegamos à casa do amigo de nosso senhor. Fomos levados a um estábulo limpo e aconchegante. Havia um cocheiro gentil, que nos deixou muito confortáveis, e pareceu considerar muito James quando ouviu sobre o incêndio.

— Há algo bem claro, jovem... — ele disse. — ...seus cavalos sabem em quem podem confiar; uma das coisas mais difíceis do mundo é tirar um cavalo de um estábulo quando há fogo ou uma enchente. Não sei por que eles não saem, só sei que não saem – nem um em vinte.

Paramos dois ou três dias nesse lugar e, então, voltamos para casa. Tudo correu bem na viagem; estávamos contentes de estar em nosso próprio estábulo novamente, e John estava igualmente contente em nos ver.

Antes dele e James nos deixarem para a noite, James disse:

— Imagino quem virá tomar o meu lugar.

— Será o pequeno Joe Green do alojamento. — disse John.

— O pequeno Joe Green? Ora, ele é uma criança!

— Ele tem quatorze anos e meio. — disse John.

— Mas ele é um rapaz tão pequeno!

— Sim, ele é pequeno, mas é rápido, disposto e tem um bom coração, também. Ele quer muito vir, e seu pai também gostaria; e eu sei que o senhor gostaria de lhe dar a chance. Ele disse que se eu achasse que ele não servia, ele procuraria por um rapaz maior; mas eu disse que era bem aceitável testá-lo por seis semanas.

— Seis semanas! — disse James; — Ora, ele precisará de seis meses até poder ser útil. Vai lhe dar muito trabalho, John.

— Bem... — disse John, com uma risada. — ... o trabalho e eu somos muito bons amigos; nunca tive medo de trabalho.

— Você é um homem muito bom. — disse James. — Gostaria de algum dia poder ser como você.

— Não falo de mim com frequência. — disse John. — Mas como você está indo para longe de nós, para se promover, apenas vou dizer-lhe como vejo essas coisas. Eu tinha a idade de Joseph quando meus pais morreram por causa da febre, com dez dias de diferença entre eles, e deixaram eu e minha irmã aleijada, Nelly, sozinhos no mundo, sem nenhum parente para o qual pudéssemos pedir ajuda. Eu trabalhava para um fazendeiro, sem ganhar muito para me sustentar, muito menos sustentar a nós dois, e ela teve que ir trabalhar em uma casa, mas para nossa senhora.

Nelly a chama de nosso anjo, e é assim mesmo que deve chamá-la. Ela alugou um quarto para ela junto da Viúva Mallet, que a fez trabalhar com tecidos e agulhas, quando ela era capaz de realizá-

los. E quando ela estava doente, mandava jantares, coisas bonitas e confortáveis, e era como uma mãe para ela.

E o senhor me levou para o estábulo do velho Norman, o cocheiro que trabalhava lá, então. Tinha minha comida na casa, minha cama no celeiro, uma muda de roupas e três xelins por semana, para que pudesse ajudar Nelly. E então havia Norman; ele podia ter dito que naquela idade não deveria ser perturbado por um garoto inexperiente do arado; mas ele foi como um pai para mim e não sofreu comigo. Quando o velho homem morreu, alguns anos depois, fiquei em seu lugar, e agora, obviamente, tenho salários mais altos e posso descansar em dias chuvosos ou ensolarados, como é de minha preferência, e Nelly é tão feliz quanto um passarinho.

Então você vê, James, não sou um homem que possa virar o nariz para um garotinho nem aborrecer um senhor bom e gentil. Não, não! Vou sentir muito a sua falta, James, mas vamos continuar, e não há nada melhor do que fazer uma gentileza quando ela é colocada em seu caminho. Fico feliz de poder fazê-la.

— Então — disse James. —, você não concorda com aquele ditado ‘Cada um por si, e todos cuidam do primeiro’.

— Não, de fato. — disse John. — Onde estaríamos, Nelly e eu, se o senhor, a senhora e o velho Norman tivessem me achado muito novo? Ora, ela na casa de trabalho, e eu capinando nabos. Onde estariam Beleza Negra e Ginger se você tivesse apenas cuidado do primeiro? Ora, seríamos tostados até a morte. Não, Jim, não! Esse é um ditado egoísta e idólatra, para quem quer que o use; e qualquer homem que pense que não há nada a se fazer para cuidar do mais novo, ora, é uma pena que ele tenha sido afogado como um cãozinho ou um gatinho antes de abrir seus olhos – isso é o que eu acho. — disse John, com um balançar muito decidido de sua cabeça.

James riu disso, mas havia uma densidade em sua voz quando ele disse:

— Você foi meu melhor amigo, à exceção de minha mãe. Espero que não se esqueça de mim.

— Não, rapaz, não! — disse John. — E se eu jamais puder fazer-lhe algum bem, espero que não se esqueça de mim.

No dia seguinte, Joe veio ao estábulo para aprender tudo que podia, antes de James partir. Ele aprendeu a varrer os estábulos, trazer a palha e o feno, começou a limpar os arreios e ajudou a lavar a carruagem. Como ele era muito baixo para fazer qualquer coisa que um cavalariço faria em mim e em Ginger, James o ensinou usando Merrylegs, pois ele poderia ter controle total sobre ele, sob o olhar de John. Ele era um rapazinho brilhante e sempre vinha assobiando para o trabalho.

Merrylegs estava bastante aborrecido por ser “atacado por ai”, como ele dizia, “por um garoto que não sabe nada”. Mas, no final da segunda semana, ele me confidenciou que achava que o garoto se daria bem.

Finalmente chegou o dia em que James teria que nos deixar. Apesar de estar sempre animado, parecia bastante abatido naquela manhã.

— Você vê, — ele disse a John. — estou deixando muito para trás; minha mãe, Betsy, você, um bom senhor e senhora, os cavalos e meu velho Merrylegs. No novo lugar não haverá uma única alma que eu conheça. Se não fosse por ganhar uma posição mais elevada e poder ajudar minha mãe melhor, acredito que não teria me decidido por isso. É um grande aperto, John.

— Poxa, James, rapaz, deve ser mesmo. Mas eu me admiraria muito se você fosse capaz de deixar sua casa pela primeira vez sem sentir nada. Anime-se, você fará amigos lá; e se se der bem, como tenho certeza que irá, será muito bom para sua mãe, e ela ficará muito orgulhosa por você ter entrado em um lugar tão bom quanto aquele.

Então John o animou, mas todos sentiam muito por perder James; e quanto a Merrylegs, ele definhou por vários dias e perdeu bastante

seu apetite. Então, John o levou várias manhãs com uma rédea-guia, quando me exercitava, e, trotando e galopando ao meu lado, levantava os ânimos do pequenino novamente, e logo ele estava bem.

O pai de Joe frequentemente aparecia e dava uma ajudinha, afinal, ele entendia do trabalho. Joe teve muitas lições para aprender, e John o encorajou bastante.

CAPÍTULO XVIII – Indo ao médico

Uma noite, alguns dias depois que James partiu, eu havia comido meu feno e estava deitado em minha palha, rapidamente adormecido, quando fui subitamente acordado pela campainha do estábulo, que soava muito alta. Ouvi a porta da casa de John abrir, e seus pés correndo para a Prefeitura. Ele voltou em um instante, destrancou a porta do estábulo e veio, chamando:

— Acorde, Beleza! Você deve se comportar bem agora, como sempre foi. — e antes que eu pudesse pensar, ele já tinha colocado a sela nas minhas costas e o bridão na minha cabeça. Ele apenas correu para pegar seu casaco, e então me levou em um trote rápido até a porta da Prefeitura. O prefeito estava ali, com uma lanterna em sua mão.

— Agora, John! — disse ele. — Corra pela sua vida – isto é, pela vida de sua senhora. Não há tempo a perder. Entregue esse bilhete ao Doutor White; dê um descanso ao seu cavalo no hotel e volte assim que puder.

John disse:

— Sim, senhor! — e colocou-se em minhas costas em um segundo.

O jardineiro, que morava no alojamento, ouvira a campainha tocando, e estava pronto com o portão aberto. Assim, corremos parque afora, através do vilarejo e descendo a colina, até chegarmos ao pedágio. John chamou muito alto e bateu à porta; o homem logo saiu e abriu o portão.

— Agora, — disse John. — mantenha o portão aberto para o doutor; aqui está o dinheiro. — e saímos de novo.

À nossa frente havia um grande pedaço de estrada às margens do rio. John me disse:

— Agora, Beleza, faça o seu melhor. — e assim o fiz.

Eu não queria chicote nem esporas e, por três quilômetros. eu galopei o mais rápido que conseguia colocar minhas patas no chão. não acredito nem que meu velho avô, que ganhou a corrida do Newmarket, poderia ter ido mais rápido. Quando chegamos à ponte, John me puxou um pouco e acariciou meu pescoço:

— Muito bom, Beleza! Bom rapaz. — ele disse.

Ele teria me deixado ir mais devagar, mas minha energia estava alta, saio que me fez sair novamente tão rápido quanto antes. O ar estava gelado, a lua estava brilhante, o que era muito agradável. Passamos por um vilarejo, por uma floresta escura e então subindo uma encosta. Descendo a encosta, depois de uma corrida de treze quilômetros chegamos à cidade, pelas ruas e pelo centro de comércio. Estava tudo muito quieto, exceto pelo ruído de minhas patas nas pedras. Todos estavam dormindo. O relógio da igreja bateu três horas enquanto íamos para a porta do Doutor White. John tocou a campainha duas vezes, e então bateu à porta ruidosamente. Uma janela foi aberta, e o Dr. White, com sua roupa de dormir, colocou a cabeça para fora, dizendo:

— O que você quer?

— A Sra. Gordon está muito doente, senhor. O meu senhor quer que você vá imediatamente; ele acha que ela morrerá se você não chegar lá. Aqui está um bilhete.

— Espere. — ele disse. — Vou descer.

Ele fechou a janela e logo estava na porta.

— O pior de tudo é que meu cavalo esteve fora o dia todo e está bem cansado. Meu filho acabou de ser chamado e levou o outro. O que pode ser feito? Posso levar o seu cavalo?

— Ele veio galopando quase todo o caminho, senhor, e eu ia dar-lhe um descanso aqui, mas acredito que meu senhor não vai ser contra, se achar adequado, senhor..

— Tudo bem. — ele disse. — Ficarei pronto logo.

John ficou perto de mim e acariciou meu pescoço; eu estava com muito calor. O doutor veio com seu chicote de montaria.

— Você não precisará disso, senhor. — disse John. — Beleza Negra correrá até cair. Tome conta dele, senhor, se você puder. Não quero que nenhum mal aconteça a ele.

— Não, não, John. — disse o doutor. — Espero que não. — e em um segundo deixamos John para trás.

Não vou lhes contar sobre nosso caminho de volta. O doutor era um homem mais pesado que John e não tão bom cavaleiro; entretanto, dei o meu melhor. O homem no pedágio deixou o portão aberto. Quando chegamos à encosta, o doutor me parou.

— Agora, meu bom rapaz — disse ele. —, respire um pouco.

Fiquei feliz por ele ter feito aquilo, pois estava quase exausto; mas aquela parada me ajudou, e logo estávamos no parque. Joe estava no portão do alojamento; meu senhor estava na porta do prédio, pois tinha nos ouvido chegando. Estava feliz por chegar em casa;

minhas pernas tremiam debaixo de mim, e eu conseguia apenas ficar de pé e arfar. Não havia um pelo seco em meu corpo, a água descia por minhas pernas, e eu fervia inteiro – ou como Joe costumava dizer, como uma panela no fogo. Pobre Joe!

Ele era jovem e pequeno, e, portanto, sabia pouco, e seu pai, que poderia ajudá-lo, tinha sido mandado para o vilarejo próximo; mas tenho certeza que ele fez o melhor que podia. Ele esfregou minhas pernas e meu peito, mas não colocou meu cobertor em mim; ele achou que eu estava com tanto calor que não iria gostar. E então me deu um balde cheio de água para beber; estava fria e muito boa, e eu a bebi toda; e então ele me deu um pouco de feno e milho, e, achando ter feito a coisa certa, foi embora.

Logo comecei a balançar, tremer e fiquei mortalmente frio; minhas pernas doíam, meu lombo doía e meu peito doía, e me sentia inteiramente cansado. Oh! Como desejava meu cobertor quente e grosso quando eu deitei e comecei a tremer. Queria John, mas ele tinha treze quilômetros para caminhar, então deitei em minha palha e tentei dormir. Depois de um bom tempo ouvi John à porta. Dei um longo gemido, pois estava com muita dor. Ele estava ao meu lado em um segundo, inclinando-se perto de mim. Não podia lhe dizer como me sentia, mas ele parecia saber tudo. Então, ele me cobriu com dois ou três cobertores e correu para a casa para buscar um pouco de água quente. Ele me fez uma sopa de aveia quente, que eu bebi, e acredito que fui dormir.

John parecia muito abatido. Ouvi dizer a si mesmo diversas vezes: “Garoto estúpido! Garoto estúpido! Deixou-o sem cobertor, e ouso dizer que a água estava fria também; garotos são inúteis.”. Mas Joe era um bom garoto, apesar de tudo.

Eu estava agora muito doente; uma forte inflamação tinha atacado meus pulmões, e eu não conseguia respirar sem sentir dor. John cuidou de mim noite e dia. Ele levantava duas ou três vezes durante a noite e vinha até mim. Meu senhor, também, frequentemente vinha me ver.

— Meu pobre Beleza! — ele disse um dia. — Meu bom cavalo, você salvou a vida de sua senhora. Beleza, sim, você salvou a vida dela.

Fiquei muito satisfeito em ouvir aquilo, pois parece que o doutor havia dito que se tivéssemos demorado um pouco mais, teria sido muito tarde. John disse ao senhor que nunca viu um cavalo correr tão rápido em toda sua vida. Parecia que o cavalo sabia qual era o problema. Claro que eu sabia, apesar de John achar que não, pelo menos eu sabia isso tudo – que John e eu precisávamos ir à máxima velocidade, e que isso era pelo bem de nossa senhora.

CAPÍTULO XIX – Apenas ignorância

Não sei por quanto tempo fiquei doente. Sr. Bond, o médico da casa, vinha todos os dias. Um dia ele me fez sangrar; John segurou um balde para o sangue. Senti-me muito fraco depois disso, pensei que iria morrer, e acredito que todos pensaram o mesmo também.

Ginger e Merrylegs foram movidos para os outros estábulos, para que o lugar pudesse ficar em silêncio, pois a febre me deixava muito cansado para ouvir, e qualquer barulhinho parecia muito alto. Eu podia até ouvir os passos de todos entrando e saindo da casa. Eu sabia de tudo que estava acontecendo. Uma noite, John teve que me dar um comprimido; Thomas Green veio para ajudá-lo. Depois que o tomei e que John me deixou tão confortável quanto podia, ele disse que ficaria comigo por meia hora para ver como o remédio funcionava. Thomas disse que ficaria com ele; então eles se sentaram em um banco, que tinha sido trazido para a baia de Merrylegs, e colocaram a lanterna a seus pés, de forma que eu não fosse perturbado pela luz.

Por um tempo, ambos os homens ficaram em silêncio, mas, depois, Thomas Green disse, em uma voz baixa:

— Gostaria, John, que você dissesse algo para Joe. O garoto está com o coração partido; não come suas refeições e não sorri. Ele diz que sabe que foi tudo culpa dele, embora tenha feito o melhor que podia. Ele diz que, se Beleza morrer, ninguém nunca mais falará com ele. Parte meu coração ouvi-lo. Acredito que você possa lhe dizer apenas algumas palavras; ele não é um mau garoto.

Depois de uma curta pausa, John disse, devagar.

— Você não deve ser tão duro comigo, Tom. Sei que ele não queria fazer mal, nunca disse que ele quis. Sei também que ele não é um mau garoto. Mas você vê que eu mesmo estou exausto; esse cavalo é meu orgulho, sem mencionar que é o favorito do senhor e da senhora. Pensar que a vida dele pode ser tirada dessa maneira é mais do que posso suportar. Mas se acha que estou sendo duro com o garoto, vou tentar falar com ele amanhã.Isto é, se Beleza estiver melhor.

— Bem, John, obrigado. Sei que não queria ser muito duro e fico feliz de você ver que foi apenas uma ignorância.

A voz de John quase me surpreendeu, conforme ele respondeu:

— Apenas ignorância! Apenas ignorância! Como você pode falar sobre apenas ignorância? Você não sabe que essa é a pior coisa do mundo, depois da maldade? E qual delas causa mais mal, só Deus sabe. Se as pessoas podem dizer, ‘Oh! Eu não sabia, não fiz por mal,’ eles acham que está tudo bem. Suponho que Martha Mulwash não queria matar aquele bebê, quando a encheu de remédios e xaropes tranquilizantes; mas ela o matou e foi condenada por homicídio involuntário.

— Bem feito para ela. — disse Tom. — Uma mulher não deve cuidar de uma pequena e frágil criança sem saber o que é bom e o que é ruim para ela.

— Bill Starkey — continuou John —, não queria assustar seu irmão, nem fazê-lo ter um ataque, mas mesmo assim se vestiu de um fantasma e correu atrás dele na luz do luar. Mas ele fez isso, e aquele rapaz brilhante e bonito, que poderia ser o orgulho de qualquer mãe, está vivendo como um inválido, e assim sempre será, se viver até os oitenta anos. Você está se contradizendo, Tom. Há duas semanas, quando aquelas senhoritas deixaram a porta de sua estufa aberta, com um vento gelado soprando do leste, você disse que elas tinham matado um bom número de suas plantas.

— Um bom número! — disse Tom. — Não havia uma única daquelas mudas sensíveis que não tenha sido destruída. Vou precisar começar tudo de novo, e o pior de tudo é que não sei onde ir para conseguir novas. Fiquei quase irado quando entrei e vi o que tinha ocorrido.

— E ainda assim, — — tenho certeza que as senhoritas não fizeram por mal; foi apenas ignorância.

Não ouvi mais nada dessa conversa, pois o medicamento funcionou bem e me fez dormir. Pela manhã me senti muito melhor, mas frequentemente passei a pensar sobre as palavras de John quando vim a conhecer mais do mundo.

CAPÍTULO XX – Joe Green

Joe Green continuou muito bem. Ele aprendeu rápido, e era tão atento e cuidadoso, que John começou a confiar muitas coisas a ele; mas, como eu disse, ele era pequeno para a idade, e era raro ele poder exercitar Ginger ou eu; mas foi o que aconteceu na manhã em que John saiu com Justice no carro de bagagens. O senhor queria que um recado fosse levado imediatamente à casa de um

cavalheiro, a cinco quilômetros de distância, e deu ordens para Joe me selar e ir; adicionando a advertência de que ele deveria montar com estabilidade.

O recado foi dado, e estávamos voltando para cada silenciosamente, quando chegamos à ponte de tijolos. Ali, vimos uma carruagem pesadamente carregada com tijolos. As rodas tinham atolado na lama rígida de algumas raízes profundas, e o carreteiro estava gritando e açoitando os dois cavalos impiedosamente. Joe parou. Era uma visão triste. Havia dois cavalos lutando e se esforçando de todas as formas para mover a carruagem, mas não conseguiam movê-la. O suor descia por suas pernas e flancos, suas laterais pesavam, e cada músculo estava tenso, enquanto o homem, puxando ferozmente a cabeça do cavalo da frente, xingava e chicoteava brutalmente.

— Espere um pouco! — disse Joe. — Não fique açoitando os cavalos assim; as rodas estão tão presas que eles não podem mover a carruagem.

O homem não prestou atenção, mas continuou chicoteando.

— Pare! Pare, por favor! — disse Joe. — Vou ajudá-lo a tirar o peso da carruagem; eles não podem movê-la do jeito que está.

— Cuide de seus próprios problemas, seu patifezinho imprudente, que eu cuido dos meus!

O homem estava com uma vontade arrebatadora, além de estar no pior estágio da bebida, então, baixou o chicote de novo. Joe virou minha cabeça e, no momento seguinte, estávamos galopando em direção à casa do senhor, fabricante de tijolos. Não sei se John teria aprovado nosso ritmo, mas Joe e eu estávamos pensando a mesma coisa, e tão bravos que não poderíamos ter ido mais devagar.

A casa ficava perto da margem da estrada. Joe bateu à porta e gritou:

— Olá! O Sr. Clay está em casa? — a porta foi aberta, e o próprio Sr. Clay saiu.

— Olá, meu jovem. Você parece com pressa. Alguma ordem do prefeito para esta manhã?

— Não, Sr. Clay, mas há um camarada no seu território açoitando dois cavalos até a morte. Eu pedi que ele parasse, mas ele não parou. Eu disse que o ajudaria a aliviar o peso da carruagem, mas ele não quis; então vim lhe contar. Por favor, senhor, vá lá. — a voz de Joe tremia de excitação.

— Obrigado, meu rapaz. — correu para pegar seu chapéu; e, parando por um momento, acrescentou: — Você dará testemunho sobre o que viu se eu levar o camarada de encontro a um magistrado?

— Com certeza! — disse Joe. — E ficarei feliz em fazê-lo.

O homem se foi, e logo estávamos em nosso caminho de volta, em um trote apressado.

— Ora, qual o problema com você, Joe? Está estampado em você o quanto está bravo. — disse John, conforme o garoto se atirava da sela.

— Estou muito bravo, posso lhe dizer. — disse o garoto; e então, em palavras excitadas e apressadas, ele contou tudo o que havia acontecido. Joe normalmente era um rapazinho tão quieto e suave, que era maravilhoso vê-lo tão desperto.

— Certo, Joe! Você fez o certo, meu garoto, quer o homem receba uma convocação ou não. Muitos rapazes teriam passado por perto e pensando que não tinha nada a ver com eles. Agora, digo que crueldade e opressão é negócio que tem a ver com todos. Você fez o certo, meu garoto.

Joe estava bem calmo agora e bem orgulhoso por John tê-lo aprovado, então, limpou minhas patas e me esfregou com uma mão mais firme que o normal.

Eles estavam prestes a ir para casa jantar, quando o lacaio veio ao estábulo para dizer que Joe era necessário na sala privada do senhor. Havia um homem falando sobre cavalos maltratados, e a testemunha de Joe era necessária. O garoto corou até a testa, e seus olhos brilharam.

— Eles vão ver! — disse Joe.

— Endireite-se um pouco. — disse John.

Joe deu um puxão em sua gravata, arrumou seu casaco e saiu em um instante. Nosso senhor, sendo um dos magistrados do condado, frequentemente recebia casos para resolver ou para dizer o que devia ser feito. No estábulo não ouvimos mais nada por um tempo, por ser a hora do jantar dos homens; mas quando Joe voltou logo em seguida, vi que ele estava elétrico. Ele me deu um tapinha e disse:

— Não veremos tais coisas serem feitas. Veremos, camarada?

Ouvimos, mais tarde, que ele deu seu testemunha de forma muito clara. Além disso, os cavalos estavam em um estado tão exausto, com marcas de tratamento tão brutal, que o carreteiro foi chamado para julgamento, e podia possivelmente ser sentenciado com dois ou três meses na prisão.

Era maravilhosa a mudança que tinha atingido Joe. John riu e disse que ele tinha crescido três centímetros naquela semana, e acredito que era verdade. Ele era tão suave e gentil como antes, mas havia mais propósito e determinação em tudo que ele fazia, como se tivesse pulado de uma vez de um garoto para um homem.

CAPÍTULO XXI – A despedida

Agora eu já vivia nesse lugar feliz há três anos, mas mudanças infelizes estavam prestes a nos atingir. Ouvíamos, de tempos em tempos, que nossa senhora estava doente. O médico estava frequentemente na casa, e o senhor parecia solene e angustiado. Em seguida ouvimos que ela devia deixar sua casa imediatamente e ir para um país quente por dois ou três anos. A notícia caiu sobre a casa como o soar de um sino da morte. Todos estavam tristes; mas o senhor começou diretamente a fazer seus arranjos para desmanchar seu estabelecimento e deixar a Inglaterra. Costumávamos ouvir sobre isso em nosso estábulo; na verdade, nada mais era dito.

John fazia seu trabalho em silêncio e triste, e Joe quase não assobiava. Havia muitas idas e vindas; Ginger e eu tínhamos muito trabalho.

As primeiras caravana que partiu, levou as senhoritas Jessie e Flora com suas governantas. Elas vieram nos dizer adeus. Abraçaram o pobre Merrylegs como um velho amigo, como de fato ele era. E então ouvimos o que tinha sido acertado para nós. O senhor tinha vendido Ginger e eu para um velho amigo, o Conde de W., pois achou que teríamos um bom lugar lá. Merrylegs, ele deu para o vigário, que estava querendo um pônei para a Sra. Blomefield, mas sob a condição de que ele nunca seria vendido, e que quando estivesse incapaz de trabalhar, deveria ser sacrificado e enterrado.

Joe foi encarregado de tomar conta dele e ajudar na casa, então achei que Merrylegs ficaria bem. John tinha oferta de trabalho de vários bons lugares, mas ele disse que esperaria um pouco e pensaria nas opções.

Na noite antes de partirem, o senhor veio ao estábulo para dar algumas ordens e acariciar seus cavalos pela última vez. Ele parecia muito cabisbaixo; eu sabia disso pela sua voz. Acredito que nós cavalos podemos saber muito mais pela voz do que vários homens podem.

— Você decidiu o que fazer, John? — ele disse. — Soube que não aceitou nenhuma daquelas propostas.

— Não, senhor; decidi que se conseguisse uma posição como um domador de primeira e como um treinador de cavalos, seria a coisa certa para mim. Muitos jovens animais são assustados ou estragados por maus tratamentos, o que não seria necessário se o homem certo os tivesse em mãos. Sempre me dou bem com cavalos e se pudesse ajudar alguns deles a terem um começo justo, me sentiria como se estivesse fazendo algum bem. O que acha disso, senhor?

— Não conheço nenhum homem, em lugar nenhum — disse o senhor. —, que seja tão apropriado para isso quanto você. Você entende os cavalos e, de alguma forma, eles entendem você. Com o tempo você pode se arranjar bem. Acho que não podia escolher melhor. Se eu puder ajudá-lo de qualquer maneira, me escreva. Vou falar com meu agente em Londres e fazer com que ele saiba sobre você.

O senhor deu a John o nome e o endereço de seu agente e, em seguida, o agradeceu por seu serviço longo e fiel; mas isso foi demais para John.

— Por favor, não, senhor. Não suporto isso; você e minha querida senhora fizeram tanto por mim, que nunca conseguiria recompensá-los. Mas nunca o esqueceremos, senhor, e, por Deus, tomara que algum dia possamos ver a senhora de volta como ela sempre foi. Devemos manter as esperanças, senhor.

O senhor deu sua mão para John, mas não falou nada, e os dois saíram do estábulo.

O último dia infeliz chegou. O lacaio e as bagagens pesadas tinham sido despachadas no dia anterior, e havia apenas o senhor, a senhora e sua empregada na casa. Ginger e eu levamos a carruagem para a porta do prédio pela última vez. Os servos trouxeram almofadas, tapetes e muitas outras coisas; e quando tudo estava pronto, o senhor desceu, carregando a senhora em seus braços (eu estava no lado próximo à casa e podia ver tudo acontecendo). Ele a colocou cuidadosamente na carruagem, enquanto os servos da casa ficaram ali chorando.

— Adeus novamente. — ele disse. — Nunca esqueceremos nenhum de vocês. — e ele entrou. — Dirija, John.

Joe subiu, e trotamos lentamente através do parque e do vilarejo, onde as pessoas estavam em suas portas para dar uma última olhada e dizer:

— Deus os abençoe.

Quando chegamos à estação ferroviária, acredito que a senhora andou da carruagem até a sala de espera. Ouvi-a dizer, em sua própria voz doce:

— Adeus, John. Deus o abençoe.

Senti as rédeas balançarem, mas John não respondeu; talvez ele não pudesse falar. Assim que Joe tirou as coisas da carruagem, John o chamou para ficar perto dos cavalos, enquanto ele ia até a plataforma. Pobre Joe! Ele ficou próximo às nossas cabeças para esconder suas lágrimas. Logo o trem chegou, soltando fumaça à estação; e então dois ou três minutos se passaram e as portas foram fechadas. O guarda assobiou e o trem partiu, deixando para trás apenas nuvens de fumaça branca, além de alguns corações muito pesados.

Quando estava bem longe de vista, John voltou.

— Nunca a veremos novamente. — ele disse. — Nunca!

Ele pegou as rédeas, subiu na carruagem e, com Joe, dirigiu lentamente para casa; mas não era nossa casa agora.

PARTE 2

CAPÍTULO XXII – Earshall

Na manhã seguinte, depois do café da manhã, Joe colocou Merrylegs no baixo cabriolé da senhora, para levá-lo ao presbitério. Ele veio primeiro e nos deu adeus, e Merrylegs relinchou para nós do jardim. Em seguida, John colocou a sela em Ginger, as rédeas em mim e nos cavalgou pelo condado por cerca de vinte e cinco quilômetros, para o Parque Earshall, onde o Conde de W. vivia. Havia uma casa muito bonita e vários estábulos. Entramos no jardim por um portão de pedra, e John perguntou pelo Sr. York. Demorou um tempo até ele vir. Ele era um homem de meia idade, bonito, e sua voz denunciou imediatamente que ele esperava ser obedecido. Ele foi muito amigável e educado com John, e, depois de nos dar uma olhadela, chamou um cavalariço para nos levar até nossas baias, e convidou John para tomar um refresco.

Fomos levados para um estábulo leve e arejado, e colocados em baias complementares umas às outras, onde fomos escovados e alimentados. Em cerca de meia hora, John e o Sr. York, que seria nosso novo cocheiro, vieram nos ver.

— Agora, Sr. Manly — ele disse, depois de nos olhar cuidadosamente. —, não vejo defeitos nesses cavalos; mas todos sabemos que os cavalos tem suas peculiaridades, assim como os homens, e que às vezes precisam de tratamento diferenciado. Queria saber se há algo em particular com algum desses dois que você gostaria de mencionar.

— Bem — disse John. —, não acredito que haja melhor par de cavalos no país, e estou bem triste de deixá-los; mas eles não são parecidos. O preto tem o melhor temperamento que já conheci.

Assumo que não deva ter conhecido nenhum trabalho pesado ou golpes desde que foi parido, e que todo seu prazer seja fazer o que você quer que ele faça; mas a castanha, acredito, deve ter sido maltratada.

Ouvimos tal coisa do negociante. Ela chegou mal-humorada e desconfiada para nós, mas quando descobriu que tipo de lugar era o nosso, tudo se esvaiu. Por três anos nunca vi o menor sinal de mau comportamento; e se for bem tratada, não há um animal melhor e mais disposto do que ela. Mas ela é naturalmente de uma constituição mais irritável que o cavalo preto. Moscas a provocam mais, qualquer coisa errada nos arreios a irrita mais, e se for mal tratada ou tratada injustamente, não seria improvável que desse o troco por isso. Você sabe que vários cavalos enérgicos fariam a mesma.

— Claro. — disse York. — Entendo; mas você sabe que não é fácil, em estábulos como esse, ter todas as regalias que deveriam ter. Dou meu melhor, e é só o que posso fazer. Vou me lembrar do que você disse sobre a égua.

Eles estavam saindo do estábulo quando John parou e disse:

— É melhor eu mencionar que nunca usamos gamarras com nenhum deles. O cavalo preto nunca usou uma, e o negociante disse que foi o freio que estragou o temperamento da outra.

— Bem — disse York. —, vivendo aqui, eles precisarão usar gamarras. Eu também prefiro rédeas soltas, e vossa senhoria é muito sensata sobre cavalos; mas minha senhora já tem outra opinião. Ela quer estilo, e se os cavalos de sua carruagem não estiverem usando gamarras apertadas, ela nem olharia para eles. Sempre me oponho ao freio e continuarei me opondo, mas precisarão ser usados quando minha senhora cavalgar.

— Sinto muito por isso, sinto muito mesmo. — disse John. — Mas preciso ir agora ou perderei meu trem.

Ele veio até cada um de nós para nos acariciar e falar conosco pela última vez. Sua voz parecia muito triste.

Ergui minha cabeça próxima a ele. Isso era tudo que eu podia fazer para me despedir. Então ele se foi, e nunca mais o vi desde então.

No dia seguinte, Lorde W. veio para nos ver. Ele pareceu satisfeito com nossa aparência.

— Tenho muita confiança nesses cavalos — ele disse. —, pelo que meu amigo, Sr. Gordon, me disse sobre eles. É claro que não se combinam nas cores, mas minha ideia é que vão se sair muito bem na carruagem enquanto estivermos no país. Antes de irmos para Londres, preciso tentar parear com Baron; o cavalo preto, acredito, é perfeito para montaria.

York, então, contou a ele o que John tinha dito sobre nós.

— Bem — disse ele. —, você precisa ficar atento à égua e colocar as gamarras bem folgadas. Ouso dizer que vão se sair muito bem se receberem um pouco de agrado primeiro. Vou mencionar isso à sua senhora.

Durante a tarde nos colocaram os arreios, e fomos colocados na carruagem. Enquanto o relógio do estábulo batia três horas, fomos guiados para a porta da casa. Era tudo muito grandioso e três ou quatro vezes maior do que nossa casa em Birtwick, mas não era tão agradável, se é que um cavalo pode dar sua opinião. Dois lacaios estavam a postos, vestidos em librés monótonos, com calças escarlate e meias brancas. No momento, ouvimos um murmúrio de seda, conforme minha senhora descia os degraus de pedra.

Ela logo se virou para nos ver. Ela era uma mulher alta e orgulhosa e parecia insatisfeita com algo, mas não disse nada e entrou na carruagem. Essa era minha primeira vez usando gamarras e devo dizer que, apesar de certamente ser um incômodo não poder abaixar minha cabeça de vez em quando, eu não a ergui mais do

que estava acostumado. Fiquei nervoso em relação à Ginger, mas ela parecia calma e satisfeita.

No dia seguinte, às três horas, estávamos novamente à porta juntamente com os lacaios, como antes. Ouvimos o vestido de seda sibilar, e a senhora desceu os degraus. Em uma voz imperiosa ela disse:

¬— York, você precisa levantar mais a cabeça dos cavalos. Não estão apropriados para serem vistos.

York desceu, e disse com muito respeito.

— Desculpe-me, minha senhora, mas esses cavalos não usaram gamarras durante três anos, e meu lorde disse que seria mais seguro acostumá-los aos poucos. Mas se a vossa senhoria deseja, posso levantá-las um pouco mais.

— Faça! — ela disse.

York veio até nossas cabeças e diminuiu as rédeas ele mesmo, muito pouco, acredito. Cada pouquinho faz diferença, seja para melhor ou pior, e, naquele dia, tínhamos um morro íngreme para subir. Então comecei a entender o que tinha ouvido. Claro que eu queria colocar minha cabeça para frente e subir a carruagem com vontade, como estávamos acostumados, mas não, eu tinha que passar a puxá-la com minha cabeça erguida, e aquilo tirou toda minha energia, com isso, o esforço ficou sobre minhas costas e pernas. Quando chegamos, Ginger disse:

— Agora você sabe como é. Mas do jeito que está, não está ruim, e se não piorar muito mais que isso, não direi nada, pois somos muito bem tratados aqui. Porém, se me amarrarem apertado... ora! Eles que tomem cuidado! Não consigo suportar, e não irei.

Dia após dia, buraco após buraco, nossas gamarras eram apertadas cada vez mais e, ao invés, de esperar com prazer pelo momento de colocar meus arreios, como eu costumava fazer, comecei a

desprezá-lo. Ginger também parecia desassossegada, apesar de ter dito muito pouco. Finalmente pensei que o pior tinha acabado. Por vários dias não apertaram mais nada, e me determinei a fazer o melhor que podia e fazer meu dever, apesar de agora ser um constante incômodo ao invés de um prazer. Mas o pior ainda não tinha chegado.

CAPÍTULO XXIII – Uma luta por liberdade

Um dia, minha senhora desceu mais tarde que o usual. Sua seda farfalhava mais do que nunca.

— Dirija para a casa da Duquesa B. — ela disse e, então, depois de uma pausa, acrescentou: — Você nunca vai colocar a cabeça desses cavalos para cima, York? Erga-as de uma vez e acabe com toda essa bajulação e baboseiras.

York veio para mim primeiro, enquanto o cavalariço ficava perto da cabeça de Ginger. Ele puxou minha cabeça para trás e prendeu a gamarra tão apertada, que era quase intolerável. Em seguida ele foi até Ginger, que estava impacientemente balançando sua cabeça para cima e para baixo contra o freio, porque era a vez dela agora.

Ela tinha uma boa ideia do que estava por vir, e no momento em que York tirou a gamarra do bridão para encurtá-la, ela aproveitou sua oportunidade e andou para trás tão subitamente que York bateu seu nariz e deixou cair seu chapéu. O cavalariço quase foi derrubado. Imediatamente os dois voaram para a cabeça dela, mas ela era páreo para eles e continuou precipitando-se, andando para trás e chutando da maneira mais desesperada.

Finalmente ela deu um coice sobre o mastro da carruagem e caiu, depois de dar um severo golpe em minha pata mais próxima. Não há como saber o que mais ela teria feito se York não tivesse se

sentado prontamente sobre sua cabeça para prevenir que ela lutasse, enquanto dizia:

— Solte o cavalo preto! Corra para a manivela e desparafuse o mastro da carruagem! Alguém corte a corda aqui, se não conseguirem soltar o nó!

Um lacaio correu para a manivela e o outro trouxe uma faca da casa. O cavalariço logo me soltou de Ginger e da carruagem, me guiando de volta até minha baia. Ele apenas me deixou como eu estava e voltou para York. Eu estava muito nervoso pelo que tinha acontecido e se fosse acostumado a andar para trás e dar coices, tenho certeza que o teria feito. Mas nunca fui e lá fiquei, bravo, machucado na perna, minha cabeça ainda presa na argola da sela, sem forças para abaixá-la. Eu estava muito triste e me sentia muito inclinado a dar um coice na primeira pessoa que se aproximasse de mim.

Pouco tempo depois, entretanto, Ginger foi trazida por dois cavalariços, machucada por ter apanhado um bocado. York veio com ela e deu suas ordens, e então veio me ver. Em um instante soltou minha cabeça.

— Malditas gamarras! — ele disse para si mesmo. — Logo vi que logo teríamos algum problema. O senhor ficará profundamente aborrecido. Mas, se o marido de uma mulher não consegue ditar as regras, obviamente um servo não conseguirá. Vou lavar minhas mãos, e se ela não conseguir chegar à festa de jardim da Duquesa, não posso fazer nada.

York não disse isso na frente dos homens. Ele sempre falava respeitosamente quando eles estavam por perto. Naquele momento ele me sentiu por inteiro e logo achou o lugar acima de meu jarrete onde eu tinha sido chutado. Estava inchado e dolorido; ele ordenou que fosse esfregado com água quente, e então uma loção foi passada.

Lorde W. ficou muito irritado quando soube sobre o que tinha ocorrido. Ele culpou York por ter obedecido à sua senhora, ao que ele respondeu que, no futuro, preferiria muito receber ordens apenas de vossa senhoria; mas acredito que não deu em nada, pois as coisas continuaram do mesmo jeito que antes. Acho que York devia ter se imposto melhor para defender seus cavalos, mas talvez eu não possa julgar.

Ginger nunca mais foi colocada na carruagem, mas quando estava curada de seus machucados, um dos filhos mais novos do Lorde W. disse que ele gostaria de tê-la. Ele tinha certeza que ela seria uma boa caçadora. Quanto a mim, eu ainda era obrigado a ir na carruagem e tinha um novo parceiro chamado Max. Ele sempre esteve acostumado à gamarras apertadas. Perguntei a ele como ele aguentava.

— Bem — ele disse. —, eu aguento porque preciso, mas está encurtando minha vida e vai encurtar a sua também, se você precisar se ater a isso.

— Você acha — eu disse. — que nossos senhores sabem o quanto isso é ruim para nós?

— Não posso dizer. — ele respondeu. — Mas os negociantes e os médicos sabem muito bem. Uma vez estive com um negociante que estava treinando a mim e a outro cavalo para trabalharmos como um par. Ele erguia nossas cabeças, como ele dizia, um pouco mais alto a cada dia. Um cavalheiro que estava lá perguntou por que ele o fazia. ‘Porque,’ disse ele, ‘as pessoas não os comprarão se não fizermos isso. As pessoas de Londres sempre querem que seus cavalos mantenham as cabeças erguidas e as patas também.

Obviamente é ruim para os cavalos, mas é muito bom para os negócios. Os cavalos logo se cansam ou ficam doentes, e eles vem para pegar outro par’. Isso — disse Max. — foi o que ele disse na minha presença, e você mesmo pode julgar.

O quanto eu sofri com aquelas gamarras por quatro longos meses na carruagem de minha senhora é difícil de descrever; mas tenho certeza que, se durasse muito mais, minha saúde ou meu temperamento teriam cedido. Antes disso, eu nunca soube o que era espumar pela boca, mas agora, a ação do freio pontudo em minha língua e maxilar, além da posição forçada de minha cabeça e garganta, sempre me faziam espumar pela boca. Algumas pessoas acham que isso é muito bonito de ser visto e dizem:

— Que criaturas bonitas e enérgicas!

Mas é tão natural para os cavalos quanto para os homens, perceber que espumar pela boca é um sinal claro de algum desconforto, que deveria ser evitado. Além disso, havia uma pressão em minha traqueia que, frequentemente, deixava minha respiração muito desconfortável. Quando voltava de meu trabalho, meu pescoço e peito estavam tensos e doloridos, minha boca e língua sensíveis, e eu me sentia usado e deprimido.

Na minha antiga casa, eu sempre soube que John e meu senhor eram meus amigos; mas aqui, apesar de ser bem tratado de várias maneiras, não tinha amigos. York devia saber, e muito provavelmente sabia mesmo, que aquela gamarra me machucava; mas suponho que ele considerava isso como uma questão que não podia ser evitada. Em qualquer nível, nada era feito para me socorrer.

CAPÍTULO XXIV – Lady Anne ou um cavalo fugitivo

No começo da primavera, Lorde W. e parte de sua família foram para Londres, levando York consigo. Eu, Ginger e uns outros

cavalos fomos deixados em casa para uso, e o cavalariço chefe foi deixado no comando.

A Lady Harriet, que permaneceu na casa, era inválida e nunca saía na carruagem, e a Lady Anne preferia cavalgar nas costas dos cavalos com seus irmãos ou primos. Ela era uma perfeita amazona, tão alegre e gentil quanto linda. Ela me escolheu como seu cavalo e me nomeou de “Vento Negro”. Eu gostava muito dessas cavalgadas no ar fresco e frio, algumas vezes com Ginger, algumas vezes com Lizzie. Essa Lizzie era uma égua loura clara, quase puro-sangue, e uma grande favorita dos cavalheiros, por conta de suas boas ações e energia; mas Ginger, que a conhecia mais que eu, disse-me que ela era bem nervosa.

Havia um cavalheiro chamado Blantyre no prédio. Ele sempre cavalgava Lizzie e gostava tanto dela, que um dia Lady Anne ordenou que a sela lateral fosse colocada nela e a outra em mim. Quando chegamos à porta, o cavalheiro parecia muito inquieto.

— O que é isso? — ele disse. — Está casando do seu bom Vento Negro?

— Oh, não, não mesmo. — ela respondeu — Mas sou amável o suficiente para deixar você cavalgá-lo uma vez e vou testar sua charmosa Lizzie. Você deve confessar, que, em tamanho e aparência, ela é muito mais um cavalo de uma senhora do que meu próprio favorito.

— Deixe-me alertá-la para que não a monte. — ele disse. — Ela é uma criatura charmosa, mas muito nervosa para uma senhora. Garanto que ela não é completamente segura. Deixe-me implorar-lhe para que troque as selas.

— Meu querido primo — disse Lady Anne, rindo. —, por favor não preocupe sua cabeça boa e cuidadosa comigo. Sou uma amazona desde bebê e segui os cães de caça várias vezes, apesar de eu saber que você não aprova senhoras caçando. Mas ainda assim esse é o fato e pretendo testar essa Lizzie que vocês cavalheiros

gostam tanto; então, por favor, me ajude a montar, como o bom amigo que você é.

Não havia mais nada a ser dito. Ele a colocou cuidadosamente na sela, olhou as rédeas e o freio, colocou as rédeas gentilmente em suas mãos, e então me montou. Assim que estávamos começando a nos mover, um lacaio veio com um pedaço de papel e uma mensagem de Lady Harriet.

— Levem esta pergunta dela para o Doutor Ashley e tragam a resposta, tudo bem?

O vilarejo ficava a cerca de um quilômetro e meio de distância, e a casa do doutor era a última. Seguimos em frente, alegres o suficiente, até chegarmos a seu portão. Havia uma pequena entrada para a casa, entre pinheiros altos. Blantyre desmontou em frente ao portão e ia abri-lo para Lady Anne, mas ela disse:

— Esperarei por você aqui, e você pode pendurar as rédeas do Vento no portão.

Ele olhou para ela duvidosamente.

— Não vou demorar mais que cinco minutos. — ele disse.

— Oh, não se apresse. Lizzie e eu não fugiremos de você.

Ele pendurou minhas rédeas em uma das lanças de ferro, e logo estava escondido entre as árvores. Lizzie estava parada silenciosamente ao lado da estrada, alguns passos à distância, virada de costas para mim. Minha jovem senhora estava sentada tranquilamente, com as rédeas frouxas, cantarolando uma canção. Ouvi os passos de meu cavaleiro até ele chegar à casa e o ouvi bater à porta. Havia uma campina do outro lado da estrada, cujo portão estava aberto. Nesse instante, alguns cavalos de carroça e vários potros vieram trotando de uma maneira muito desordenada, enquanto um garoto, atrás, balançava um grande chicote.

Os potros eram selvagens e alegres, e um deles disparou pela estrada, se atracando contra as pernas traseiras de Lizzie; e quer fosse o potro estúpido ou o barulho do chicote, ela deu um coice violento e saiu em um galope à toda velocidade. Foi tão súbito que Lady Anne mal continuou sentada, mas ela logo se recuperou. Dei um relincho alto e agudo por ajuda; uma e duas vezes, batendo no chão impacientemente, e balançando minha cabeça para soltar as rédeas.

Não tinha muito tempo a perder. Blantyre veio correndo para o portão; ele olhou ansiosamente em volta e vislumbrou a figura que voava, agora bem longe na estrada. Em um instante ele saltou para a sela. Não precisei de chicotes nem de esporas, pois estava tão ansioso quanto meu cavaleiro. Ele viu isso e, me dando rédeas livres e se inclinando um pouco para frente, disparamos atrás deles.

Por cerca de dois quilômetros e meio a estrada seguia reto, então dobrou para a direita, depois do que se dividia em outras duas estradas. Muito antes de chegarmos à curva, ela estava fora de vista. Para qual lado tinha ido? Uma mulher estava parada no portão de seu jardim, fazendo sombra para os olhos com as mãos, olhando ansiosamente pela estrada. Mal tocando as rédeas, Blantyre gritou:

— Qual lado?

— Para a direita! — exclamou a mulher, apontando com sua mão.

Então seguimos em frente pelo lado direito da estrada, e, por um momento, a vimos; mas bastou outra curva para que ela se escondesse novamente. Diversas vezes tínhamos vislumbres, mas logo as perdíamos. Mal parecíamos nos aproximar delas. Um velho cerzidor de estradas estava parado perto de uma pilha de pedras, com sua pá caída e suas mãos erguidas. Conforme nos aproximávamos ele fez um sinal para falar. Blantyre puxou as rédeas um pouco.

— Para a terra comum, para a terra comum, senhor; ela foi para lá.

Eu conhecia esse território muito bem; era, na maior parte, um solo muito desigual, coberto com urze e arbustos de tojo verde-escuro. Aqui e ali havia uma árvore raquítica e destruída; havia também espaços abertos com grama boa e curta, com formigueiros e tocas de toupeiras em todo lugar. Era o pior lugar que eu conhecia para um galope precipitado.

Mal tínhamos virado para a terra comum quando vimos a vestimenta verde voando. O chapéu de minha senhora tinha caído, e seu cabelo longo e castanho flutuava atrás dela. Sua cabeça e corpo estavam jogados para trás, como se estivesse puxando com toda sua força remanescente, e como se essa força estivesse quase se acabando. Estava claro que a rudeza do solo tinha diminuído muito a velocidade de Lizzie e parecia haver uma chance de alcançá-la.

Enquanto estávamos na estrad,a Blantyre tinha me dado liberdade, mas agora, com uma mão leve e um olho treinado, ele me guiou pelo chão de um jeito tão magistral que meu ritmo quase não diminuiu, e estávamos decididamente nos aproximando delas.

Na metade do matagal, um largo açude tinha acabado de ser cavado, e a terra do buraco estava empilhada grosseiramente do outro lado. Com certeza isso as pararia. Mas não; quase sem parar, Lizzie saltou, cambaleou pela terra e então caiu. Blantyre gemeu:

— Agora, Vento, faça seu melhor!

Ele me deu uma rédea firme. Compus-me e com um salto determinado passei por ambos, buraco e barranco.

Imóvel nas urzes, com o rosto voltado para a terra, estava minha pobre jovem senhora. Blantyre se ajoelhou e chamou seu nome; não houve nenhum som. Gentilmente ele virou seu rosto para cima. Estava muito branco, e os olhos, fechados.

— Annie, minha querida Annie, responda!

Mas não houve resposta. Ele desabotoou sua vestimenta, soltou seu colarinho, sentiu suas mãos e pulsos, e então se ergueu e olhou ao redor, procurando por ajuda.

Não muito longe havia dois homens cortando a relva, que, vendo Lizzie correndo selvagem, sem um cavaleiro, abandonaram seu trabalho para pegá-la.

O chamado de Blantyre logo os trouxe ao local. O homem à frente parecia muito atordoado com a vista, e perguntou o que poderia fazer.

— Você cavalga?

— Bem, senhor, não sou muito bom cavaleiro, mas arriscaria meu pescoço pela Lady Anne; ela foi incomunmente boa com minha esposa no inverno.

— Então monte esse cavalo, meu amigo – seu pescoço estará bem seguro com ele – e vá até o médico. Peça a ele para vir imediatamente; depois vá para a Prefeitura, diga tudo que você sabe e peça a eles para me mandarem a carruagem de Lady Anne com sua empregada e ajuda. Ficarei aqui.

— Tudo bem, senhor, farei meu melhor. E rezo a Deus para que a jovem senhora abra seus olhos logo.

E então, vendo o outro homem, ele chamou:

— Aqui, Joe, busque um pouco de água e diga à minha esposa para vir o mais rápido possível até Lady Anne.

Ele, então, de alguma forma, subiu à sela, e com um “vamos” e uma batida nas minhas laterais com as duas pernas, começou sua jornada, fazendo um pequeno circuito para evitar o barranco. Ele não tinha chicote, o que parecia incomodá-lo; mas meu ritmo logo superou aquela dificuldade, e ele descobriu que o melhor que podia fazer era ficar na sela e me segurar, o que ele fez virilmente. Tentei

sacudi=lo o mínimo que consegui, mas uma ou duas vezes, por causa do chão grosseiro, ele exclamou:

— Firme! Opa! Firme!

Na estrada fomos bem; e no médico e na Prefeitura, ele fez sua incumbência como um homem bom e honesto. Eles o chamaram para beber alguma coisa.

— Não, não! — ele disse. — Vou voltar para eles por um atalho através dos campos e chegar lá antes da carruagem.

Houve uma grande comoção e muita pressa depois que a notícia chegou. Tinha acabado de ser colocado em minha baia; a sela e o bridão foram tirados, e um cobertor colocado por cima de mim.

Ginger foi selada e mandada com muita pressa para Lorde George, e logo ouvi a carruagem saindo do jardim.

Pareceu passar muito tempo antes de Ginger voltar e até que fôssemos deixados sozinhos; só então ela me contou tudo o que tinha visto.

— Não posso dizer muito. — ela disse. — Fomos galopando por quase todo o caminho e chegamos lá junto com o médico. Havia uma mulher sentada no chão, segurando a cabeça da senhora no colo. O médico colocou algo em sua boca, mas tudo que ouvi foi, ‘Ela não está morta’. E então fui levada para longe por um homem. Depois de um tempo ela foi levada para a carruagem, e viemos para casa juntos. Ouvi meu senhor falando com um cavalheiro, que o parou para perguntar como ela estava, e ele disse que esperava que nenhum osso estivesse quebrado, mas que ela ainda não tinha falado.

Quando Lorde George pegou Ginger para caçar, York balançou sua cabeça. Ele disse que tinha que ser uma mão firme para treinar um cavalo para a primeira temporada e não um cavaleiro aleatório como Lorde George.

Ginger costumava gostar muito daquilo, mas às vezes, quando voltava, podia-se ver que ela tinha sido muito tensionada e de vez em quando dava uma tossida breve. Ela tinha muita energia para usar, mas não podia evitar me sentir ansioso por ela.

Dois dias depois do acidente Blantyre veio me visitar. Ele me acariciou e me agradeceu muito, então, disse a Lorde George que tinha certeza que o cavalo sabia tanto do perigo de Lady Anne quanto ele mesmo.

— Eu não poderia tê-lo contido se quisesse. — ele disse. — Ela nunca deve montar outro cavalo.

Descobri, pela conversa deles, que minha jovem senhora estava agora fora de perigo e que logo poderia montar novamente. Isso era uma boa notícia para mim, e eu esperava por uma vida feliz.

CAPÍTULO XXV – Reuben Smith

Agora preciso falar um pouco sobre Reuben Smith, que ficou encarregado de cuidar dos estábulos quando York foi para Londres. Ninguém entendia mais sobre o trabalho do que ele, e quando ele estava bem, não podia haver homem mais fiel ou valioso. Ele era gentil e muito esperto em seu manuseio de cavalos e podia cuidar deles quase tão bem quanto um veterinário, pois tinha morado dois anos com um cirurgião veterinário. Ele era um motorista de primeira. Podia pilotar uma carruagem de quatro cavalos ou uma carroça tão facilmente quanto um par. Ele era um homem bonito, estudioso e tinha modos muito agradáveis.

Acredito que todos gostassem dele; certamente os cavalos gostavam. A única surpresa é que ele deveria estar em uma posição

mais baixa e não no lugar de um cocheiro chefe como York. Mas ele tinha uma grande falha, e essa era o amor pela bebida. Ele não era como outros homens que estavam sempre bebendo; ele costumava ficar estável por semanas e meses seguidos, e então explodia e tinha um “ataque de bebedeira”, como York chamava, o que era uma desgraça para ele mesmo, um terror para sua esposa e um transtorno para tudo que tivesse a ver com ele.

Ele era, no entanto, tão útil que, duas ou três vezes, York havia abafado o assunto e escondido do conde; mas uma noite, quando Reuben teve que levar um grupo para uma casa onde haveria baile, estava tão bêbado que não conseguia segurar as rédeas, e um cavalheiro do baile teve que montar na carruagem e levar as senhoras para casa. Claro que isso não pôde ser escondido, e Reuben foi imediatamente demitido. Sua pobre esposa e filhos pequenos tiveram que deixar o bonito chalé perto do portão do parque e ir para qualquer lugar que pudessem pagar.

O velho Max me contou tudo isso, pois aconteceu um bom tempo atrás; mas pouco antes de Ginger e eu virmos para cá, Smith foi readmitido. York tinha intercedido a favor dele com o conde, que tem um ótimo coração, e o homem prometeu que nunca beberia mais uma única gota enquanto morasse lá. Ele tinha mantido sua promessa tão bem que York pensou que ele poderia ser seguramente confiado para preencher seu lugar enquanto ele estivesse fora, e ele era tão esperto e honesto que ninguém mais parecia tão adequado para tal.

Estávamos agora no começo de abril, e a família devia voltar para casa em algum momento em maio. A carruagem leve estava para ser refeita, e como o Coronel Blantyre seria obrigado a voltar para seu regimento, ficou acordado que Smith deveria levá-lo até a cidade para isso e voltar. Por causa disso, ele levou a sela com ele, e eu fui escolhido para a jornada. Na estação, o coronel colocou um pouco de dinheiro na mão de Smith e se despediu, dizendo:

— Tome conta de sua jovem senhora, Reuben, e não deixe Vento Negro ser usado por qualquer pedante aleatório que queira cavalgá-

lo. Guarde-o para a senhorita.

Deixamos a carruagem no fabricante, e Smith me cavalgou até Leão Branco. Ele ordenou ao estribeiro que me alimentasse bem e me deixasse pronto para ele até às quatro horas. Um prego em uma de minhas ferraduras da frente tinha soltado conforme eu andava, mas o estribeiro não notou isso até quase quatro horas. Smith não apareceu no recinto até as cinco e disse que não sairia antes das seis, porque tinha se encontrado com uns velhos amigos. O homem então o contou sobre o prego e perguntou se deveria dar uma olhada na ferradura.

— Não. — disse Smith. — Vai ficar tudo bem até voltarmos para casa.

Ele falou de um jeito muito espalhafatoso e fora de mão, e achei muito incomum que ele não quisesse cuidar do problema, porque geralmente era muito cuidadoso com pregos soltos em nossas ferraduras. Ele não veio às seis, nem às sete, nem às oito. Já era quase nove horas quando ele chamou por mim, e fez isso foi com uma voz estrondosa e grosseira. Ele parecia com um humor muito ruim e abusou do estribeiro, embora eu não compreendesse o porquê.

O senhorio estava na porta, e disse:

— Se cuida, Sr. Smith! — mas ele respondeu irritadamente com uma praga; e quase antes de sair da cidade, ele começou a galopar, frequentemente me atingindo forte com seu chicote, embora eu estivesse indo a toda velocidade. A lua ainda não tinha subido, e estava muito escuro. As estradas estavam cheias de pedras, pois tinham sido remendadas recentemente. Passando por elas nesse ritmo, minha ferradura ficou mais solta, e quando estávamos perto do portão da rodovia com pedágio, ela saiu.

Se Smith estivesse em seu juízo perfeito teria sentido algo errado em meus passos, mas ele estava muito bêbado para notar qualquer coisa.

Depois do pedágio, havia um longo pedaço de estrada, na qual pedaços frescos de pedra tinham acabado de ser depositados – pedras grandes e afiadas, sobre as quais nenhum cavalo devia ser cavalgado com rapidez, sem risco de perigo. Sobre essa estrada, sem uma ferradura, eu era forçado a galopar em minha maior velocidade. Meu cavaleiro me açoitava com seu chicote e praguejava maldições ferozes, me impelindo a ir mais rápido. Obviamente minha pata sem ferradura sofreu terrivelmente; o casco foi quebrado e dividido até a carne e, por dentro, estava terrivelmente cortado por causa das pedras afiadas.

Aquilo não podia continuar. Nenhum cavalo devia submeter suas patas a tais condições; a dor era muito grande. Eu cambaleei e cai violentamente em ambos os meus joelhos. Smith foi arremessado para longe com minha queda, e, devido à velocidade de meu trote, ele deve ter caído com muita força. Logo recuperei minha pata e manquei para o outro lado da estrada, livre de pedras. A lua tinha acabado de nascer por sobre a sebe, e por causa de sua luz eu conseguia ver Smith a alguns metros de distância. Ele não se levantou. Fez apenas um pequeno esforço para se levantar, e então ouvi um gemido pesado.

Eu podia ter gemido também, pois estava sofrendo uma dor intensa em minhas patas e joelhos; mas cavalos estão acostumados a aguentar sua dor em silêncio. Não proferi nenhum som, mas fiquei lá e escutei. Ouvi mais um gemido de Smith; mas apesar de agora estar deitado sob a luz do luar, não vi nenhum movimento. Eu não podia fazer nada por ele nem por mim, mas, oh!, como esperei pelo som de um cavalo, rodas, ou passos!

A estrada não era muito frequentada, e àquela hora da noite poderíamos esperar por muito tempo antes que alguém viesse nos ajudar. Fiquei observando e ouvindo. Era uma noite calma e doce de abril; não havia nenhum som a não ser algumas notas graves de um rouxinol, e nada se movia a não ser as nuvens brancas perto da lua e uma coruja marrom que voava por cima da sebe. Aquilo me fez pensar nas noites de verão de muito tempo atrás, quando eu

costumava me deitar ao lado de minha mãe na campina verde e agradável da casa do Fazendeiro Grey.

CAPÍTULO XXVI – Como terminou

Devia ser quase meia noite quando ouvi, a uma grande distância, o barulho dos cascos de um cavalo. Algumas vezes o som sumia, e então ficava mais claro e mais perto. A estrada para Earshall passava através de florestas que pertenciam ao conde; o som vinha daquela direção, e eu esperava que fosse alguém vindo nos procurar. Conforme o som ficava cada vez mais perto, eu tinha quase certeza que podia distinguir os passos de Ginger aproximando-se, e eu podia dizer que ela estava no ducar.

Relinchei alto e fiquei radiante ao ouvir o relincho de resposta de Ginger e a voz de alguns homens. Eles vieram lentamente pelas pedras e pararam perto da figura escura que estava no chão.

Um dos homens saltou, e se ajoelhou por cima dela.

— É Reuben! — disse ele. — E ele não está se movendo.

O outro homem o seguiu e se inclinou sobre Reuben.

— Ele está morto. — ele disse. — Sinta como as mãos dele estão frias.

Eles o ergueram, mas não havia vida nele, e seu chapéu estava coberto de sangue. Eles o deitaram de novo, vieram em minha direção e olharam para mim. Eles logo viram meus joelhos cortados.

— Ora, o cavalo caiu e o derrubou! Quem poderia imaginar que o cavalo preto faria isso? Ninguém achou que ele pudesse cair. Reuben deve ter ficado aqui por horas. Estranho, também, que o cavalo não saiu do lugar.

Robert, então, tentou me guiar para frente. Dei um passo, mas quase caí novamente.

— Poxa! Ele está machucado na pata e nos joelhos. Veja aqui, o casco dele está em pedaços. Claro que ele acabaria caindo, pobre rapaz! Vou lhe dizer, Ned, receio que não estava tudo bem com Reuben. Apenas pense nele cavalgando um cavalo sem ferradura sobre essas pedras. Ora, se ele estivesse em seu juízo perfeito, ele logo teria tentado cavalgá-lo por sobre a lua.

Receio que tenha sido o velho problema novamente. Pobre Susan! Ela estava horrivelmente pálida quando veio à minha casa para perguntar se ele não tinha voltado. Ela me fez acreditar que não estava nem um pouco ansiosa e falou sobre várias coisas que poderiam tê-lo segurado. Mas ela me implorou para ir encontrar com ele. O que faremos? Há o cavalo e o corpo para levar para casa, isso não vai ser fácil.

E então se seguiu uma conversa entre eles, até que ficou acordado que Robert, o cavalariço, me levaria, e que Ned levaria o corpo. Foi um trabalho difícil colocá-lo no ducar, pois não havia ninguém para segurar Ginger; mas ela sabia tanto quanto eu o que estava acontecendo e ficou tão imóvel quanto uma pedra. Notei isso, porque, se ela tinha uma falha, era a de ser impaciente ao ficar de pé esperando.

Ned saiu muito devagar com sua carga triste, e Robert veio e olhou para minha pata novamente; em seguida pegou seu lenço, a amarrou e assim me levou para casa. Nunca esquecerei aquela caminhada noturna; foram mais do que cinco quilômetros. Robert me guiou muito lentamente, e eu vacilava e mancava o melhor que eu podia, sentindo muita dor. Tenho certeza que ele estava com pena de mim, pois frequentemente me acariciava e encorajava, falando comigo em uma voz agradável.

Finalmente cheguei à minha própria baia, e comi um pouco de milho. Depois que Robert amarrou meus joelhos com toalhas molhadas, amarrou minha pata em uma cataplasma, para tirar o

calor e limpar antes que o veterinário a visse pela manhã, e consegui me deitar na palha e dormir, apesar da dor.

No dia seguinte, depois de o veterinário examinar meus ferimentos, ele disse que esperava que a articulação não estivesse machucada, assim, eu não seria prejudicado ao trabalhar, mas nunca perderia a cicatriz. Acredito que eles fizeram o melhor para me curar da melhor forma, mas foi uma longa e dolorida jornada. Carne viva, como a chamavam, surgiu em meus joelhos e foi queimada com cáustico. Quando finalmente eu estava curado, eles colocaram um fluido borbulhante na frente de ambos os joelhos para tirar todos os pelos; eles tinham um motivo para isso, e acredito que tudo correu bem.

Como a morte de Smith tinha sido tão súbita, e ninguém estava lá para ver, houve um inquérito. O senhorio e o estribeiro do Leão Branco, com várias outras pessoas, deram testemunhas que ele estava intoxicado quando partiu do hotel. O guarda do pedágio disse que ele passou em um galope intenso pelo portão, e minha ferradura foi encontrada entre as pedras, e o caso ficou bem claro para eles, então fui livrado de qualquer culpa.

Todos ficaram com pena de Susan. Ela quase enlouqueceu, dizendo, de novo e de novo:

— Oh! Ele era tão bom, tão bom! Foi tudo aquela maldita bebida Por que vendem aquela maldita bebida? Oh, Reuben, Reuben!

E ela continuou até que ele foi enterrado. Então, como não tinha casa ou parentes, ela, com suas seis pequenas crianças, foi obrigada a deixar novamente aquela casa agradável perto dos carvalhos e ir para aquela sombria Casa União.

CAPÍTULO XXVII – Arruinados e decaindo

Assim que meus joelhos estavam suficientemente curados, eu fui mandado para uma pequena campina por um ou dois meses. Não havia mais nenhuma criatura lá e, embora eu apreciasse a liberdade e a grama fresca, ainda assim, eu tinha sido tão acostumado com a sociedade que me sentia muito sozinho. Ginger e eu nos tornamos bons amigos, e agora eu sentia muita saudade de sua companhia. Frequentemente eu relinchava quando ouvia os cascos de cavalos passando na estrada, mas raramente eu tinha uma resposta, até que, em uma manhã o portão foi aberto, e quem apareceu senão a velha e querida Ginger?

O homem tirou a cabeçada dela e a deixou lá. Com um relincho feliz eu trotei até ela; estávamos ambos felizes em nos encontrar, mas logo descobri que não foi para nosso prazer que ela foi trazida para ficar comigo. A história dela seria muito longa para contar, mas o fim disso foi que ela tinha sido arruinada por muito trabalho, e agora tinha sido mandada embora para ver o que o descanso poderia fazer.

Lorde George era jovem e não ouvia os avisos. Ele era um cavaleiro intenso e caçaria sempre que tivesse chance, um pouco negligente com seu cavalo. Logo depois de eu deixar o estábulo, houve uma corrida de obstáculos, e ele quis competir. Apesar de o cavalariço ter dito a ele que ela estava um pouco tensa e não estava em forma para a corrida, ele não acreditou e no dia da corrida induziu Ginger a acompanhar os primeiros corredores. Com tanta energia, ela se forçou ao máximo, chegando com os primeiros três cavalos, mas seu fôlego foi afetado, além do que, ele era muito pesado para ela, e suas costas foram forçadas.

— E assim — ela disse. —, aqui estamos, arruinados no pico de nossa juventude e força, você por um bêbado, e eu por um tolo; é muito difícil.

Ambos sentíamos que não éramos mais o que já tínhamos sido. Porém, isso não estragou o prazer que tínhamos na companhia um

do outro; não galopávamos por ai como fazíamos antigamente, mas costumávamos comer e deitar juntos e ficar por horas debaixo da sombra de uma das limeiras, com nossas cabeças próximas uma da outra. E assim passamos nosso tempo até que a família voltou da cidade.

Um dia vimos o conde vir até a campina, e York estava com ele. Vendo quem eram, ficamos imóveis debaixo de nossa limeira e os deixamos vir até nós. Eles nos examinaram cuidadosamente. O conde parecia muito aborrecido.

— Aqui estão trezentas libras jogadas fora para nenhum uso possível. — disse ele. — Mas o que mais me importa são esses cavalos de meu velho amigo, que pensou que eles teriam uma boa casa comigo, e agora estão arruinados. A égua terá que descansar por um ano, e vamos ver o que funcionará para ela; mas o preto precisa ser vendido. É uma grande pena, mas não posso ter joelhos como esses em meu estábulo.

— Não, meu lorde, claro que não. — disse York. — Mas ele pode conseguir um lugar onde a aparência não é tão importante e ainda assim ser bem tratado. Conheço um homem em Bath, o dono de alguns estábulos de aluguel, que frequentemente quer um bom cavalo por um baixo custo. Sei que ele cuida de seus cavalos. Um inquérito revelará o caráter do cavalo, e vossa recomendação, ou minha, seria garantia suficiente para ele.

— É melhor escrever para ele, York. Serei mais minucioso quanto ao lugar do que quanto à quantia.

Depois disso eles nos deixaram.

— Logo vão te levar. — disse Ginger. — Vou perder o único amigo que tenho, e muito provavelmente nunca nos veremos novamente. Esse é um mundo cruel!

Cerca de uma semana depois disso, Robert veio ao campo com um cabresto, que foi colocado em minha cabeça, e me levou embora.

Não levaram Ginger. Relinchamos um para o outro, conforme eu era levado para fora, e ela trotou ansiosamente perto da sebe, chamando por mim enquanto ainda ouvia o som de meus cascos.

Através da recomendação de York, fui comprado pelo dono dos estábulos de aluguel. Tive que ir de trem, o que era novo para mim, e precisei de um bom tanto de coragem da primeira vez; mas quando descobri que a fumaça, o barulho, os assobios e, mais do que tudo, o tremor do vagão de cavalos no qual eu estava não me fazia mal algum, logo me acalmei.

Quando cheguei ao final de minha jornada, me encontrei em um estábulo tolerantemente confortável e bem frequentado. Não eram tão arejados e agradáveis quanto aqueles aos quais estive acostumado. As baias ficavam em um declive ao invés de serem nivelados, e, como minha cabeça ficava amarrada à manjedoura, eu era sempre obrigada a ficar no declive, o que era muito cansativo. Os homens parecem não saber que cavalos podem trabalhar mais se puderem ficar de pé tranquilamente e se virarem livremente; no entanto, eu era bem alimentado e bem limpo, e, no geral, acredito que nosso dono cuidava tanto de nós quanto ele podia. Ele tinha um bom número de cavalos e carruagens para alugar. Às vezes seus próprios homens os dirigiam; outras, cavalo e cabriolé eram levados para cavalheiros ou senhoras, que os dirigiam por conta própria.

CAPÍTULO XXVIII – Um cavalo de trabalho e seus motoristas

Até agora eu tinha sido dirigido por pessoas que pelo menos sabiam pilotar; mas nesse lugar eu poderia obter minha experiência de todos os tipos diferentes de motoristas ruins e ignorantes aos quais nós cavalos somos sujeitados; pois eu era um “cavalo de trabalho” e saía com todo tipo de pessoa que quisesse me alugar. Como eu era

bem-humorado e dócil, acredito que eu saía mais com motoristas ignorantes do que os outros cavalos, pois podiam depender de mim. Levaria um bom tempo para dizer todos os estilos sob os quais fui pilotado, mas mencionarei alguns deles.

Primeiramente, havia os motoristas de rédeas curtas – homens que achavam que tudo dependia de segurar as rédeas o mais forte que conseguissem, nunca relaxando o puxão na boca do cavalo, nem dando a ele pelo menos liberdade de movimento. Eles estão sempre falando sobre “segurar bem o cavalo” e sobre “manter um cavalo de pé”, como se um cavalo não tivesse sido feito para se manter de pé.

Alguns pobres e maltratados cavalos, cujas bocas ficaram ásperas e insensíveis por cavaleiros como esses, podem, talvez, encontrar um apoio nisso; mas para um cavalo que precisa depender de suas próprias pernas, tem uma boca sensível e é facilmente guiado, não é só atormentador como também estúpido.

E então há os motoristas de rédeas soltas, que deixam as rédeas frouxas em nossas costas e suas próprias mãos descansando preguiçosamente em seus joelhos. Obviamente, tais cavalheiros não têm controle sobre o cavalo, se algo acontecer subitamente.

Se um cavalo se arremessar, disparar ou tropeçar, eles não estão em lugar algum e não podem ajudar ao cavalo nem a si mesmos, até que o prejuízo esteja feito. Claro, por mim, eu não tinha objeções a isso, porque não estava habituado a disparar nem tropeçar, só estive acostumado a depender do meu cavaleiro para orientações e encorajamento. Ainda assim, gostaríamos de sentir as rédeas um pouco quando descendo um morro, e gostaríamos de saber que o cavaleiro não está dormindo.

Além disso, um jeito desleixado de pilotar leva um cavalo a costumes ruins e frequentemente preguiçosos; e quando muda de mãos precisa ser chicoteado para longe deles, com mais ou menos dor e problemas. Prefeito Gordon sempre nos manteve em nossos melhores ritmos e modos. Ele disse que mimar um cavalo e deixá-lo

criar maus hábitos era tão cruel quanto mimar uma criança, e ambos sofreriam por isso depois.

Ademais, esses cavaleiros são frequentemente descuidados e se importam com qualquer coisa além de seus cavalos. Sai no faetonte um dia com um deles; ele tinha uma senhora e duas crianças atrás. Ele baixou as rédeas conforme partíamos e é claro que me deu vários golpes sem sentido com o chicote, apesar de eu estar bem rápido. Houve um bom tanto de emenda de estrada, e mesmo onde as pedras não tinham acabado de ser colocadas, havia um bom tanto delas soltas. Meu cavaleiro estava rindo e brincando com a senhora e as crianças, falando sobre o campo à direita e à esquerda; mas ele nunca pensou que valesse a pena ficar atento a seu cavalo ou dirigir nas partes mais macias da estrada. Então aconteceu facilmente de eu prender uma pedra em uma das minhas patas dianteiras.

Agora, se o Sr. Gordon ou John, ou, na verdade, qualquer cavaleiro bom tivesse estado lá, ele teria visto que algo estava errado antes de eu dar mais três passos. Ou mesmo se estivesse escuro, uma mão com prática teria sentido pelas rédeas que tinha algo errado com o ritmo, e eles teriam descido e tirado a pedra. Mas esse homem continuou rindo e falando, enquanto, a cada passo, a pedra se fincava mais firmemente entre minha ferradura e minha pata. A pedra era afiada por dentro e redonda por fora, o que, como todos sabem, é o tipo mais perigoso que um cavalo pode suportar, ao mesmo tempo cortando sua pata e o deixando mais propício a tropeçar e cair.

Quer o homem fosse parcialmente cego ou apenas muito descuidado, não posso dizer, mas ele me pilotou com aquela pedra na pata por oitocentos metros antes de perceber qualquer coisa. Naquela hora, eu já estava mancando tanto pela dor, que finalmente ele viu, e disse:

— Bem, olha só! Ora, eles nos mandaram com um cavalo coxo! Mas que vergonha!

Ele então puxou as rédeas e brincou com o chicote, dizendo:

—Agora é inútil se fingir de velho soldado comigo. Ainda temos caminho a seguir, é inútil ficar manco e preguiçoso.

Justo nesse momento, um fazendeiro veio cavalgando em um macho marrom. Ele levantou seu chapéu e encostou.

— Com licença, senhor — ele disse. —, mas acredito que haja algo de errado com seu cavalo; ele está andando como se tivesse uma pedra presa em sua ferradura. Se me permitir, vou olhar a pata dele. Essas rochas espalhadas são coisas perigosas para os cavalos.

— Ele é um cavalo alugado. — disse meu cavaleiro. — Não sei qual é o problema com ele, mas é uma grande vergonha que tenham nos mandado um animal coxo como esse.

O fazendeiro desmontou e, passando suas rédeas pelo seu braço, imediatamente pegou minha pata mais próxima.

— Por Deus, há uma pedra! Manco! Claro que sim!

Inicialmente ele tentou tirá-la com sua mão, mas como agora estava muito presa, ele tirou uma picareta de pedra de seu bolso e com muito cuidado e com certa dificuldade, a tirou. E então segurando-a, ele disse:

— Aqui, essa é a pedra na qual seu cavalo pisou. Não sei como ele não caiu e quebrou seus joelhos no negócio!

— Bem, com certeza! — disse meu cocheiro. — Essa é uma coisa curiosa. Nunca soube que cavalos prendiam pedras.

— Não sabia? — disse o fazendeiro, com desdém. — Mas prendem, até o melhor deles prenderá, e às vezes não podem evitar que aconteça em estradas como essas. E se você não quer que seu fique cavalo manco, você precisa ficar atento e tirá-las rápido. Essa pata está muito machucada. — ele disse, colocando-a gentilmente

no chão e me acariciando. ─ Se posso lhe avisar, senhor, é melhor dirigi-lo com suavidade por um tempo. A pata está muito machucada, e ele não irá parar de mancar de imediato.

E então, montando seu macho e levantando seu chapéu para a senhora, ele saiu trotando.

Quando ele partiu, meu cocheiro começou a balançar as rédeas e chicotear os arreios. Pelo que entendi, precisava continuar, o que é claro que fiz, feliz que a pedra tinha saído, mas ainda com bastante dor.

Esse era o tipo de experiência que nós cavalos de trabalho frequentemente adquiríamos.

CAPÍTULO XXIX – Londrinos

E então há o estilo máquina a vapor de dirigir. Esses cavaleiros eram, na maioria, pessoas das cidades, que nunca tiveram um cavalo próprio e geralmente viajavam de trem.

Eles sempre pareciam pensar que um cavalo era como uma máquina a vapor, só que menor. De qualquer maneira, eles pensam que se pagarem por ele, o cavalo tem que ir tão longe, tão rápido e com uma carga tão pesada quanto desejarem. E sejam as estradas grosseiras, enlameadas, secas ou boas; sejam as pedregosas ou suaves, subindo ou descendo, é tudo a mesma coisa – em frente, em frente, em frente, ele deve continuar, no mesmo ritmo, sem ajuda ou consideração.

Essas pessoas nunca pensam sobre desmontar para subir andando por uma encosta íngreme. Oh, não; eles pagaram para cavalgar, e

cavalgar irão! O cavalo? Oh, ele está acostumado! Para quê os cavalos foram feitos, se não para carregar as pessoas encosta acima? Andem! Uma boa piada de fato! E então o chicote é usado e as rédeas apertadas, e frequentemente uma voz grosseira e repreensiva exclama: “Continue, sua criatura preguiçosa!” E então, nos dão mais uma açoitada com o chicote, quando o tempo todo estamos fazendo nosso melhor para continuar, pacientes e obedientes, embora frequentemente muito assediados e cabisbaixos.

Esse estilo de máquina a vapor nos cansam mais do que qualquer outro. Eu preferiria de longe percorrer trinta quilômetros com um cavaleiro bom e atencioso do que percorrer quinze com alguns desses; cansar-me-ia menos.

Outra coisa; eles raramente usam o freio, por mais íngreme que a descida seja e, portanto, algumas vezes, acidentes feios acontecem; ou se eles os usam, eles frequentemente esquecem de tirar no final da descida; então, mais de uma vez eu tenho que carregá-los, por mais da metade da próxima subida, com uma das rodas presa pelo freio, antes de meu cocheiro decidir pensar sobre isso. E essa é uma tensão terrível sobre um cavalo.

Então esses londrinos, ao invés de começar em um ritmo calmo, geralmente começam a toda velocidade desde o jardim do estábulo. Quando querem parar, primeiro nos chicoteiam e então puxam as rédeas tão subitamente que quase somos jogados em nossas ancas, e nossas bocas quase são entalhadas com o freio. Eles chamam isso de parar com ímpeto; e quando fazem uma curva, a fazem tão bruscamente como se não houvesse lado certo e errado da estrada.

Eu bem me lembro de uma tarde de primavera, onde eu e Rory tínhamos saído pelo dia todo. (Rory era o cavalo que mais saía comigo quando um par era pedido, e ele era um camarada muito honesto). Nós tínhamos nosso próprio cocheiro, e como ele era sempre atencioso e gentil conosco, tivemos um dia muito agradável. Estávamos voltando para casa em um ritmo acelerado, perto do

crepúsculo. Nossa estrada virava bruscamente para a esquerda, mas como estávamos perto da sebe, no nosso próprio lado, e havia muito espaço para passar, nosso cocheiro não nos puxou.

Conforme nos aproximávamos da esquina, ouvi um cavalo e duas rodas descendo rapidamente em nossa direção. A sebe era alta, e eu não podia ver nada, mas no momento seguinte nos encontramos. Felizmente para mim, eu estava do lado próximo a sebe. Rory estava do lado esquerdo do mastro e não tinha nem uma haste para protegê-lo. O homem que estava dirigindo ia direto para a curva, e quando nos viu, não teve tempo para ir para seu próprio lado. Todo o choque atingiu Rory.

O eixo do cabriolé o perfurou direto no peito, fazendo-o cambalear para trás, com um grito que nunca vou esquecer. O outro cavalo foi jogado de suas ancas, e um mastro quebrado. Era um cavalo de nossos próprios estábulos, com o cabriolé alto que o jovem rapaz gostava tanto.

O motorista era um desses rapazes aleatórios e ignorantes, que nem sabem qual é o lado que devem ficar na estrada ou, se sabem, não se importam. E então havia o pobre Rory, com sua carne dilacerada e sangrando, e o sangue escorrendo. Eles disseram que se tivesse sido um pouquinho mais para o lado o teria matado; e teria sido uma coisa boa para ele, coitado.

Como aconteceu, demorou muito tempo até que a ferida cicatrizasse, e então ele foi vendido para carregar carvão. E o que significa, subir e descer aqueles morros íngremes, apenas os cavalos sabem. Algumas das coisas que vi lá, onde um cavalo tinha que descer uma encosta com uma carroça de duas rodas pesadamente carregada atrás dele, onde nenhum freio poderia ser colocado, me deixa triste só de pensar.

Depois que Rory ficou inválido, eu frequentemente ia na carruagem com uma égua chamada Peggy, que ficava na baia próxima a minha. Ela era um animal forte e bem criado, de uma cor parda brilhante, lindamente manchada, com uma crina e rabo marrom

escuro. Não havia muitas ninhadas como ela, mas ela era muito bonita e notavelmente bem humorada e disposta. Mesmo assim, ela tinha um olhar nervoso, que dizia que ela tinha tido problemas. Na primeira vez em que saímos juntos, achei que ela tinha um andar muito estranho. Ela parecia trotar parcialmente, quase em um galope leve, três ou quatro passos e um pequeno salto para frente.

Era muito desagradável para qualquer cavalo que andasse com ela, e me deixava bastante cansado. Quando voltamos para casa, perguntei-lhe o que a fazia andar daquele jeito peculiar e estranho.

— Ah! — ela disse de um jeito perturbado. — Sei que meus passos são muito ruins, mas o que posso fazer? Realmente não é minha culpa; é apenas porque minhas pernas são muito curtas. Sou quase tão alta quanto você, mas suas pernas são uns bons dez centímetros maiores acima do joelho do que as minhas e, obviamente, você pode dar passos muito maiores e ir muito mais rápido. Veja bem, não fiz isso a mim mesma. Queria poder ter feito, assim eu teria pernas longas, então. Todos os meus problemas vêm de minhas pernas curtas. — disse Peggy, em um tom abatido.

— Mas como — eu disse. —, se você é tão forte, bem humorada e disposta?

— Ora, veja bem... — disse ela. — ...homens vão muito rápido, e se um cavalo não pode acompanhar os outros, é só chicote, chicote, chicote o tempo todo. Então tive que acompanhar como pude e terminei nesse ritmo feio e vacilante. Nem sempre foi assim. Quando morava com meu primeiro dono, eu sempre trotava de um jeito regular, mas ele também não estava sempre com tanta pressa. Ele era um jovem clérigo no interior, e que dono bom e gentil ele era! Ele tinha duas igrejas, separadas por um longo caminho, e bastante trabalho, mas nunca ralhou comigo ou me chicoteou por não ir mais rápido. Ele gostava muito de mim. Apenas queria estar com ele agora, mas ele teve que ir para uma cidade grande, e então fui vendida a um fazendeiro.

“Alguns fazendeiros, você sabe, são chefes de capitais, mas acredito que esse era um homem inferior. Ele não se importava em nada com bons cavalos ou boa montaria; ele apenas se importava em ir rápido. Eu ia o mais rápido que podia, mas não era suficiente, e ele estava sempre chicoteando; e então acabei nesse jeito de dar um salto para frente para manter a velocidade. Em noites de feira, ele costumava ficar até muito tarde no hotel, e então voltava para casa galopando.”

“Em uma noite escura, ele estava galopando para casa como fazia normalmente, quando, de repente, a roda esbarrou em algo bem pesado na estrada, virando o cabriolé em um segundo. Ele foi jogado para fora, seu braço e algumas de suas costelas se quebraram, acredito. De qualquer maneira, foi o final de minha estadia com ele, e eu não estava triste. Mas você verá que acontecera o mesmo para mim em qualquer lugar em que os homens precisem ir tão rápido. Queria que minhas pernas fossem mais longas.

Pobre Peggy! Eu sentia muita pena dela e não podia confortá-la, pois sabia o quão difícil era para cavalos com passos lentos serem colocados junto aos de passos rápidos; todo o açoitamento vai para eles, e eles não podem evitar.

Ela era frequentemente usada no faetonte, e muito adorada por algumas senhoras, pois ela era muito delicada. Algum tempo depois disso, ela foi vendida para duas senhoras que dirigiam por conta própria e queriam um cavalo seguro e bom.

Eu a encontrei várias vezes no interior, indo em um ritmo bom e estável, parecendo tão feliz e satisfeita quanto um cavalo poderia ser. Fiquei muito feliz em vê-la, pois ela merecia um bom lugar.

Depois que ela nos deixou, outro cavalo veio em seu lugar. Ele era jovem e tinha uma má reputação por arremessar e disparar. Por causa dela, ele tinha perdido um bom lugar. Eu perguntei a ele o que o fazia arremessar.

— Bem, eu realmente não sei. — ele disse. — Eu era tímido quando jovem e fui bastante assustado várias vezes. Se eu ouvisse qualquer coisa estranha, virava para ver o que era. Você sabe, com nossas cabeçadas não podemos ver ou entender o que é alguma coisa a não ser que nos viremos, e então meu dono sempre me chicoteava, o que obviamente me fazia disparar e não me deixava menos assustado. Acredito que se ele apenas tivesse me deixado olhar as coisas discretamente e ver que não havia nada para me machucar, teria ficado tudo bem, e eu teria me acostumado a elas. Um dia, um velho cavalheiro estava cavalgando com ele, e um grande pedaço de papel branco ou trapo passou voando apenas de um dos meus lados. Eu me lancei e disparei para frente. Meu dono, como sempre, me chicoteou rapidamente, mas o velho exclamou:

— Você está errado! Você está errado! Nunca se deve chicotear um cavalo por se empinar; ele se lança porque está assustado, e você apenas o assusta ainda mais e torna o hábito pior.

Então, suponho que nem todos os homens o façam. Tenho certeza que não quero me lançar para frente pelo simples fato de me lançar; mas como alguém deveria saber o que é perigoso e o que não é, se a esse alguém nunca é permitido se acostumar com nada? Nunca tenho medo do que conheço. Agora, fui levado a um parque onde tinham veados. Claro que eu os conhecia tão bem quanto conhecia uma ovelha ou uma vaca, mas eles não são comuns, e conheço vários cavalos sensíveis que têm medo deles e que dão vários coices antes de passar por um cercado onde há veados.

Eu sabia que o que meu companheiro dizia era verdade e desejei que todo cavalo jovem tivesse donos tão bons quanto o Fazendeiro Grey e o Prefeito Gordon.

Claro que às vezes éramos alugados para bons motoristas por aqui. Lembro-me de uma manhã em que fui colocado no cabriolé leve e levado à uma casa na rua Pulteney. Dois cavalheiros saíram; o mais alto deles veio para minha cabeça. Ele olhou para o freio e para o bridão, e apenas deslocou a coleira com sua mão para ver se encaixava confortavelmente.

— Você acha que esse cavalo quer uma guia? — ele disse ao estribeiro.

— Bem — disse o homem —, devo dizer que ele se sairia tão bem com quanto sem. Ele tem uma boca incomunmente boa e, apesar de ter muita energia, não tem maus hábitos, mas geralmente as pessoas preferem a guia.

— Eu não gosto. — disse o cavalheiro. — Seria tão bom tirá-las e colocar apenas as rédeas. Uma boca sensível é algo ótimo em uma longa jornada, não é, velho camarada? — ele disse, acariciando meu pescoço.

E então ele pegou as rédeas, e ambos se levantaram. Agora consigo me lembrar o quão suave ele me virou. E com uma leve sentida nas rédeas, batendo com o chicote suavemente em minhas costas, saímos.

Arqueei meu pescoço e disparei no meu melhor ritmo. Descobri que tinha alguém sobre mim que sabia como um bom cavalo tinha que ser cavalgado. Pareciam os velhos tempos novamente, e isso fez com que eu me sentisse bastante feliz.

Esse cavalheiro gostou bastante de mim, e após me tentar diversas vezes com a sela, ele convenceu meu mestre a me vender para um amigo dele, que queria um cavalo seguro e agradável para cavalgar. E foi assim que, no verão, fui vendido para o Sr. Barry.

CAPÍTULO XXX – Um ladrão

Meu novo dono era um homem solteiro. Ele morava em Bath e era muito ocupado com negócios. Seu médico recomendou que ele se

exercitasse com cavalos, e, por isso, ele me comprou. Ele alugou um estábulo não muito longe de suas acomodações e contratou um homem chamado Flincher para ser o cavalariço. Meu dono sabia muito pouco sobre cavalos, mas ele me tratava bem, e eu passaria a ter um lugar bom e agradável. Porém ele era ignorante por algumas circunstâncias. Ele ordenou o melhor feno, com muita aveia, feijões amassados, farelos, ervilhas e azevém, conforme achava necessário. Ouvi o senhor dar a ordem, então eu sabia que havia muita comida boa e achei que estava tudo bem.

Por alguns dias, tudo correu bem. Descobri que meu cavalariço sabia o que estava fazendo. Ele mantinha o estábulo limpo e arejado, e me arrumava minuciosamente Além disso, sempre foi gentil. Ele fora um estribeiro em um dos grandes hotéis em Bath. Ele desistiu disso e passou a cultivar frutas e vegetais para a feira, enquanto sua esposa criava e engordava aves e coelhos para vender.

Depois de um tempo, pareceu que minha aveia vinha em pequena quantidade. Eu tinha os feijões, mas o farelo era misturado com eles ao invés da aveia, das quais havia muito pouco; certamente não mais do que um quarto do que deveria haver. Em duas ou três semanas, isso começou a afetar minha força e energia. Os gramíneos, apesar de muito bons, não eram suficientes para manter minha condição sem milho. Entretanto, eu não podia reclamar nem fazer meus pedidos. E assim foi por cerca de dois meses; e eu me perguntava se meu senhor não via que algo estava errado. Contudo, em uma tarde ele cavalgou até o interior para ver um amigo dele, um cavalheiro fazendeiro que morava na estrada para Wells.

Esse cavalheiro conhecia bem cavalos, e depois de receber seu amigo, ele disse, pousando os olhos sobre mim:

— Parece-me, Barry, que seu cavalo não está tão bem quanto estava quando você o adquiriu. Ele está bem?

— Sim, acredito que sim. — disse meu senhor. — Mas ele não está nem de longe tão vívido quanto era. Meu cavalariço diz que os

cavalos sempre ficam entorpecidos e fracos no outono, devo esperar por isso".

— Outono, que besteira! — disse o fazendeiro. — Ora, ainda estamos em agosto, e com o trabalho leve que ele tem e a comida boa que come, ele não deveria se deprimir assim, mesmo se fosse outono. Como você o alimenta?

Meu dono disse a ele. O outro balançou a cabeça lentamente e começou a me sentir por inteiro.

— Não posso dizer quem come seu milho, meu querido camarada, mas com certeza não é seu cavalo. Você cavalgou muito rápido?

— Não, muito suavemente.

— Então, apenas coloque sua mão aqui. — disse ele, passando sua mão por meu pescoço e ombro. — Ele está tão quente e desanimado quanto um cavalo que só come grama. Aconselho-te a prestar mais atenção no seu estábulo. Odeio suspeitar, e, graças a Deus, não tenho motivos para isso, pois posso confiar em meus homens, presentes ou ausentes; mas há canalhas maus, perversos o suficiente para roubar a comida até de uma criatura muda. Você deve investigar. — e virou-se para seu homem, que tinha vindo me levar, acrescentando: — Dê a esse cavalo uma boa refeição de grãos e não o restrinja.

Criaturas mudas! Sim, nós somos, mas se eu pudesse falar, poderia ter dito ao meu dono para onde seus grãos estavam indo. Meu cavalariço costumava vir todas as manhãs por volta das seis horas, acompanhado por um garotinho, que sempre tinha uma cesta coberta com ele. Ele costumava ir com seu pai para a sala de arreios, onde o milho era mantido, e eu os via, quando a porta ficava entreaberta, encher uma pequena sacola com grãos do armazém, e então eles saíam.

Cinco ou seis manhãs depois disso, logo após o garoto deixar o estábulo, a porta foi escancarada, e um policial entrou, segurando a

criança com força pelo braço. Outro policial o seguiu e trancou a porta por dentro, dizendo:

— Mostre-me o lugar onde seu pai guarda a comida dos coelhos.

O garoto parecia muito assustado e começou a chorar, mas não havia escapatóriaa não ser guiá-lo até o armazém de milho.

Aqui o policial encontrou outra sacola vazia como aquela que foi encontrada cheia de grãos na cesta do menino.

Flincher estava limpando minha pata na hora, mas eles logo o viram, e apesar de ele vociferar muito, foi levado paraa delegacia, e seu filho foi com ele. Ouvi, mais tarde, que o garoto não foi considerado culpado, mas o homem foi sentenciado à prisão por dois meses.

CAPÍTULO XXXI – Uma farsa

Meu dono não fez nada imediatamente, mas em alguns dias meu novo cavalariço chegou. Ele era um rapaz alto e bonito; mas se alguma vez houve uma farsa na forma de um cavalariço, Alfred Smirk era o homem. Ele era muito cortês comigo e nunca me maltratou; na verdade, ele me acariciava bastante quando seu chefe estava lá para ver. Ele sempre escovava minha crina e meu rabo com água, e meus cascos com óleo, antes de me levar à porta para me fazer parecer elegante; mas quanto a limpar minhas patas, averiguar minhas ferraduras ou me aprontar minuciosamente, não fazia mais nada do que se eu fosse uma vaca. Ele deixou meu freio enferrujado, minha sela úmida e minha garupa dura.

Alfred Smirk se considerava muito bonito. Ele passava muito tempo se preocupando com seu cabelo, bigode e gravata, antes de se admirar um pouco na sala de arreios. Quando seu chefe estava falando com ele, era sempre, “Sim, senhor; sim, senhor!”, tocando seu chapéu a cada palavra; e todos achavam que ele era um jovem muito agradável, e que o Sr. Barry tinha muita sorte de tê-lo encontrado. Devo dizer que ele era o sujeito mais preguiçoso e vaidoso do qual já me aproximei. Claro que era uma coisa ótima não ser maltratado, mas, na verdade, um cavalo quer mais que isso. Eu tinha uma caixa solta, e tudo poderia ter sido muito confortável se ele não tivesse sido tão indolente para limpá-la. Ele nunca tirava toda a palha, e o cheiro do que ficava por baixo era muito ruim. Os cheiros fortes que subiam, deixavam meus olhos pungentes e ardidos, e eu não tinha o mesmo apetite por minha comida.

Um dia o chefe dele veio e disse:

— Alfred, o estábulo está com um cheiro muito forte; você não deveria dar uma bela escovada nessa estrebaria e jogar muita água?

— Bem, senhor — ele disse, tocando seu chapéu. —, farei isso, se é o que você quer, senhor, mas é bastante perigoso, senhor, jogar água na baia de um cavalo. Eles são muito suscetíveis a pegar resfriados, senhor. Eu não quero machucá-lo, mas farei se é o que você quer, senhor.

— Bem — disse o chefe dele. —, não queria que ele ficasse resfriado, mas não gosto do cheiro desse estábulo. Você acha que os esgotos estão funcionando bem?

— Bem, senhor, agora que você mencionou, acredito que o esgoto às vezes mande de volta um cheiro ruim. Pode ser que haja algo errado, senhor.

— Então chame o pedreiro e cuide disso. — disse o chefe dele.

— Sim, senhor. — disse Alfred. — Eu notei a mesma coisa quando o exercitei.

Agora, o fato é que ele raramente me exercitava, e quando meu dono estava ocupado, eu ficava por dias sem esticar minhas pernas, mas ainda assim sendo alimentado com muita coisa, como se eu tivesse trabalhado duro. Isso frequentemente atrapalhava a minha saúde e me deixava às vezes pesado e lento, mas mais inquieto e febril com frequência. Ele nunca nem me dava uma refeição composta por comida verde ou uma mistura de farelos, o que teria me acalmado, pois ele era tão ignorante quanto vaidoso; e então, ao invés de me exercitar ou trocar a comida, eu tinha que tomar bolas de cavalo e tragos, o que, além do incômodo de tê-las derramadas garganta abaixo, costumavam me fazer me sentir indisposto e desconfortável.

Um dia minhas patas estavam tão sensíveis que, trotando por cima de umas pedras novas, com meu dono em minhas costas, tropecei duas vezes tão seriamente que, conforme ele desceu Lansdown para a cidade, parou no veterinário e pediu que ele dissesse o que tinha de errado comigo. O homem pegou minhas patas, uma a uma, e as examinou; então, levantando-se e limpando as mãos, uma contra a outra, ele disse:

— Seu cavalo está com ‘sapinho’, e muito ruim. Além disso, suas patas estão muito sensíveis. É uma sorte que ele não tenha caído. Pergunto-me se seu cavalariço não prestou atenção nisso antes. Esse é o tipo de coisa que encontramos em estábulos imundos, onde o lixo provavelmente nunca é apropriadamente limpo. Se você mandá-lo para cá amanhã, vou cuidar dos cascos e mostrarei a seu homem como aplicar o fomento que darei a ele.

No dia seguinte minhas patas foram perfeitamente limpas e emplastradas de estopa, mergulhada em alguma loção forte. E que coisa desagradável que isso era.

O veterinário ordenou que todo o lixo fosse tirado de minha baia todos os dias, e o chão fosse varrido até ficar bem limpo. E então eu

deveria comer misturas de farelos, um pouco de comida verde e menos milho, até que minhas patas estivessem bem de novo. Com esse tratamento, logo recuperei minha energia, mas o Sr. Barry estava tão desgostoso por ter sido enganado por seus cavalariços duas vezes que desistiu de ter um cavalo, optando por alugar quando quisesse um. Eu fui, portanto, mantido até que minhas patas estivessem curadas, e então fui vendido novamente.

PARTE 3

CAPÍTULO XXXII – Uma feira de cavalos

Não há dúvidas que uma feira de cavalos é algo divertido para quem não tem nada a perder; de qualquer maneira, há muito para se ver.

Longas filas de cavalos jovens saídos do campo, frescos dos brejos, rebanhos de pequenos e desgrenhados pôneis Welsh, não maiores que Merrylegs, centenas de cavalos de carroça de todos os tipos, alguns deles com seus rabos trançados e amarrados com uma fita escarlate, e muitos outros como eu mesmo, bonitos e bem criados, mas rebaixados para a classe média, através de algum acidente ou cicatriz, insalubridades ou alguma outra queixa. Havia alguns animais esplêndidos em seu apogeu, adequados para qualquer coisa.

Eles estavam levantando suas pernas e exibindo seus passos em grande estilo, conforme eram trotados com uma rédea-guia, com o cavalariço correndo ao lado deles. Mas, de volta aos bastidores, havia um grande número de coitadinhos, infelizmente destruídos por trabalho duro, com seus joelhos vacilando e as pernas balançando a cada passo; e havia alguns cavalos velhos muito abatidos, com o lábio inferior pendurado para baixo e as orelhas pesadamente para trás, como se não tivssem mais prazer na vida nem esperança.

Havia uns tão magros que você podia ver todas suas costelas, e alguns com úlceras velhas nas costas e quadris. Essa era uma visão triste para um cavalo que sabe nada que ele também pode acabar nesse estado.

Havia muitas barganhas, de corridas e superações; e se um cavalo pode dar sua opinião, até onde ele entende, devo dizer que havia

mais mentiras contadas e trapaças em uma feira de cavalos do que um homem esperto poderia de dar conta. Fui colocado com outros dois ou três cavalos fortes, com aparência útil, e um bom número de pessoas vinha nos olhar. Os cavalheiros sempre viravam a cara quando viam meus joelhos detonados, apesar de o homem que estava me vendendo jurar que fora apenas um escorregão no estábulo.

A primeira coisa era abrir minha boca, então olhar para os meus olhos, em seguida sentir todo o caminho por minhas pernas e dar uma vigorosa sentida em minha pele e carne, depois testar meus passos. Era maravilhosa a diferença que havia no modo como essas coisas eram feitas. Alguns faziam de uma maneira grosseira e desajeitada, como se o cavalo fosse um pedaço de madeira, enquanto outros passavam as mãos suavemente pelo corpo do cavalo, com uma carícia, quase como se dissessem, “Com sua permissão”. Claro que julguei muitos dos compradores pelo modo como me trataram.

Havia um homem que se resolvesse me comprar, me deixaria feliz. Ele não era um cavalheiro nem um dos tipos espalhafatosos e chamativos que assim se denominavam. Ele era um homem até que pequeno, mas bem feito, e rápido em todos seus movimentos. Eu soube em um instante, pelo jeito com o qual me manuseava, que ele estava acostumado com cavalos. Ele falava com suavidade, e seus olhos cinza tinham uma expressão gentil e alegre. Pode parecer estranho dizer – mas é verdade– que o cheiro limpo e fresco dele fez com que eu me aproximar.

Não era o cheiro de cerveja velha ou tabaco, que eu odiava, mas um cheiro fresco, como se ele tivesse saído de um palheiro. Ele ofereceu vinte e três libras por mim; mas isso foi recusado, e ele foi embora. Procurei por ele, mas ele sumiu, e um homem de aparência rude e com voz alta veio. Eu estava com um medo terrível de que ele me levasse, mas ele passou adiante. Um ou mais dois vieram sem intenção de negociar.

E, então, o homem de aparência rígida voltou e ofereceu vinte e três libras. Uma barganha estava ocorrendo, pois meu vendedor achou que não poderia conseguir tudo que pediu e devia baixar o preço, mas nesse momento o homem de olhos cinza voltou. Não pude evitar a não ser estender minha cabeça em direção a ele. Ele acariciou minha face suavemente.

— Bem, velho camarada — ele disse —, acho que seríamos adequados um para o outro. Darei vinte e quatro por ele.

— Diga vinte e cinco, e ele é seu.

— Vinte e quatro e dez. — disse meu amigo, em um tom muito decidido. — E nem mais um centavo – sim ou não?"

— Feito" — disse o vendedor. — E você pode apostar, há uma monstruosa quantidade de qualidade nesse cavalo, e se você o quer para trabalhar com cabriolé, ele é uma pechincha.

O dinheiro foi pago na hora. Meu novo dono pegou meu cabresto e me guiou para fora da feira até um hotel, onde havia uma sela e um bridão preparados. Ele me deu uma boa refeição de grãos e ficou por perto enquanto eu comia, falando consigo mesmo e comigo. Meia hora depois estávamos indo para Londres, através de pistas agradáveis e estradas do interior, até chegarmos à via pública de Londres, na qual viajamos estavelmente, até que, ao crepúsculo, chegamos à grande cidade. As lâmpadas a gás já estavam acesas; havia ruas para a direita, ruas para a esquerda e ruas se cruzando, por quilômetro depois de quilômetro. Achei que nunca chegaríamos ao fim delas. Finalmente, ao passar por uma delas, chegamos a um longo estacionamento de cabriolés, quando meu cavaleiro chamou, em uma voz alegre:

— Boa noite, Governador.

— Olá! — exclamou uma voz. — Conseguiu um bom?

— Acredito que sim. — disse meu dono.

— Desejo-lhe sorte com ele.

— Obrigado, Governador! — e ele prosseguiu.

Logo viramos em uma das ruas laterais, e em cerca da metade do caminho, viramos em uma rua muito estreita, com casas muito pobres de um lado e o que pareciam ser estrebarias e estábulos do outro.

Meu dono parou em frente a uma das casas e assobiou. A porta se abriu, e uma jovem mulher, seguida de uma garotinha e um garotinho, correram para fora. Houve um cumprimento muito animado conforme meu cavaleiro desmontou.

— Agora, Harry, garoto, abra os portões, e a mamãe nos trará a lanterna.

No instante seguinte todos eles estavam a minha volta em um pequeno jardim do estábulo.

— Ele é dócil, pai?

— Sim, Dolly, tão dócil quanto seu gatinho. Venha e o acaricie.

Imediatamente a mãozinha estava acariciando por todo meu ombro sem medo. Como era bom!

— Deixe-me pegar uma mistura de farelos para ele enquanto você o escova. — disse a mãe.

— Sim, Polly, é exatamente o que ele quer. E sei que você tem uma linda mistura preparada para mim também.

— Bolinhos de salsicha e torta de maçã! — gritou o garoto, o que fez todos eles caírem na risada. Fui levado para uma sela confortável e com cheiro de limpa, com muita palha seca, e depois de um grande jantar eu me deitei, pensando que ia ser feliz.

CAPÍTULO XXXIII – Um cavalo de táxi de Londres

O nome de meu novo dono era Jeremiah Barker, mas como todos o chamavam de Jerry, vou fazer o mesmo. Polly, sua esposa, era a melhor companheira que um homem poderia ter. Era uma pequena mulher curvilínea, elegante e bem arrumada, com cabelo escuro e macio, olhos escuros e uma boquinha feliz.

O garoto tinha quase doze anos, era um rapaz alto, leal e bem humorado; e a pequena Dorothy (a chamavam de Dolly) era uma cópia de sua mãe, com oito anos. Todos gostavam muito um do outro. Nunca conheci uma família tão feliz antes ou desde então. Jerry tinha seu próprio cabriolé e dois cavalos, que ele dirigia e cuidava ele mesmo. Seu outro cavalo era um animal alto, branco, de ossos largos chamado Capitão.

Ele estava velho agora, mas quando ele era jovem devia ter sido esplêndido. Ele ainda tinha um jeito orgulhoso de erguer sua cabeça e arquear seu pescoço; na verdade, ele era um cavalo bem criado, bem comportado e nobre, em cada centímetro dele. Ele me contou que em sua juventude foi para a Guerra da Crimeia; ele pertencia a um oficial da cavalaria e costumava liderar o regimento. Contarei mais sobre isso depois.

Na manhã seguinte, quando estava bem arrumado, Polly e Dolly vieram ao jardim para me ver e fazer amizade. Harry esteve ajudando seu pai desde cedo pela manhã e deu sua opinião de que eu seria “um tijolo comum”. Polly me trouxe um pedaço de maçã, e Dolly, um pedaço de pão, e fizeram tanta festa para mim como se eu ainda fosse o Beleza Negra de tempos atrás. Era uma coisa ótima ser acariciado novamente e conversar com vozes suaves, então, as deixei ver, do melhor jeito que consegui, que eu queria ser amigável. Polly achava que eu era muito bonito e um bom negócio para cabriolés também, se não fosse pelos joelhos quebrados.

— Claro que não há ninguém para nos dizer de quem foi a culpa disso. — disse Jerry. — E enquanto não souber, vou dar a ele o benefício da dúvida; pois nunca cavalguei alguém mais firme ou puro. Vamos chama-lo de ‘Jack’, em homenagem ao antigo, sim, Polly?

— Sim. — disse ela. — Pois gosto de manter um bom nome em uso”.

Capitão saiu com o cabriolé pela manhã toda. Harry veio depois da escola para me alimentar e me dar água. Pela tarde fui colocado no cabriolé. Jerry tomou tanto cuidado para ver se a coleira e o bridão estavam colocados confortavelmente, quanto se eu estivesse lidando com John Manly novamente. Quando a garupa foi alargada um ou dois furos, tudo estava bem. Não havia gamarras, freio, nada a não ser um anel liso e o bridão. Que benção isso era!

Depois de dirigir pela rua lateral, chegamos ao grande estacionamento de cabriolés onde Jerry tinha dito “Boa noite”. Em um lado dessa larga rua estavam casas altas com maravilhosas vitrines, do outro ficava uma velha igreja e o pátio da igreja, cercada por paliçadas de ferro.

Junto com esses trilhos de ferro, um grande número de cabriolés estavam estacionados, esperando por passageiros. Pedaços de feno estavam espalhados pelo chão; alguns dos homens estavam de pé juntos conversando, outros estavam sentados em seus carros, lendo o jornal, e um ou dois estavam alimentando seus cavalos com pedaços de feno, dando-lhes um gole de água. Encostamos-nos na fileira traseira do último cabriolé. Dois ou três homens vieram e começaram a me olhar e fazer observações.

—Muito bom para um funeral. — disse um.

— Muito esperto. — disse outro, balançando sua cabeça de um jeito muito sábio. — Você vai achar alguma coisa de errado em uma dessas belas manhãs, ou meu nome não é Jones.

— Bem — disse Jerry agradavelmente. — Suponho que eu não precise descobrir até que tenha que descobrir, não? E assim sendo, vou guardar minhas energias por um pouco mais de tempo.

E então veio um homem de rosto largo, vestido em um grande casaco cinza, com grandes capas cinza, com grandes botões brancos, um chapéu cinza e um cachecol azul amarrado ao redor de seu pescoço. Seu cabelo também era cinza, mas ele era um camarada de aparência alegre, e os outros homens abriram caminho para ele. Ele me olhou por inteiro, como se tivesse vindo aqui para me comprar, e, então, se endireitando com um grunhido, disse:

— Ele é o tipo certo para você, Jerry. Não me importo com quanto pagou por ele, valerá a pena. — e assim minha fama foi estabelecida no recinto.

O nome desse homem era Grant, mas ele era conhecido por “Grant Cinza” ou “Governador Grant”. Ele esteve nesse lugar por mais tempo do que qualquer outro homem e assumiu o cargo de resolver problemas e evitar disputas. Ele geralmente era um homem bem humorado e sensível, mas se seu humor estava um pouco ruim, como acontecia quando ele bebia muito, ninguém gostava de chegar perto de seu punho, pois ele podia dar um soco muito forte.

A primeira semana de minha vida como um cavalo de táxi foi muito fatigante. Eu nunca tinha sido acostumado com Londres, e o barulho, a pressa, a multidão de cavalos, carroças e carruagens, através das quais tinha que achar meu caminho, me fazia sentir nervoso e ousado, mas logo descobri que podia confiar perfeitamente em meu cocheiro, então me acalmei e me acostumei a isso.

Jerry era um motorista tão bom quanto eu jamais havia conhecido; e o que era melhor, ele pensava tanto sobre seus cavalos quanto sobre si. Ele logo descobriu que eu estava disposto a trabalhar e dar meu melhor, o que o fez nunca usar o chicote em mim, a não ser que fosse apenas um toque suave da ponta dele em minhas costas,

quando queria que eu continuasse. Mas geralmente eu sabia disso muito bem pelo modo como ele pegava nas rédeas e acredito que seu chicote ficava mais ao seu lado do que em sua mão.

Em um pequeno tempo, eu e meu dono entendemos um ao outro, tão bem quando cavalo e homem podem se entender. No estábulo, também, ele fazia tudo que podia para nosso conforto. As baias eram do estilo das antigas, formando um declive, mas tínhamos duas barras móveis fixadas na parte de trás de nossas baias, para que à noite, quando estivéssemos descansando, ele apenas tirasse nossa coleira e colocasse as barras. Desse modo, podíamos nos virar e ficar do jeito que quiséssemos, o que é um grande conforto.

Jerry nos mantinha muito limpos e nos dava a maior variedade de comida que podia, o que era sempre bastante comida; e não só isso, ele sempre nos dava bastante água limpa e fresca, que ele deixava ficar perto de nós a noite e o dia todo, exceto, é claro, quando chegávamos quentes. Algumas pessoas dizem que um cavalo não deve beber tudo que ele quer, mas sei que se nos permitem beber quando quisermos, bebemos sempre um pouco de cada vez, e isso nos faz muito melhor do que se engolirmos metade de um balde de uma vez por termos sido deixados sem água até ficarmos com sede e miseráveis.

Alguns cavalariços vão para casa para suas cervejas e nos deixam por horas com nosso feno e grãos secos sem nada para umedecê-los, então, obviamente, bebemos muito de uma vez, o que ajuda a estragar nossa respiração e às vezes esfria nossos estômagos.

Mas a melhor coisa que tínhamos aqui eram os domingos de descanso. Trabalhávamos tanto durante a semana que não acredito que seríamos capazes de manter o ritmo se não fosse por esse dia; além disso, tínhamos, então, tempo para aproveitar a companhia um do outro. Foram nesses dias que aprendi a história de meu companheiro.

CAPÍTULO XXXIV – Um velho cavalo de guerra

Capitão foi domado e treinado para ser um cavalo de exército. Seu primeiro dono foi um oficial da cavalaria, convocado para a Guerra da Crimeia. Ele disse que gostava bastante do treino com os outros cavalos, trotando juntos, virando juntos, para a mão direita ou esquerda, parando quando era comandado, ou disparando a toda velocidade ao som do trompete ou do sinal do oficial.

Ele era, quando jovem, de um cinza escuro e salpicado, considerado muito bonito. Seu dono, um jovem e enérgico cavalheiro, era muito apegado a ele e o tratou, desde a primeira vez, com muito cuidado e gentileza. Ele me contou que achava que a vida de um cavalo de exército era muito agradável, mas quanto o assunto era ser mandado para fora pelo mar, em um grande navio, ele quase mudou de ideia.

— Essa parte — disse ele. — era horrível. Claro que não podíamos andar da terra até o navio, então eles eram obrigados a colocar faixas fortes por baixo de nossos corpos, e então éramos levantados, apesar de nossa resistência, e levados pelo ar por cima da água para o convés do grande navio. Lá, éramos colocados em baias pequenas e próximas, e por muito tempo não víamos o céu nem podíamos esticar nossas pernas. O navio às vezes viajava sobre ventos fortes, e nós éramos derrubados, nos sentindo muito mal. Entretanto, finalmente isso chegou a um fim, e fomos rebocados e levados para a terra novamente. Ficamos muito agradecidos, bufando e relinchando de alegria, quando mais uma vez sentimos terra firme sob nossas patas.

“Logo descobrimos que o país onde estávamos era muito diferente do nosso e que tínhamos muitas outras coisas para suportar além da luta; mas muitos dos homens eram tão apegados a seus cavalos, que faziam tudo que podiam para deixá-los confortáveis, apesar da neve, da umidade e de todas as coisas que estavam fora de ordem.”

— Mas e a luta? — disse eu. — Isso não foi pior que todo o resto?

— Bem — disse ele. —, eu não sei; sempre gostávamos de ouvir o som do trompete, de sermos chamados, e estávamos impacientes para começar, apesar de às vezes termos que ficar por horas de pé esperando o comando, e quando este era dado, costumávamos avançar para frente tão alegre e ansiosamente como se não houvesse bolas de canhão, baionetas e balas. Acredito que enquanto sentíssemos nosso cavaleiro firme sobre a sela e a mão dele firme no bridão, nenhum de nós cederia ao medo, nem mesmo quanto as terríveis bombas viajassem pelo ar e explodissem em mil pedaços.

“Eu e meu nobre dono passamos por diversas situações juntos sem nenhum ferimento, e apesar de eu ver cavalos mortos a tiros, furados com lanças, ou rasgados com terríveis cortes de espada, apesar de termos deixado os mortos no campo ou morrendo na agonia de seus ferimentos, acredito que eu não temia por mim mesmo. A voz alegre de meu dono, conforme ele encorajava seus homens, fazia eu me sentir como se não pudéssemos ser mortos. Eu tinha tanta confiança nele que, enquanto ele me guiava, eu me sentia pronto para chegar à própria boca do canhão. Vi vários homens corajosos cortados ao meio, muitos caindo mortalmente feridos de suas selas.

Ouvi os gritos e gemidos dos moribundos. Eu trotei pelo chão escorregadio de sangue e, frequentemente, tinha que me virar para não pisotear um homem ou cavalo ferido. Mas, até um certo dia, nunca senti medo. Esse dia nunca vou esquecer.

Nesta parte o Capitão parou por um tempo e respirou fundo. Eu esperei, e ele continuou:

— Era uma manhã de outono, e, como normalmente, uma hora antes do sol nascer, nossa cavalaria saíra, prontamente ajaezados para o dia de trabalho, quer fosse luta ou espera. Os homens ficavam perto de seus cavalos esperando, prontos para ordens. Conforme a luz aumentava, parecia haver certo nervosismo entre os

oficiais, e antes de o dia amanhecer, ouvimos o disparo das armas inimigas.

“E, então, um dos oficiais veio e deu a ordem para os homens montarem e, em um segundo, cada homem estava em sua sela, e cada cavalo estava esperando pelo toque nas rédeas ou a pressão dos calcanhares de seu cavaleiro. Todos animados, todos ansiosos; mas ainda assim tínhamos sido treinados tão bem, que, exceto pela mastigação em nossos freios e o balanço de nossas cabeças para descansar de tempos em tempos, pode-se dizer que nós não nos movíamos.”

“Meu querido senhor e eu estávamos no começo da fila, e conforme todos permaneciam sentados, imóveis e alertas, ele arrumou uma mecha de minha crina, que tinha virado para o lado errado, e a alisou com sua mão. Acariciando meu pescoço, ele disse: ‘Vamos ter um dia daqueles hoje, Bayard, meu garoto; mas vamos fazer nosso dever como temos feito’. Ele acariciou meu pescoço naquela manhã, mais do que jamais tinha feito, com suavidade, acariciando e acariciando, como se estivesse pensando sobre outra coisa. Eu adorava sentir a mão dele em meu pescoço e arqueava minha crina orgulhosa e feliz. Mas fiquei bem imóvel, pois conhecia todos seus humores – quando ele queria que eu ficasse quieto e quando estava feliz.”

“Não posso contar tudo que aconteceu naquele dia, mas vou contar sobre a última missão que realizamos juntos. Era através de um vale, logo na frente do canhão inimigo. Agora já estávamos bem acostumados ao rugido das armas pesadas, com o farfalhar do fogo das espingardas e com as balas voando perto de nós; mas nunca estive sob tanto fogo quanto o que atravessamos naquele dia.

Pela direita, pela esquerda e pela frente, tiros e projéteis choviam sobre nós. Muitos homens corajosos seguiram em frente, muitos cavalos caíram, atirando seu cavaleiro para a terra. Muitos cavalos sem cavaleiro corriam com selvageria para fora das fila; e então, aterrorizados por estarem sozinhos, sem nenhuma mão para guia-

los, vinham se apertando entre seus companheiros, para galopar com eles para a missão.”

“Aterrorizante como era, ninguém parou, ninguém olhou para trás. A cada momento, as filas ficavam menores. Mas conforme nossos camaradas caíam, nos aproximávamos para mantê-los junto a nós, e ao invés de ficarmos abatidos ou vacilantes em nosso ritmo, nosso galope ficava mais e mais rápido, conforme nos aproximávamos do canhão, onde tudo estava nublado com fumaça branca, enquanto o fogo vermelho brilhava através dela.”

“Meu senhor, meu querido senhor, estava animando seus companheiros com seu braço direito erguido nas alturas, quando uma das bolas, zumbindo próxima a minha cabeça, o atingiu. Eu o senti vacilar com o choque, apesar de ele não ter emitido nenhum grito. Tentei minimizar minha velocidade, mas a espada caiu de sua mão direita, as rédeas ficaram soltas do lado esquerdo, e afundando para trás na sela, ele caiu no chão. Os outros cavaleiros passaram por nós, e pela força de seu ataque, fui levado para longe de onde ele caiu.”

“Eu queria manter meu lugar ao lado dele e não o deixar sob o ataque daquelas patas de cavalo, mas foi em vão. E depois, sem dono ou amigo, eu estava sozinho naquela arena. O medo tomou conta de mim, e eu tremi como nunca tinha tremido antes. Também, como tinha visto outros cavalos fazerem, tentei me juntar às filas de galope com eles, mas eu estava machucado pelas espadas dos soldados. Nesse instante, um soldado cujo cavalo tinha sido morto debaixo dele, pegou no meu bridão e me montou; e com esse novo dono eu estava novamente indo para frente, mas nossas forças foram cruelmente dominadas, e aqueles que restaram vivos depois da luta feroz pelas armas, voltaram galopando pelo mesmo solo.

Alguns dos cavalos tinham sido tão seriamente feridos que mal podiam se mover por causa da perda de sangue; outras nobres criaturas estavam tentando, em três patas, se arrastar junto, e outros estavam lutando para se erguer nas patas da frente quando suas pernas traseiras tinham sido destruídas por tiros. Seus

gemidos eram tristes de serem ouvidos, e havia uma expressão de súplica em seus olhos, conforme aqueles que escaparam passavam por eles e os deixavam a deriva. Nunca vou me esquecer. Depois da batalha, os homens feridos foram trazidos para dentro, e os mortos foram enterrados.

— E os cavalos feridos? — eu disse. — Eles foram deixados para morrer?

— Não. Os veterinários do exército passaram pelos campos com suas pistolas e atiraram em todos os que estavam arruinados. Alguns, que tinham apenas ferimentos leves, foram trazidos de volta e receberam cuidados, mas a maior parte das criaturas nobres e dispostas que saiu naquela manhã nunca mais voltou. Em nossos estábulos. apenas cerca de um em quatro tinha voltado.

“Nunca vi meu querido senhor novamente. Acho que ele caiu morto da sela. Nunca amei nenhum outro dono tanto quanto esse. Fui em várias batalhas, mas fui ferido apenas uma vez e, mesmo assim, não foi muito sério. E quando a guerra acabou, eu voltei novamente para a Inglaterra tão sadio e forte quanto tinha ido.

Eu disse:

— Ouvi as pessoas falando sobre a guerra como se fosse uma coisa muito boa.

— Ah! — disse ele. — Isso é porque eles nunca a viram. Sem dúvidas é muito boa quando não há inimigos, quando é apenas exercício, paradas e lutas simuladas. Sim, é muito boa enquanto isso, mas quando milhares de homens e cavalos bons e corajosos são mortos ou aleijados para o resto da vida, tem uma aparência muito diferente.

— Você sabe pelo que lutaram? — disse eu.

— Não. — disse ele. — Isso é mais do que um cavalo pode entender, mas os inimigos devem ter sido pessoas terrivelmente perversas, já

que a coisa certa a fazer era atravessar o mar para matá-los.

CAPÍTULO XXXV – Jerry Barker

Nunca conheci um homem melhor do que o meu novo senhor. Ele era gentil e bom e tão consistente pelos direitos como John Manly. Tão bem humorado e feliz, que pouquíssimas pessoas conseguiam discutir com ele. Ele gostava muito de criar pequenas canções e cantá-las para si mesmo. Uma que ele gostava muito era essa:

“Venham, pai e mãe,

E irmã e irmão,

Venham, todos vocês, voltem,

E ajudem um ao outro”.

E assim eles faziam. Harry era tão esperto nos trabalhos do estábulo quanto um garoto mais velho e sempre fazia o que podia. Polly e Dolly costumavam vir pela manhã para ajudar no cabriolé, para escovar e afofar as almofadas e esfregar o vidro, enquanto Jerry estava nos limpando no jardim, e Harry, esfregando os arreios. Costumava haver muitas risadas e diversão entre eles, deixando o Capitão e eu em um estado de espírito muito melhor do que se tivéssemos ouvido repreensões ou palavras duras. Eles sempre apareciam cedo pela manhã, pois Jerry dizia:

“Se você pela manhã,

Jogar os minutos fora,

Você não pode pegá-los de volta,

No decorrer de vinte e quatro horas;

Você pode se apressar e correr,

Se agitar e se preocupar,

Você os perdeu para sempre,

E nunca mais vão voltar”.

Ele não podia suportar nenhuma procrastinação descuidada ou perda de tempo, e nada o deixava tão bravo quanto pessoas que, sempre atrasadas, queriam que um táxi fosse dirigido rapidamente, para compensar por sua ociosidade.

Um dia, dois homens com aparência feroz saíram de uma taverna próxima do ponto e chamaram Jerry.

— Aqui, taxista! Preste atenção, estamos bem atrasados, se apresse, por favor, e nos leve até Victoria a tempo do trem da uma hora? Você vai ganhar um xelim extra.

— Vou levá-los no ritmo normal, cavalheiros. Xelins não pagam por se apressar tanto assim.

O cabriolé de Larry estava parado ao lado do nosso. Ele escancarou a porta e disse.

— Sou seu homem, cavalheiros; peguem meu táxi, meu cavalo vai deixá-los lá a tempo.

E conforme ele fechava a porta, com uma piscadela para Jerry, disse:

— É contra a consciência dele ir mais rápido do que um trote lento.

E, então, chicoteando seu cavalo cansado, ele saiu o mais rápido que podia. Jerry me acariciou no pescoço:

— Não, Jack, um xelim não pagaria por esse tipo de coisa, pagaria, garotão?

Apesar de Jerry ser determinadamente contra condução voraz, para agradar pessoas negligentes, ele sempre ia a um ritmo razoável, e não era contra se apressar, como ele disse, se ele apenas soubesse o motivo da pressa.

Eu bem me lembro de uma manhã, quando estávamos no ponto esperando por uma corrida, quando um jovem, carregando uma pesada maleta, tropeçou em um pedaço de casca de laranja que estava no chão e caiu com muita força.

Jerry foi o primeiro a correr e o levantar. Ele parecia muito aturdido, e conforme o guiaram para o interior de uma loja, ele andava como se estivesse com muita dor. Jerry, é claro, voltou para o ponto, mas em cerca de dez minutos um dos lojistas o chamou, então fomos para a rua.

— Você pode me levar à Ferrovia Sudeste? — disse o jovem. — Essa queda infeliz me atrasou, mas é muito importante que eu não perca o trem das doze horas. Eu ficaria muito agradecido se você puder me levar até lá em tempo. Eu lhe pagarei com prazer um tanto a mais.

— Vou fazer o meu melhor. — disse Jerry, cordialmente. — Se você acha que está bem o suficiente, senhor. — falou, pois ele parecia terrivelmente pálido e doente.

— Preciso ir. — ele disse, seriamente. — Abra a porta, não nos deixe perder tempo.

No segundo seguinte, Jerry estava na cocheira, com um alegre gorjeio para mim e um balançar das rédeas que eu logo entendi.

— Agora, então, Jack, meu garoto — ele disse. —, corra; vamos mostrar a eles como podemos passar por cima do chão, se apenas soubermos o motivo.

É sempre difícil dirigir rápido pela cidade, no meio do dia quando as ruas estão cheias de tráfego, mas nós fizemos o que podia ser feito, e quando um bom motorista e um bom cavalo, que se entendem, pensam como um, é maravilhoso o que podem fazer. Eu tinha uma boca muito boa – isto é, eu podia ser guiado pelo menor toque nas rédeas; e essa é uma coisa ótima em Londres ao se passar entre carruagens, ônibus, carroças, vans, caminhões, táxis e grandes vagões se arrastando em um ritmo de caminhada, uns indo para um lado, alguns para o outro, alguns indo devagar, outros querendo ultrapassá-los, ônibus parando a cada poucos minutos para pegar um passageiro, obrigando o cavalo que está vindo a reduzir a velocidade também ou ultrapassá-lo e ficar na frente.

Talvez você tente passar, mas nesse momento, outra coisa vem disparando pela pequena abertura, e você tem que ficar atrás do ônibus novamente. Logo você acha que tem outra chance, e consegue ir para a frente, indo tão perto das rodas de um lado que, se estivessem um centímetro mais próximas, raspariam uma na outra. Bem, você prossegue por um tempo, mas logo se encontra em um longo comboio de carroças e carruagens, todos obrigados a ir lentamente.

Talvez você vá de encontro a um trânsito normal e tenha que ficar alguns minutos parado, até que algo nas ruas laterais ou o policial interfira. Você precisa estar pronto para qualquer chance – para disparar para frente se houver uma abertura e ser rápido como um cão se houver espaço e se houver tempo, ou você vai ter suas próprias rodas presas ou esmagadas, ou o mastro de algum outro veículo virá parar no seu peito ou ombro. Você precisa estar preparado para tudo isso. Se você quer atravessar Londres rapidamente, no meio do dia, é necessário um tanto de prática.

Jerry e eu estávamos acostumados a isso, e ninguém podia ultrapassar quando estávamos focados nisso. Eu era rápido, preciso e sempre podia confiar em meu cocheiro. Jerry era rápido, paciente e podia confiar em seu cavalo, o que era uma coisa ótima também. Ele raramente usava o chicote, pois eu sabia por sua voz e seus

estalidos quando ele queria ir rápido, e sabia pelas rédeas onde eu deveria ir; então não tinha necessidade de me chicotear. Mas devo voltar para minha história.

As ruas estavam muito cheias aquele dia, mas nos saímos muito bem, a não ser pela parte baixa de Cheapside, onde houve um bloqueio por três ou quatro minutos. O jovem colocou a cabeça para fora e disse, ansiosamente:

— Acho melhor eu descer e andar. Nunca chegarei lá se isso continuar.

— Farei tudo que puder ser feito, senhor. — disse Jerry. — Acho que vamos chegar a tempo. Esse bloqueio não deve durar muito, e sua bagagem é pesada para você carregar, senhor".

Nesse instante, a carroça a nossa frente começou a andar, e então tivemos uma boa mudança. Dentro e fora, dentro e fora, nós íamos, o mais rápido que a carne de um cavalo podia aguentar, e por um milagre tivemos um bom tempo livre na London Bridge, pois havia todo um comboio de carroças e carruagens, todos indo na mesma direção que nós, em um trote apressado – talvez querendo pegar aquele mesmo trem. De qualquer maneira, chegamos à estação, como muitos outros, assim que o relógio apontou que faltavam oito minutos para as doze horas.

— Graças a Deus! Chegamos a tempo. — disse o jovem. — E obrigado a você também, meu amigo, e a seu bom cavalo. Você me salvou mais do que o dinheiro pode pagar. Aceite essa meia coroa a mais.

— Não, senhor, não. Obrigado a você também. Fico feliz que tenhamos chegado a tempo, senhor, mas não perca tempo, senhor. O sino está tocando. Aqui, bagageiro, leve a bagagem desse cavalheiro – linha Dover – trem das doze horas – é esse. — e sem esperar por outra palavra, Jerry me manobrou para dar espaço para outros táxis que estavam disparando no último minuto e encostou de um lado, até que a aglomeração tivesse passado.

— Ainda bem! — ele disse. — Ainda bem! Pobre rapaz! Imagino o que o deixou tão nervoso”.

Jerry frequentemente falava consigo mesmo, alto o suficiente para eu ouvir, quando não estávamos nos movendo.

Na volta de Jerry para o ponto, houve muitas risadas e zombarias por ele ter dirigido apressado até o trem por uma quantia extra, como eles disseram, indo contra os princípios dele. Eles queriam saber quanto ele tinha embolsado.

— Um bom tanto a mais do que eu geralmente ganho. — disse ele, assentindo maliciosamente. — O que ele me deu, vai me deixar confortável por vários dias.

— Trambiqueiro! — disse um.

— Ele é uma farsa. — disse outro. — Fica nos dando lição de moral e acaba fazendo a mesma coisa.

— Vejam bem, camaradas. — disse Jerry. — O cavalheiro me ofereceu meia coroa a mais, mas eu não aceitei. Isso foi pagamento suficiente para eu ver o quão aliviado ele ficou de pegar o trem. E se Jack e eu escolhermos ter uma corrida rápida de vez em quando, para nos satisfazermos, isso é assunto nosso e não de vocês.

— Bem — disse Larry. — Você nunca será um homem rico.

— Provavelmente não. — disse Jerry. — Mas não acho que eu deva ser menos feliz por isso. Ouvi os mandamentos serem lidos várias vezes e nunca notei que um deles dizia ‘tu serás rico’; e há muitas coisas curiosas ditas no Novo Testamento sobre homens ricos, que acho que me fariam me sentir um tanto estranho se fosse um deles.

— Se algum dia você ficar rico — disse Governador Cinza, olhando por cima de seu ombro, por sobre o teto de seu cabriolé. —, será por merecer, Jerry, e você não encontrará uma maldição com sua

prosperidade. Quanto a você, Larry, você morrerá pobre; você gasta muito em chicotes.

— Bem — disse Larry. —, o que um camarada deve fazer se seu cavalo não anda sem um chicote?

— Você nunca se preocupou em ver se ele andaria sem um. Seu chicote está sempre nas suas mãos, como se você tivesse a dança de Santo Vitus em seu braço. E se isso não o cansa, cansa seu cavalo. Você sabe que está sempre trocando seus cavalos, e por quê? Porque você nunca dá paz a eles nem encorajamento.

— Bem, não tive boa sorte. — disse Larry. — É isso.

— E você nunca terá. — disse o Governador. — A boa Sorte é um tanto específica sobre com quem ela anda, e na maioria das vezes prefere quem tem bom senso e um bom coração; pelo menos, essa é minha opinião.

Governador Cinza virou novamente para seu jornal, e os outros homens foram para seus táxis.

CAPÍTULO XXXVI – O táxi de domingo

Uma manhã, conforme Jerry tinha acabado de me colocar no mastro e estava afivelando os cintos, um cavalheiro entrou no jardim.

— A seu dispor, senhor. — disse Jerry.

— Bom dia, Sr. Baker. — disse o cavalheiro. — Eu ficaria satisfeito em fazer acordos com você para levar a Sra. Briggs à igreja regularmente nas manhãs de domingo. Vamos à Nova Igreja agora, e fica bem mais longe do que ela pode andar.

— Obrigado, senhor. — disse Jerry. — Mas eu peguei uma licença* de apenas seis dias, portanto, não posso fazer corridas de domingo. Seria ilegal".

— Oh! — disse o outro. — Não sabia que você trabalhava no táxi por seis dias; mas é claro que seria muito fácil alterar sua licença. Eu garantiria que você não a perdesse por causa disso. O fato é que a Sra. Briggs prefere muito mais você para levá-la.

— Eu ficaria feliz em levar a senhora, senhor, mas eu já tive uma licença de sete dias, e o trabalho era muito duro para mim e muito duro para meus cavalos. Os anos se passam sem nem um dia de descanso, nunca podendo passar um domingo com minha esposa e crianças, e nunca podendo ir a um lugar de adoração, como sempre fui acostumado a fazer, antes de pegar a cocheira para dirigir. Então, pelos últimos cinco anos só tive licenças de seis dias, e as acho muito melhores".

— Bem, é claro. — respondeu o Sr. Brigss. — É muito adequado que cada pessoa deva descansar e poder ir à igreja aos domingos, mas achei que você não se importaria em percorrer uma distância tão pequena com o cavalo, e só uma vez por dia. Você teria toda a tarde e noite para você, e somos clientes muito bons, você sabe.

— Sim, senhor, isso é verdade, e sou grato a todos os favores, tenha certeza. E tudo que eu puder fazer para atender você e sua senhora, me deixaria orgulhoso e feliz em fazer, mas não posso abrir mão de meus domingos, senhor, não mesmo. Li que Deus fez os homens, fez cavalos e todos os outros animais, e assim que Ele os fez, Ele teve um dia de descanso e propôs que todos descansassem um dia em sete, e eu concordo, senhor. Ele deve saber o que é bom para nós, e tenho certeza que também é bom para mim. Sou mais forte e mais saudável agora que tenho um ia de descanso, e os cavalos parecem mais novos também, não se cansando tão rápido. Todos os motoristas de seis dias me dizem o mesmo, e tenho mais dinheiro na poupança do que jamais tive. Quanto a esposa e as crianças, senhor, ora, coração vivo! Eles não gostariam que eu voltasse para os sete dias por tudo que viram.

*Alguns anos depois, a taxa anual para a licença de um táxi foi muito reduzida, e a diferença entre os táxis de seis e sete dias foi abolida.

— Oh, muito bem, não se preocupe mais, Sr. Baker. Vou pedir à outra pessoa. — e ele foi embora.

— Bem — disse Jerry para mim.— ...não podemos evitar, Jack, garotão; precisamos de nossos domingos.— Polly! — ele gritou. — Polly, venha aqui!

E ela estava lá em um segundo.

— Pra quê tudo isso, Jerry?

— Ora, minha querida, Sr. Briggs quer que eu leve a Sra. Briggs à igreja todo domingo de manhã. Eu disse que tenho uma licença de apenas seis dias. Ele disse, 'pegue uma licença de sete dias, e vou fazer valer seu tempo'; e você sabe, Polly, eles são clientes muito bons para nós. A Sra. Briggs frequentemente sai às compras por horas ou para fazer visitas, e então ela paga de forma justa e honrável como uma dama. Não há enganações ou fazer três horas virarem duas horas e meia, como alguns fazem; e é trabalho fácil para os cavalos. Não precisarei fazer o cavalo correr por ai para alcançar trens para pessoas que sempre estão quinze minutos atrasadas; e se eu não a atender dessa maneira, é muito provável que a perca por inteiro. O que você diz, pequena ?

— Eu digo, Jerry... — disse ela, falando muito lentamente. — Eu digo, se o Sr. Briggs resolver lhe dar ordens todo domingo de manhã, não quero você como um taxista de sete dias novamente. Sabemos o que é não ter domingos, e agora sabemos o que significa tê-los para chamá-los de nossos domingos. Graças a Deus você ganha o suficiente para nos sustentar, apesar de que, às vezes, o trabalho dá apenas para pagar todos os grãos e feno, a licença e, além disso, o aluguel. Mas Harry logo vai ganhar alguma coisa, e eu preferia que nos esforçássemos mais do que normalmente fazemos, do que voltar para aqueles tempos horríveis quando você mal tinha

um minuto para olhar para suas próprias crianças, quando nunca podíamos ir a um lugar de adoração juntos ou ter um dia quieto e feliz. Deus proíba que voltemos aqueles dias; é isso que eu digo, Jerry.

— E isso foi o que eu disse ao Sr. Briggs, minha querida. — disse Jerry. — E é o que pretendo fazer, então não se perturbe, Polly (pois ela tinha começado a chorar). Eu não voltaria aos velhos tempos nem se ganhasse o dobro; então está feito, pequena mulher. Anime-se agora, que eu vou sair para o ponto.

Três semanas se passaram depois dessa conversa, e nenhum pedido veio do Sr. Briggs, então não havia nada a fazer a não ser acatar trabalhos ocasionais no ponto. Jerry se dedicou bastante, pois obviamente o trabalho era muito pesado tanto para homem quanto cavalo; mas Polly sempre o animava e dizia:

— Não se preocupe, pai, não se preocupe.

“Faça seu melhor,

E esqueça o resto,

Tudo vai dar certo,

Algum dia ou alguma noite”.

Logo se tornou conhecido que Jerry tinha perdido seu melhor cliente, e por qual razão! A maioria dos homens disse que ele era um tolo, mas dois ou três tomaram o partido dele.

— Se homens trabalhadores não ficarem com seu domingo — disse Truman. —, eles logo não terão nenhum descanso a mais. É direito de todo homem e direito de todo animal. Pelas leis de Deus, temos um dia de descanso, e pelas leis da Inglaterra temos um dia de descanso também. E digo que devemos nos prender aos direitos que essas leis nos dão, e os manter para nossos filhos.

— Tudo parece lindo para que vocês, camaradas religiosos, tenham o que conversar. — disse Larry. — Mas vou ganhar um xelim sempre que puder. Não acredito em religião, pois não acho que as pessoas religiosas sejam melhores do que as outras.

— Se não são melhores — adicionou Jerry, —, é porque não são religiosas. Você também pode dizer que as leis de nosso país não são boas, porque algumas pessoas as violam. Se um homem cede a seu gênio, fala mal de seu vizinho e não paga seus débitos, ele não é religioso. Não me importa o quanto ele vá à igreja. Se alguns homens são trapaceiros e falsos, isso não faz da religião algo não verdadeiro. Religião real é a melhor e mais verdadeira coisa no mundo; e a única coisa que pode fazer um homem realmente feliz ou fazer o mundo melhor.

— Se a religião fosse útil para alguma coisa — disse Jones. —, evitaria que as pessoas religiosas nos fizessem trabalhar aos domingos, como você sabe que muitos deles fazem, e é por isso que digo que religião não passa de uma farsa. Ora, se não fosse pela igreja e por seus frequentadores, dificilmente valeria a pena sair em um domingo; mas eles têm os privilégios deles, como os chamam, e eu fico sem. Espero que eles respondam por minha alma, se eu não conseguir uma chance de salvá-la.

Vários dos homens aplaudiram isso, até que Jerry disse:

— Isso parece bom o suficiente, mas não é. Cada homem deve se preocupar com sua própria alma; você não pode deixá-la à porta de outro homem, como uma criança abandonada, e esperar que ele tome conta dela. E você não vê, se está sempre sentado em sua cocheira, esperando por uma corrida, eles dirão, ‘Se não pegarmos este táxi, alguém mais pegará, e ele não parece apropriado para nenhum domingo’. Obviamente, eles não vão ao fundo disso ou veriam que se nunca viessem para pegar um táxi, seria inútil ter você parado aqui; mas as pessoas nem sempre gostam de ir ao fundo das coisas, pode não ser conveniente fazê-lo, mas se vocês motoristas de domingo fizessem uma greve por um dia de descanso, a coisa estaria feita.

— E o que todas as boas pessoas fariam, se não pudessem chegar até seus pregadores favoritos? — disse Larry.

— Não cabe a mim fazer planos pelas outras pessoas. — disse Jerry. — Mas se eles não podem andar essa distância, eles podem ir até um lugar mais perto. E se estivesse chovendo, eles poderiam colocar seus casacos impermeáveis, como fazem em um dia de semana. Se uma coisa é a certa, pode ser feita, e se é a errada, pode ser ignorada, um bom homem achará uma maneira. E isso é tão verdade para nós taxistas quanto para os frequentadores da igreja.

CAPÍTULO XXXVI – A regra de ouro

Duas ou três semanas depois disso, quando entrávamos no jardim tarde da noite, Polly veio correndo pelo caminho com uma lanterna.Ela sempre a trazia para ele, se não estivesse muito molhada.

— Tudo deu certo, Jerry. Sra. Briggs mandou seu servo esta tarde para pedir que você a levasse para sair amanhã às onze horas. Eu disse, ‘Sim, mas achávamos que ela tinha contratado outra pessoa agora’.

— Bem — disse ele.—, o fato é que o senhor ficou chateado porque o Sr. Baker se recusou a vir aos domingos, e ele está tentando os outros táxis, mas há algo errado com todos eles; alguns dirigem muito rápido, outros muito devagar, e a senhora disse que não há nenhum tão agradável e limpo quanto o seu, e nada a agradará, a não ser o táxi do Sr. Baker novamente.

Polly estava quase sem fôlego, e Jerry caiu em uma risada alegre.

— Tudo acaba dando certo algum dia ou alguma noite. Você estava certa, minha querida; você geralmente está. Vá pra dentro e pegue o jantar, vou tirar os arreios de Jack e deixá-lo confortável e feliz em pouco tempo.

Depois disso, a Sra. Briggs passou a querer o táxi de Jerry com tanta frequência quanto antes, nunca, porém, aos domingos. Mas houve um dia em que tivemos trabalho em um domingo, e foi assim que aconteceu. Todos tínhamos voltado para casa sábado à noite muito cansados e felizes em pensar que o dia seguinte seria todo para descanso; mas não foi assim.

Na manhã de domingo, Jerry estava me limpando no quintal, quando Polly se aproximou dele, parecendo muito apreensiva.

— O que foi? — disse Jerry.

— Bem, meu querido — ela disse. —, a pobre Dinah Brown acabou de receber uma carta avisando-a que sua mãe está terrivelmente doente, e que ela precisa ir imediatamente se quer vê-la viva. O lugar fica a mais de quinze quilômetros de distância daqui, pelo interior, e ela diz que se pegasse o trem, ainda teria seis quilômetros e meio para andar; e tão fraca quanto ela é, com o bebê de apenas quatro semanas, claro que isso seria impossível; e ela quer saber se você pode levá-la em seu táxi. Ela promete pagar fielmente quando conseguir o dinheiro.

— Ora, ora! Veremos sobre isso. Não era no dinheiro que eu estava pensando, mas no fato de perder nosso domingo. Os cavalos estão cansados, e eu estou cansado também. Ai está o problema.

— Pega por todo lado nesse quesito — disse Polly. —, pois é apenas meio domingo sem você. Mas sabe que devíamos fazer com as outras pessoas o que gostaríamos que fizessem conosco; e sei muito bem o que gostaria, se minha mãe estivesse morrendo. E Jerry, meu querido, tenho certeza que não irá esragar nosso domingo, pois, se puxar um brutamontes ou um burro de uma cova não o estragaria, tenho certeza que levar a pobre Dinah não o fará.

— Ora, Polly, você é tão boa quanto o ministro; e, como tive meu sermão de domingo hoje cedo pela manhã, você pode ir dizer à Dinah que estarei pronto para ela quando o relógio marcar dez horas. Mas pare! Apenas vá para o Açougueiro Braydon, com meus cumprimentos, e peça a ele para me emprestar sua carruagem leve. Sei que ele nunca a usa aos domingos, e faria uma diferença enorme para o cavalo.

E ela se foi, mas logo voltou, dizendo que ele poderia emprestar a carruagem e que ficaria grato.

— Muito bem. — disse ele. — Agora me dê um pouco de pão e queijo, que voltarei à tarde, assim que eu puder.

— E vou preparar o bolo de carne para um chá da tarde, ao invés de para o jantar. — disse Polly; e ela se foi, enquanto ele se preparava ao som de “Polly é a mulher, e sem enganos,” da qual gostava muito.

Fui escolhido para a jornada e, às dez horas, saímos em uma carruagem leve e de rodas altas, que corria tão fácil que, depois do táxi de quatro rodas, não parecia nada.

Era um dia de maio bonito, e assim que saímos da cidade, o ar fresco, o cheiro de grama fresca, e as estradas suaves do interior eram tão agradáveis quanto costumavam ser nos velhos tempos. Logo comecei a me sentir muito revigorado.

A família de Dinah morava em uma pequena casa de fazenda, em uma viela verde, próxima à uma campina com belas árvores com sombra. Havia duas vacas comendo lá. Um jovem pediu a Jerry para levar sua carruagem até a campina, e ele me amarraria na cabana das vacas. Ele gostaria de ter um estábulo melhor para oferecer.

— Se suas vacas não ficarem ofendidas — disse Jerry. —, não há nada que meu cavalo gostaria mais do que passar uma ou duas

horas em sua linda campina. Ele é dócil, e seria algo muito bom para ele.

— Sim, e fico grato. — disse o jovem. — O melhor que temos ficará a seu dispor, por sua gentileza, com o meu senhor; vamos jantar em uma hora, e espero que você venha, apesar de que, com a mãe tão doente, ficamos sem tanta qualidade na casa.

Jerry agradeceu a ele gentilmente, mas disse que, como levara comida com ele, não havia nada que ele gostaria tanto quanto andar pela campina.

Quando meus arreios foram tirados, eu não sabia o que fazer primeiro. Não sabia se comia a grama, se rolava em minhas costas, se deitava e descansava ou se galopava pela campina, pela alegria de estar livre. e então, fiz tudo isso revezando. Jerry parecia estar tão feliz quanto eu; ele se sentou em um banco debaixo de uma árvore com sombra, ouviu os pássaros e cantou para si mesmo. Leu um pouco do livrinho marrom de que gostava tanto e, em seguida, vagueou pela campina e desceu por um ribeiro, onde colheu flores e espinheiros, amarrando-os com longos pedaços de hera. Então me deu um bom tanto dos grãos que tinha trazido consigo; mas o tempo parecia curto demais, pois não estive em um campo desde que deixei a pobre Ginger em Earlshall.

Voltamos para casa suavemente, e as primeiras palavras de Jerry foram, conforme entrávamos no jardim:

— Bem, Polly, não perdi meu domingo afinal de contas, pois os pássaros estavam cantando hinos em cada arbusto, e eu me juntei ao serviço. E quanto a Jack, ele estava como um jovem potro.

Quando ele deu as flores à Dolly, ela saltitou com alegria.

CAPÍTULO XXXVIII – Dolly e um verdadeiro cavalheiro

O inverno chegou cedo, com um bom tanto de frio e umidade. Havia neve, granizo ou chuva em quase todos os dias por semanas, mudando apenas para ventos vorazes, para conduzir, ou geadas severas. Todos os cavalos sentiram isso. Quando é um frio seco, alguns bons tapetes nos mantém aquecidos, mas quando está chovendo, eles logo ficam molhados e são inúteis. Alguns dos motoristas tinham uma capa a prova d'água para jogar por cima, o que era uma coisa boa; mas alguns homens eram tão pobres que não podiam proteger a si mesmos nem aos cavalos, e muitos deles sofreram bastante naquele inverno. Quando nós cavalos tínhamos trabalhado metade do dia, íamos para os estábulos secos e podíamos descansar; enquanto eles tinham que se sentar em suas cocheiras, às vezes ficando até tarde, como uma ou duas da manhã, para esperar por uma festa.

Quando as ruas estavam escorregadias, com geada ou neve, era o pior de tudo para nós cavalos. Um quilômetro viajando assim, com um peso para carregar, e sem pisadas fortes, nos cansava mais do que seis quilômetros em uma estrada boa. Cada nervo e músculo de nossos corpos estão tensionados para mantermos o equilíbrio, e, adicionado a isso, o medo de cair é mais exaustivo do que qualquer outra coisa. Se as estradas são muito ruins de fato, nossas ferraduras são devastadas, mas isso nos deixa nervosos a princípio.

Quando o tempo estava muito ruim, muitos dos homens iam e se sentavam na taverna próxima e pegavam alguém para os vigiar; mas eles frequentemente perdiam uma corrida nesse tempo e não podiam, como Jerry dizia, ficar lá sem gastar dinheiro.

Ele nunca voltava para casa ao Sol Nascente; havia uma cafeteria ali perto, na qual ele ia de vez em quando, ou ele comprava café de um velho que vinha ao nosso ponto com canecas de café quente e tortas. Era sua opinião que álcool e cerveja deixavam um homem com mais frio depois, e que roupas quentes, boa comida, alegria e

uma esposa confortável em casa, eram as melhores coisas para manter um taxista aquecido. Polly sempre preparava algo para ele comer quando não conseguia chegar em casa, e às vezes via a pequena Dolly espiando da esquina da rua, para ter certeza que o “pai” estava no ponto. Se ela o via, corria a toda velocidade e logo voltava com algo em uma lata ou uma cesta, alguma sopa quente ou pudim que Polly preparara.

Era maravilhoso como uma coisinha tão pequena podia atravessar a rua seguramente, frequentemente aglomerada de cavalos e carruagens. Mas ela era uma donzela corajosa e se sentia honrada de levar “a primeira comida do pai”, como ela chamava. Ela era uma favorita no ponto, e não havia um homem que não tomasse conta ao vê-la atravessar a rua com segurança, quando Jerry não podia fazê-lo.

Em um dia frio e ventoso, Dolly tinha trazido para Jerry uma vasilha de algo quente e estava ao lado dele enquanto ele comia. Ele mal tinha começado, quando um cavalheiro, andando em nossa direção muito rápido, estendeu seu guarda-chuva. Jerry tocou seu chapéu em resposta, deu a vasilha à Dolly e estava tirando minha manta quando o cavalheiro, apressando-se, exclamou:

— Não, não, termine sua sopa, meu amigo. Não tenho muito tempo a perder, mas posso esperar você terminar e colocar sua garotinha na calçada.

Assim dizendo, sentou-se no táxi. Jerry o agradeceu gentilmente e se voltou para Dolly.

— Veja, Dolly, esse é um cavalheiro, um cavalheiro de verdade, Dolly. Ele tem tempo, então pensou no conforto de um pobre taxista e uma garotinha.

Jerry terminou sua sopa, atravessou a rua com a criança e então obedeceu as ordens de dirigir até o Monte Clapham. Muitas vezes, depois disso, o cavalheiro veio para pegar nosso táxi. Acredito que ele gostava muito de cães e cavalos, pois sempre que o deixávamos

em sua porta, dois ou três cachorros vinham saltitando para encontrá-lo. Algumas vezes ele vinha e me acariciava, falando com seu jeito suave e agradável:

— Esse cavalo tem um bom dono e o merece.

Era uma coisa muito rara alguém notar o cavalo que estava trabalhando para ele. Conheci senhoritas que faziam isso de vez em quando, além desse cavalheiro e dois ou três outros, acariciavam e diziam palavras gentis; mas noventa e nove em cem pensariam nisso, tanto quanto pensariam em acariciar a máquina a vapor que carregava o trem.

Esse cavalheiro não era jovem e seus ombros eram inclinados para frente, como se sempre estivesse indo em direção a algo. Seus lábios eram finos e bem fechados, apesar de terem um sorriso bem agradável; seus olhos eram perspicazes, e havia algo em seu maxilar e no movimento de sua cabeça, que fazia alguém pensar que ele era muito determinado em qualquer coisa que tivesse decidido. Sua voz era agradável e gentil; qualquer cavalo confiaria naquela voz, apesar de ser tão decidida quanto qualquer outra coisa nele.

Um dia, ele e outro cavalheiro pegaram nosso táxi. Eles pararam em uma loja na Rua R., e enquanto seu amigo entrava, ele ficou parado na porta. Um pouco adiante de nós, do outro lado da rua, uma carroça com três ou quatro cavalos bonitos estava parada na frente de algumas abóbadas de minas. O cocheiro não estava com eles, e não posso dizer por quanto tempo eles estavam esperando, mas eles pareciam achar que tinham esperado o suficiente, e começaram a se mover. Antes de terem dado muitos passos, o cocheiro veio correndo e os pegou. Ele parecia furioso por eles terem andado e, com o chicote e as rédeas, os puniu brutalmente, chegando a bater neles na cabeça. Nosso cavalheiro viu tudo e, pisando rapidamente pela rua, disse em uma voz decidida:

— Se você não parar imediatamente, vou mandar prendê-lo por deixar seus cavalos e por conduta brutal.

O homem que claramente esteve bebendo, soltou algumas palavras abusadas, mas ele parou de bater nos cavalos e, pegando as rédeas, entrou em sua carroça. No meio tempo, nosso amigo tinha discretamente tirado um caderno de seu bolso e olhando para o nome e endereço pintados na carroça, ele escreveu algo.

— O que você quer com isso? — rosnou o cocheiro, conforme estalava seu chicote e seguia em frente. Um aceno com a cabeça e um sorriso foi a única resposta que ele teve.

Ao voltar para o táxi, nosso amigo se juntou a seu companheiro, que disse rindo:

— Eu devia ter pensado, Wright, que você tem negócios suficientes para cuidar, sem se preocupar com os cavalos de outras pessoas e funcionários.

Nosso amigo ficou imóvel por um momento e, jogando um pouco sua cabeça para trás, perguntou:

— Você sabe por que esse mundo é tão ruim quanto é?

— Não. — disse o outro.

— Então lhe direi. É porque as pessoas se preocupam apenas com suas próprias coisas e não em defender os oprimidos ou trazer o malfeitor para a luz. Nunca vejo coisas perversas como essa sem fazer o que eu posso, e muitos senhores me agradeceram por fazê-los saber como seus cavalos estavam sendo tratados.

— Queria que houvesse mais cavalheiros como você, senhor. — disse Jerry. — Pois são muito necessários nessa cidade.

Depois disso continuamos nossa viagem, e quando saíram do táxi, nosso amigo estava dizendo:

— Minha doutrina é essa. Se virmos crueldade ou maldades, que temos o poder para parar, e não fizermos nada, temos parte da

culpa.

CAPÍTULO XXXIX – Sam Puído

Devo dizer que, para um cavalo taxista, eu estava muito bem de fato. Meu motorista era meu dono; seu interesse era me tratar bem e não me sobrecarregar, mesmo se não fosse um homem tão bom quanto é. Mas havia um bom número de cavalos que pertenciam aos grandes donos de táxis, que os deixavam táxiar, por determinada quantia por dia. Como os cavalos não pertenciam a esses homens, a única coisa que pensavam era como ganhar seu dinheiro com eles, primeiro para pagar o dono, e para pagar sua própria sobrevivência.

Alguns desses cavalos tinham uma horrível experiência com isso. Claro que eu entendia isso, mas era algo frequentemente conversado no ponto, e o Governador, que era um homem de bom coração e que gostava de cavalos, se pronunciava se algum viesse muito cansado ou maltratado.

Um dia, um motorista maltrapilho e miserável, que atendia pelo nome de Sam Puído, trouxe seu cavalo parecendo horrivelmente exausto, e o Governador disse:

— Você e seu cavalo parecem mais adequados para a estação policial do que para este ponto.

O homem estendeu seu tapete esfarrapado sobre o cavalo, virou para o Governador e disse em uma voz que soava quase desesperada:

— Se a polícia tiver qualquer coisa a ver com o assunto, tem que ser com os donos que nos cobram tanto e com as corridas, que valem tão pouco. Se um homem tem que pagar dezoito xelins por dia para

usar um táxi e dois cavalos, como muitos de nós têm que fazer na temporada, precisamos pagar isso antes de ganharmos um centavo para nós mesmos. Eu digo que é mais do que trabalho duro. Nove xelins por dia para tirar de cada cavalo, antes de começarmos a ganhar nossa própria sobrevivência.

Você sabe que isso é verdade, e se os cavalos não trabalham, nós passamos fome. Eu e minhas crianças sabemos o que é isso desde antes de agora. Tenho seis delas, e só uma ganha alguma coisa; fico no ponto quatorze ou dezesseis horas por dia e não tenho um domingo de descanso há dez ou doze semanas. Você sabe que Skinner nunca nos dá um dia de descanso, se ele pode evitar, e se eu não trabalhar duro, diga-me quem trabalhará! Quero um casaco quente e um impermeável, mas com tantos para alimentar, como conseguirei comprá-los? Tive que penhorar meu relógio uma semana atrás para pagar Skinner e nunca o verei novamente.

Alguns dos outros motoristas ficaram por perto, assentindo com a cabeça e dizendo que ele estava certo. O homem continuou:

— Vocês que têm seus próprios cavalos e táxis ou dirigem para bons donos, têm uma chance de continuar e uma chance de se dar bem; eu não tenho. Não podemos cobrar mais que seis centavos por um quilômetro e meio depois do primeiro, dentro do raio de seis quilômetros. Nessa mesma manhã tive que percorrer bons dez quilômetros e ganhei apenas três xelins. Não consegui uma corrida de volta e tive que voltar sem passageiro o caminho todo; isso são vinte quilômetros para o cavalo e seis xelins para mim.

Depois disso, tive uma corrida de cinco quilômetros, e havia bolsas e caixas suficientes para ganhar vários dois centavos se tivessem sido colocadas do lado de fora; mas vocês sabem como as pessoas fazem, tudo que podia ser empilhado nos acentos da frente foi colocado para dentro, e três caixas pesadas foram postas por cima. Isso foi seis centavos, e a corrida um e seis centavos; e então consegui uma corrida de volta por um xelim; agora isso soma trinta quilômetros para o cavalo e seis xelins para mim.

Ainda preciso ganhar três xelins com esse cavalo, e nove xelins para o cavalo da tarde, antes de eu encostar em um centavo. Claro que nem sempre é tão ruim assim, mas vocês sabem quão frequente é. E digo que é uma zombaria dizer a um homem que ele não pode sobrecarregar seu cavalo, pois quando um brutamontes está cansado, não há nada a não ser o chicote para manter suas pernas prosseguindo.

Você não pode evitar. Deve colocar sua esposa e crianças antes do cavalo. Os donos precisam cuidar disso, nós não podemos. Não maltrato meu cavalo pelo simples fato de maltratá-lo; nenhum de vocês pode dizer que eu o faço. Há situações erradas: nenhum dia de descanso, nenhuma hora de tranquilidade com a esposa e os filhos. Frequentemente me sinto como um homem velho, apesar de só ter quarenta e cinco anos. Você sabe a rapidez com que a pequena nobreza suspeita que nós trapacearmos e cobrarmos muito caro. Ora, eles ficam parados com sua bolsa na mão contando cada centavo, olhando para nós como se fôssemos ladrões.

Queria que alguns deles tivessem que se sentar em minha cocheira por dezesseis horas por dia e tirar sua sobrevivência disso, por dezoito xelins, tendo que fazer isso em todos os climas. Se isso acontecesse, não seria tão incomum que eles nos dessem seis centavos a mais ou amontoassem toda a bagagem dentro. Claro que, alguns deles nos dão boas gorjetas de vez em quando, ou então não viveríamos, mas você não pode depender disso.

Os homens que ficaram por perto aprovaram muito esse discurso, e um deles disse:

— É desesperadoramente difícil, e se um homem às vezes faz o que é errado, não é novidade, e se bebe a mais, quem pode culpá-lo?”

Jerry não tinha tomado partidos nessa conversa, mas nunca vi seu rosto tão triste antes. O Governador ficara com ambas as mãos nos bolsos, mas logo tirou um lenço de seu chapéu e secou a testa.

— Você me venceu, Sam. — ele disse. — Pois tudo isso é verdade, e não zombarei mais você sobre a polícia. Foi o olhar daquele cavalo que me tocou. São linhas difíceis para os homens, são linhas difíceis para os cavalos, e quem há de consertá-las eu não sei, mas, de qualquer maneira, você pode se desculpar com o brutamontes por exigir tanto assim dele. Às vezes, palavras gentis são tudo que podemos dar a eles, pobres animais, e é maravilhoso o que entendem.

Algumas manhãs depois dessa conversa, um novo homem veio ao ponto com o táxi de Sam.

— Olá! — disse um. — O que há com Sam Puído?

— Ele está doente na cama. — disse o homem. — Foi pego ontem à noite no jardim, mal conseguindo rastejar para casa. Sua esposa mandou um garoto essa manhã para dizer que ele estava com febre alta e não podia sair; então estou aqui no lugar dele.

Na manhã seguinte, o mesmo homem veio novamente.

— Como está Sam? — quis saber o Governador.

— Ele se foi. — disse o homem.

— O quê? Ele se foi? Ele morreu?

— Acabou de partir. — disse o outro. — Morreu às quatro horas essa manhã. Ontem ele ficou o dia todo com raiva, raiva de Skinner, e por não ter domingos. ‘Nunca tive um domingo de descanso’, essas foram suas últimas palavras.

Ninguém falou por um momento, e então o Governador disse:

— Vou lhes dizer, camaradas, isso é um aviso para nós.

CAPÍTULO XL – Pobre Ginger

Um dia, enquanto nosso táxi e muitos outros estavam esperando do lado de fora de um dos parques, onde a música estava tocando, um táxi velho e maltrapilho veio atrás de nós. O cavalo era um castanho velho e usado, com uma carne mal mantida, e ossos que se projetavam diretamente dela. Tinha os joelhos saltados e as pernas da frente muito instáveis. Estave comendo um pouco de feno, quando o vento soprou uma pequena quantidade dele naquela direção, e a pobre criatura estendeu seu pescoço longo e magro para pegar Então se virou e procurou por mais. Havia uma expressão desesperada nos olhos que não pude evitar notar; e então, enquanto estava pensando onde tinha visto aquele cavalo antes, ela olhou em cheio para mim e disse:

— Beleza Negra, é você?

Era Ginger, mas muito diferente! O pescoço lindamente arqueado e brilhante agora estava reto, magro e caído; as pernas limpas e retas, e os delicados machinhos estavam inchados. As juntas tinham crescido para uma forma abstrata por causa do trabalho duro; a cara, que uma vez fora tão cheia de vida e espírito, estava agora cheia de sofrimento. Podia-se dizer, pelas elevações em suas laterais e sua frequente tosse, o quão ruim sua respiração estava.

Nossos motoristas estavam parados juntos a uma pequena distância, então me aproximei dela um ou dois passos, para que pudéssemos ter uma conversa sossegada. Era uma triste história que ela tinha a contar.

Depois de um descanso de doze meses em Earlshall, ela foi considerada apropriada para trabalho novamente e vendida para um cavalheiro. Por um tempo ela se saiu muito bem, mas depois de um galope mais comprido que o normal, a velha tensão voltou. Então, depois de descansar e ser cuidada, foi vendida novamente. Dessa maneira mudou de mãos várias vezes, mas sempre se rebaixando.

— E então finalmente — disse ela. —, fui comprada por um homem que tem um grande número de táxis e cavalos, e os aluga. Você parece bem, e fico feliz por isso; mas não poderia lhe dizer como minha vida tem sido. Quando descobriram minha fraqueza, eles disseram que eu não valia o que me davam, e que eu devia ir para um desses táxis baratos para apenas ser usada. É isso que estão fazendo, chicoteando e trabalhando sem ninguém nunca pensar no que sofro. Eles pagaram por mim e precisam que eu faça isso, como dizem. O homem que me aluga agora para uma quantidade de dinheiro ao dono todos os dias, precisa tirar o melhor de mim também. E assim é a semana toda, sem nunca ter um domingo de descanso.

Eu disse:

— Você costumava se defender se fosse maltratada.

— Ah! — ela disse. — Fiz isso uma vez, mas é inútil. Os homens são mais fortes e se são cruéis e sem sentimentos, não há nada que possamos fazer, apenas suportar, suportar e suportar até o final. Queria que o fim estivesse próximo; queria estar morta. Já vi cavalos mortos e tenho certeza que eles não sofrem dores. Queria poder cair morta agora no meu trabalho e não ser mandada para virar linguiça.

Fiquei muito abalado e estendi meu nariz para ela, mas não pude dizer nada para confortá-la. Acho que ela ficou feliz em me ver, pois disse:

— Você é o único amigo que já tive.

Nesse momento, o motorista veio e, com um puxão na boca dela, a tirou da fila e dirigiu, me deixando muito triste de fato.

Pouco tempo depois disso, uma carroça com um cavalo morto passou por nosso ponto de táxi. A cabeça estava pendurada para fora da traseira da carroça, a língua sem vida estava lentamente pingando sangue e os olhos afundados! Mas não posso falar deles,

a visão era muito horrível. Era um cavalo castanho, com um pescoço longo e magro. Vi uma mecha branca na testa. Acredito que era Ginger. Esperava que fosse ela, pois assim seus problemas terminariam. Oh! Se os homens fossem mais misericordiosos, nos dariam tiros antes de chegarmos em tal miséria.

CAPÍTULO XLI – O açougueiro

Vi muitos problemas entre os cavalos de Londres, e muitos deles seriam evitados com um pouco de bom senso. Nós cavalos não nos importamos em trabalhar duro, desde que sejamos tratados sensatamente; e tenho certeza que há muitos de nós, dirigidos por homens bem pobres, que têm uma vida mais feliz do que eu tinha quando costumava andar na carruagem da Condessa de W., com meus arreios prateados e boa alimentação. Frequentemente me atingia o coração ver como os pequenos pôneis eram usados, carregando cargas pesadas ou cambaleando sob socos fortes de algum garoto baixo e cruel.

Uma vez vi um pequeno pônei cinza com uma crina grossa e uma bela cabeça, e tão parecido com Merrylegs, que se eu não estivesse com os arreios, teria relinchado para ele. Ele estava fazendo seu melhor para puxar uma carroça pesada, enquanto um garoto forte e grosseiro cortava-o debaixo da barriga com seu chicote e o puxada cruelmente por sua pequena boca. Poderia ser Merrylegs? Era exatamente como ele; mas como o Sr. Blomefield nunca poderia vendê-lo, acredito que ele não o faria. Mas esse poderia ser um camarada tão bom quanto ele, que vivera em um lugar feliz quando era jovem.

Sempre notei a velocidade com a qual os cavalos de açougueiros precisavam cavalgar, apesar de eu não saber o porquê disso, até um dia, quando tivemos que esperar um tempo na Floresta de St. John. Havia um açougue na porta ao lado, e conforme estávamos

parados, uma carroça de açougueiro veio disparando em um ritmo rápido. O cavalo estava quente e muito exausto. Ele abaixou sua cabeça, enquanto suas laterais ofegantes e suas pernas tremendo mostravam o quão vorazmente ele tinha sido dirigido. O rapaz saltou da carroça e estava pegando a cesta, quando o dono veio para fora da loja, muito contrariado. Depois de olhar para o cavalo, ele se virou bravo para o rapaz.

— Quantas vezes devo lhe dizer para não dirigir desta maneira? Você arruinou o último cavalo e estragou seu fôlego. Acabará arruinando esse da mesma maneira. Se você não fosse meu próprio filho eu o demitiria imediatamente. É uma desgraça ter um cavalo trazido à loja nessas condições. É provável que seja pego pela polícia por tal conduta, e se for, não precisa procurar para mim para fiança, pois conversei com você até me cansar. Você precisa cuidar de si mesmo".

Durante esse discurso, o garoto tinha ficado parado, mal humorado e teimoso, mas quando seu pai terminou, ele saiu com raiva. Não era culpa dele, e ele não levaria a culpa, estava apenas atendendo pedidos o tempo todo.

— Você sempre diz, 'Agora, seja rápido; agora, fique atento!' e quando vou às casas, alguém quer uma perna de carneiro para um jantar adiantado, e preciso voltar com ela em um quarto de hora. Outro cozinheiro esqueceu de pedir a carne, então devo ir, buscá-la, e voltar rapidamente, ou a senhora me repreenderá. E a governanta diz que eles recebem visitas inesperadamente e precisam de umas costelas imediatamente. A senhora do número quatro, no Crescent, nunca pede seu jantar até que a carne chegue para o almoço, e não é nada além de pressa e pressa o tempo todo. Se os nobres pensassem sobre o que querem e pedissem suas carnes um dia antes, não haveria necessidade para essa explosão!

— Queria muito que eles fizessem isso. — disse o açougueiro. — Economizaria um bom tanto de trabalho, e eu poderia atender meus clientes muito melhor se soubesse com antecedência. Mas, ei! Qual a utilidade de falar? Quem pensa na conveniência de um

açougueiro, ou no cavalo de um açougueiro? Agora, então, leve-o e o observe bem. Lembre-se, ele não deve sair novamente hoje, e se mais alguma coisa for pedida, você deve carregar sozinho na cesta. ─ com isso, ele entrou, e o cavalo foi guiado para longe.

Mas nem todos os garotos são cruéis. Vi alguns gostarem tanto de seu pônei ou burro como se fossem seu cão favorito, e as pequenas criaturas trabalham com alegria e disposição para seus jovens motoristas como eu trabalho para Jerry. Pode ser trabalho duro às vezes, mas uma mão e voz amigáveis fazem com que seja fácil.

Havia um jovem vendedor de rua que passou por nós com vegetais e batatas. Ele tinha um velho pônei não muito bonito, mas a coisinha mais alegre e corajosa que eu jamais vi, e ver como esses dois gostavam um do outro era um deleite. O pônei seguia seu dono como um cão, e quando ele entrava em sua carroça, trotava sem chicote ou uma palavra dura e descia a rua com tanta alegria quanto se tivesse saído dos estábulos da rainha. Jerry gostava do garoto e o chamava de Príncipe Charlie, pois ele dizia que seria o rei dos motoristas algum dia.

Havia um velho também, que costumava subir nossa rua com uma pequena carroça de carvão. Ele usava um chapéu de carregador de carvão, que parecia grosseiro e preto. Ele e seu cavalo costumavam arrastar-se pelas ruas como dois bons parceiros que entendiam um ao outro. O cavalo parava por vontade própria às portas, onde tiravam carvão dele. Ele costumava manter uma das orelhas inclinada em direção a seu dono. A exclamação do velho era ouvida pela rua muito antes de ele se aproximar. Nunca soube o que ele dizia, mas as crianças o chamavam de “Velho Ba-a-ar Hoo”, pois soava assim. Polly pegou o carvão que estava sobre ele e foi muito amigável, e Jerry sentia um conforto em pensar quão feliz um velho cavalo podia ser em um lugar pobre.

CAPÍTULO XLII – A eleição

Conforme entrávamos no jardim numa tarde, Polly saiu dizendo:

— Jerry, o Sr. B veio aqui para perguntar sobre seu voto, e ele quer alugar seu táxi para as eleições. Ele ligará por uma resposta.

— Bem, Polly, você pode dizer que meu táxi estará ocupado. Não o quero cheio de projetos de leis colados. E quanto a fazer Jack e Capitão correrem para as casas públicas para trazer meia dúzia de eleitores bêbados, acredito que seria um insulto aos cavalos. Não, não farei isso.

— Suponho que votará no cavalheiro? Ele disse que é das suas políticas.

— E é mesmo, em alguns aspectos; mas não votarei nele, Polly. Você sabe qual é o negócio dele?

— Sim.

— Bem, um homem que fica rico com esse negócio pode estar muito bem em alguns aspectos, mas ele é cego quanto ao que os homens trabalhadores querem. Eu não poderia, em meu juízo perfeito, mandá-lo para fazer as leis. Ouso dizer que ficarão bravos, mas cada homem deve fazer o que acha que é melhor para seu país.

Na manhã antes da eleição, Jerry estava me colocando nos mastros quando Dolly veio ao jardim soluçando e chorando, com seu pequeno vestido azul e avental branco manchados de lama.

— Ora, Dolly, qual é o problema?

— Aqueles garotos malvados — ela soluçou. — jogaram a sujeira toda em mim e me chamaram de pequeno maltra – maltra...

— Chamaram-na de pequeno maltrapilho ‘azul’, pai. — disse Harry, que veio correndo, parecendo muito irritado. — Mas dei uma lição neles. Não insultarão minha irmã novamente. Dei-lhes uma surra da qual vão se lembrar. Um grupo de vilões ‘laranjas’ covardes e miseráveis!

Jerry beijou a filha, e disse:

— Corra para a mamãe, minha querida, e diga a ela que acho que é melhor que você fique em casa hoje para ajudá-la.

E então, virou-se gravemente para Harry:

— Meu garoto, espero que você sempre defenda sua irmã e que dê uma boa lição em quem quer que a insulte. É assim que tem que ser, mas, lembre-se, eu não terei nenhum patife de eleições nas minhas instalações. Há tantos patifes ‘azuis’ quanto há ‘laranjas’, e há tantos brancos e roxos ou qualquer outra cor, e não terei nenhum de meus familiares misturados com eles. Até mulheres e crianças estão prontas para discutir por causa de uma cor, e nem um em dez sabe o que isso quer dizer.

— Ora, pai, achei que azul fosse para liberdade.

— Meu garoto, liberdade não vem das cores; elas apenas mostram festa, e toda a liberdade que se pode conseguir delas é liberdade para ficar bêbado às custas de outra pessoa, liberdade para ir à eleição em um táxi velho e sujo, liberdade para abusar de qualquer pessoa que não esteja vestindo sua cor e gritar até ficar rouco para coisas que você apenas entende pela metade. Essa é sua liberdade!

— Oh, pai, você está rindo.

— Não, Harry, estou falando sério, e estou envergonhado em ver como os homens que entram nisso deveriam saber mais. Uma eleição é algo muito sério; pelo menos, deveria ser, e cada homem

deveria votar de acordo com sua consciência e deixar o próximo fazer o mesmo.

CAPÍTULO XLIII – Uma amiga necessitada

Finalmente chegou o dia da eleição. Não houve folga para Jerry nem para mim. Primeiro veio um homem corpulento e esbaforido com um saco de tapete. Ele queria ir à Estação Bishopsgate, depois fomos chamados por um grupo que queria ir ao Regent Park. Em seguida fomos necessários em uma rua lateral, onde uma senhora tímida e ansiosa estava esperando para ser levada ao banco; ali tivemos que esperar para levá-la para casa novamente. Assim que deixamos, um cavalheiro com a face rubra, segurando um punhado de papéis, veio correndo sem fôlego, e antes que Jerry pudesse se sentar, ele abriu a porta, se enfiou lá dentro e disse:

— Delegacia da Rua Bow, rápido!

E então saímos com ele. E quando, depois de mais uma ou duas corridas voltamos, não havia outro táxi no ponto. Jerry colocou minha cevadeira, pois, como disse:

— Precisamos comer sempre que der em dias como esse. Então coma, Jack, e aproveite bem o seu tempo, garotão.

Descobri que ganhei um bom tanto de grãos amassados e molhados com um pouco de mingau. Isso seria um deleite em qualquer dia, mas ainda mais refrescante naquele instante. Jerry era tão cuidadoso e gentil! Que cavalo não faria seu melhor para um dono como esse?

Então ele pegou um dos bolos de carne de Polly, parou perto de mim e começou a comê-lo. As ruas estavam muito cheias, e os táxis, com as cores dos candidatos neles, disparavam pela multidão como se a vida ou os membros não importassem. Vimos duas pessoas sendo derrubadas aquele dia, e uma delas era uma mulher. Os cavalos estavam tendo uma má experiência, coitados! Mas os eleitores dentro dos táxis não pensavam nada sobre isso; muitos deles estavam meio bêbados, gritando pela janela como se sua própria festa estivesse chegando. Era a primeira eleição que eu via e não quero participar de outra, apesar de ter ouvido que as coisas estão melhores agora.

Jerry e eu não tínhamos dado muitas mordidas quando uma pobre jovem senhora, carregando uma criança pesada, veio pela rua. Ela estava olhando para cá e para lá, parecendo muito aturdida. Logo ela achou seu caminho até Jerry e perguntou-lhe se ele podia dizer a ela o caminho até a o Hospital St. Thomas e se era muito longe para chegar lá. Ela veio do interior naquela manhã, ela disse, em uma carroça de comércio. Ela não sabia sobre as eleições, era novata em Londres. Recebera um chamado do hospital para o garotinho dela. Ele estava chorando um choro fraco e débil.

— Pobrezinho! — ela disse. — Ele está com muita dor. Tem apenas quatro anos e não pode andar muito mais que um bebê; mas o médico disse que se eu conseguisse levá-lo ao hospital, ele poderia ficar bem. Por favor, senhor, é muito longe daqui? E para que lado é?

— Ora, minha senhora — disse Jerry. —, você não pode chegar lá andando por multidões como essas! Ora, é cinco quilômetros daqui, e essa criança é pesada.

— Sim, de fato, ele é; mas sou forte, graças a Deus, e se eu soubesse o caminho, acho que daria um jeito. Por favor, me diga o caminho.

— Você não pode. — disse Jerry. — Pode acabar sendo derrubada e a criança pisoteada. Agora, olhe aqui, entre nesse táxi, e eu a

levarei em segurança até o hospital. Não vê que a chuva está vindo?

— Não, senhor, não. Não posso fazer isso, obrigada. Tenho dinheiro suficiente apenas para voltar. Por favor, me diga o caminho.

— Olha aqui, minha senhora — disse Jerry. —, tenho uma esposa e queridos filhos em casa e sei como um pai se sente. e então, entre neste táxi, que a levarei até lá de graça. Eu ficaria com vergonha de mim mesmo se deixasse uma mulher e uma criança doente correrem um risco como esse.

— Deus o abençoe! — disse a mulher, explodindo em lágrimas.

— Calma, calma, se anime, minha querida. Logo a levarei lá; venha, deixe-me colocá-la aqui dentro.

Conforme Jerry foi abrir a porta, dois homens, com cores em seus chapéus e bottons, correram, gritando:

— Táxi!”

— Ocupado! — exclamou Jerry; mas um dos homens, ultrapassando a mulher, se jogou no táxi, seguido do outro. Jerry parecia tão severo quanto um policial. — Esse táxi já está ocupado, cavalheiros, por aquela senhora.

— Senhora! — disse um deles. — Oh! Ela pode esperar; nosso compromisso é muito importante. Além disso, entramos primeiro; é nosso direito e ficaremos aqui dentro”.

Um sorriso engraçado tomou o rosto de Jerry, conforme ele fechava a porta na cara deles.

— Tudo bem, cavalheiros, por favor, fiquem aí por quanto tempo quiserem; posso esperar enquanto vocês descansam. — e dando as costas a eles, andou até a jovem mulher que estava parada perto de

mim. ─ Logo eles vão embora. ─ ele disse rindo. ─ Não se preocupe, minha querida.

E eles logo se foram, pois quando entenderam a astúcia de Jerry, saíram do táxi, chamando-o de todos os tipos de nomes ruins, arrulhando sobre o número dele e fazendo uma notificação. Depois dessa pequena interrupção, logo estávamos em nosso caminho ao hospital, indo o mais rápido possível através das ruas. Jerry tocou o grande sino e ajudou a mulher.

─ Mil vezes obrigada. ─ disse ela. ─ Eu nunca teria conseguido chegar aqui sozinha.

─ Disponha; e espero que o caro menino fique bem logo.

Ele a observou entrando pela porta e gentilmente disse para si mesmo:

─ "Na medida em que fizestes isso a um dos menos afortunados...".

E então acariciou meu pescoço, que era sempre seu jeito de demonstrar que algo o agradara.

A chuva agora estava descendo rápido, e assim que estávamos saindo do hospital, a porta abriu novamente, e o porteiro chamou:

─ Táxi!

Nós paramos, e uma senhora desceu os degraus. Jerry pareceu reconheê-la imediatamente. Ela colocou seu véu para trás e disse:

─ Barker! Jeremiah Barker, é você? Fico muito feliz em encontrá-lo aqui. Você é justo o amigo que eu quero, pois está muito difícil encontrar um táxi nessa parte de Londres hoje.

─ Ficarei orgulhoso em servi-la, madame. Fico bem feliz em por acaso estar aqui. Para onde devo levá-la, senhora?

— Para a Estação Paddington; e então, se estivermos em um bom tempo, como acredito que estaremos, você me contará tudo sobre Mary e as crianças.

Chegamos à estação em um bom tempo, e, estando cobertos, a senhora ficou um bom tempo conversando com Jerry. Descobri que ela tinha sido a patroa de Polly, e depois de muitas perguntas sobre ela, ela disse:

— Como você consegue se adequar ao trabalho com o táxi durante o inverno? Sei que Mary ficou bem nervosa sobre você ano passado.

— Sim, senhora, ela ficou. Tive uma tosse que me seguiu até o clima quente, e quando fico fora até tarde, ela se preocupa um bom tanto. Você vê, senhora, trabalho em todas as horas e em todos os climas, e isso põe à prova o temperamento de um homem. Mas estou me dando muito bem, e eu me sentiria muito perdido se não tivesse cavalos para cuidar. Fui trazido a isto e receio que não me daria tão bem com qualquer outra coisa.

— Bem, Barker — ela disse. —, seria uma grande pena se você de fato arriscasse sua saúde nesse trabalho, não apenas por você, mas pelo bem de Mary e das crianças. Há muitos lugares onde bons motoristas ou bons cavalariços são necessários, e se você algum dia pensar em desistir desse trabalho de taxista, me avise.

E, então, mandando algumas mensagens gentis para Mary, ela colocou algo na mão dele, dizendo:

— Há cinco xelins para cada criança. Mary vai saber como gastá-los.

Jerry a agradeceu e pareceu muito satisfeito. Então, saindo da estação, finalmente fomos para casa, e eu, no mínimo, estava cansado.

CAPÍTULO XLIV – O velho Capitão e seu sucessor

Capitão e eu éramos ótimos amigos. Ele era um velho e nobre camarada, uma companhia muito boa. Nunca achei que ele tivesse que deixar essa casa e descer o morro, mas a vez dele chegou, e foi assim que aconteceu. Eu não estava lá, mas ouvi tudo sobre isso.

Ele e Jerry tinham levado um grupo para a grande estação ferroviária perto da London Bridge, e estavam voltando, em algum lugar entre a ponte e o monumento, quando Jerry viu um carrinho de um cervejeiro vazio, puxado por dois cavalos poderosos. O carreteiro estava açoitando os cavalos com seu chicote pesado. O carrinho estava leve, e eles dispararam em um ritmo furioso.

O homem não tinha controle sobre eles, e a rua estava cheia de tráfico. Uma garotinha foi derrubada e atropelada, e no instante seguinte eles bateram contra o nosso táxi. Capitão foi levado para baixo, os mastros estilhaçados, e um deles o perfurou na lateral. Jerry também foi jogado, mas ficou apenas com hematomas. Ninguém pôde dizer como ele escapou. Ele sempre diz que foi um milagre.

Quando o pobre Capitão foi levantado, descobriram que ele estava muito perfurado e machucado. Jerry o guiou para casa gentilmente, e foi uma visão triste ver o sangue empoçando seu pelo branco, pingando por sua lateral e ombro. Foi provado que o carreteiro estava muito bêbado e foi multado, e o cervejeiro teve que pagar os danos ao nosso dono; mas não havia ninguém para pagar os danos do pobre Capitão.

O veterinário e Jerry fizeram seu melhor para eliminar sua dor e o deixar confortável. O cabriolé teve que ser consertado, e por muitos dias eu não saí, e Jerry não ganhou nada. A primeira vez que fomos

ao ponto depois do acidente, o Governador veio para saber como estava o Capitão.

— Ele nunca vai superar. — disse Jerry. — Pelo menos não servirá mais para o meu trabalho, foi o que o veterinário disse essa manhã. Ele disse que ele pode servir para puxar carroças e esse tipo de coisa. Fiquei muito abalado. Puxar carroças, de fato! Vi o que os cavalos passam com esse tipo de trabalho em Londres. Só queria que todos os bêbados pudessem ser colocados em um hospício, ao invés de cometerem infrações contra pessoas sóbrias. Se quebrassem seus próprios ossos, destruíssem seus próprios carros e ferissem seus próprios cavalos, isso seria problema deles, e talvez os deixássemos em paz; mas me parece que os inocentes sempre sofrem. E então eles falam sobre compensação! Você não pode compensar.

Há toda a preocupação, incômodo e perda de tempo; além de perder um bom cavalo. Ele era como um velho amigo. É sem sentido falar sobre compensação! Se há um demônio que eu gostaria de ver mais abaixo do que o restante, é o demônio da bebida.

— Digo, Jerry — disse o Governador. —, você está pisando bem forte em meus pés, você sabe. Não sou tão bom quanto você. É uma vergonha para mim; queria ser.

— Bem — disse Jerry. —, por que você não acaba com isso, Governador? Você é um homem muito bom para ser escravo de tal coisa.

— Sou um grande tolo, Jerry; mas tentei uma vez por dois dias e achei que devia ter morrido. Como você consegue?

— Tive trabalho duro assim por várias semanas. Você vê, eu nunca fiquei bêbado de fato, mas descobri que não sou dono de mim mesmo, e quando a vontade vinha era difícil dizer não. Percebi que um de nós precisa ceder, o demônio da bebida ou Jerry Barker, e eu disse que não devia ser Jerry Barker, com a ajuda de Deus. Mas foi

uma luta, e eu queria toda a ajuda que conseguisse, pois, até eu tentar quebrar o hábito, eu não sabia quão forte ele era. Mas então, Polly se preocupou muito, dizendo que eu tinha que me alimentar bem, e quando a vontade vinha, eu costumava pegar uma xícara de café, uma bala de menta ou lia um pouco de meu livro, e isso foi uma ajuda para mim. Às vezes eu tinha que dizer repetidamente para mim mesmo, 'Desista da bebida ou perca sua alma!'. Mas, Graças a Deus, e a minha querida esposa, minhas correntes foram quebradas, e agora, por dez anos, não experimentei uma gota e não desejo fazê-lo.

— Tenho muita vontade de tentar — disse Grant. —, porque é uma coisa horrível não ser dono de si mesmo.

— Tente, Governador, tente! Você nunca se arrependerá, e que ajuda seria para alguns dos camaradas em nosso ponto, se vissem que você conseguiu. Sei que há dois ou três que gostariam de ficar longe daquela taverna se pudessem.

No começo, Capitão parecia estar bem, mas ele era um cavalo muito velho. E foi apenas seu maravilhoso temperamento e o cuidado de Jerry, que o mantiveram no trabalho de táxi por tanto tempo, porém, agora ele estava muito decaído. O veterinário disse que ele poderia se recuperar bem o suficiente para ser vendido por algumas libras, mas Jerry disse que não. Algumas libras ganhas por vender um bom e velho servo do trabalho duro e miséria, necrosaria todo o resto do dinheiro dele, e ele achava que a coisa mais gentil que podia fazer para o bom e velho camarada seria colocar uma bala em sua cabeça, e então ele nunca mais sofreria, pois ele não saberia onde achar um dono bom para seus últimos dias.

No dia seguinte estava decidido. Harry me levou ao ferreiro para novas ferraduras. Quando voltei, Capitão tinha partido. Eu e a família toda sentimos muito isso.

Jerry tinha agora que procurar por outro cavalo, e ele logo ouviu sobre um, através de um conhecido, que estava sob os cuidados do estábulo de um nobre. Ele era um cavalo jovem e valioso, mas tinha

fugido, batido em outra carruagem, jogado sua senhoria para longe e ficou tão cortado e cheio de cicatrizes que não era mais adequado para o estábulo de um nobre, então, o cocheiro recebeu ordens de dar uma olhada e vendê-lo da melhor maneira que conseguisse.

— Consigo lidar com enérgicos. — disse Jerry. — Se não for um cavalo com vícios ou uma boca difícil.

— Não há nenhum mau hábito nele. — disse o homem. — Sua boca é muito sensível, e eu, pessoalmente, acho que essa foi a causa do acidente. Você vê, ele tinha acabado de ser marcado, o clima estava ruim, e ele não tinha se exercitado o suficiente, então, quando saiu, estava tão cheio de vida quanto um balão. Nosso chefe (o cocheiro, quero dizer), colocara-lhe os arreios o mais apertado e forte que pôde, com o martingal, e as gamarras, um freio bem pontiagudo e as rédeas colocadas na haste inferior. Acredito que isso deixou o cavalo irritado, sendo sensível na boca e tão cheio de energia.

— Muito provável. Vou vê-lo. — disse Jerry.

No dia seguinte, Hotspur – era esse o nome dele – veio para casa. Ele era um cavalo marrom, bonito, sem um pelo branco nele, tão alto quanto Capitão, com uma cabeça muito bonita e apenas cinco anos de idade. Eu o cumprimentei amigavelmente em prol da boa camaradagem, mas não fiz nenhuma pergunta. Na primeira noite ele ficou muito inquieto. Ao invés de se deitar, ficou jogando sua coleira de corda para cima e para baixo pelo anel e batendo-a contra a manjedoura, até que eu não conseguisse dormir. No entanto, no dia seguinte, depois de cinco ou seis horas no táxi, ele veio calmo e sensível.

Jerry o acariciou e falou bastante com ele, e logo eles se entenderam. Jerry disse que com um freio solto e bastante trabalho, ele seria tão dócil quanto um cordeiro, e que o que ele passou fora um vento doentio que não trouxe bem a ninguém, pois ao mesmo tempo que sua senhoria tinha perdido seu cem-guiné favorito, o taxista ganhara um bom cavalo, com toda sua força.

Hotspur achou um grande rebaixamento ser um cavalo de táxi e estava enojado de ficar no ponto, mas ele me confessou, no final da semana, que uma boca simples e uma cabeça solta compensavam bastante. E, afinal de contas, o trabalho não era tão degradante quanto ter sua cabeça e rabo presos um ao outro na sela. Na verdade, ele se acostumou bem, e Jerry gostava muito dele.

CAPÍTULO XLV – O ano novo de Jerry

Natal e Ano Novo são épocas muito felizes para algumas pessoas, mas para taxistas e cavalos de taxistas não é um feriado – apesar de poder ser uma colheita. Há tantas festas, bailes e lugares de divertimento abertos, que o trabalho é duro e frequentemente dura até tarde. Às vezes, o motorista e o cavalo precisam esperar por horas na chuva ou na geada, tremendo de frio, enquanto as pessoas lá dentro estão dançando com a música. Pergunto-me se as lindas damas jamais pensam no taxista exausto, esperando em sua cocheira, e em seu animal paciente, que fica de pé até que suas pernas fiquem duras com o frio.

Eu tinha agora a maior parte do trabalho noturno, pois estava bem acostumado a ficar de pé, e também porque Jerry tinha medo de que Hotspur pegasse um resfriado. Tivemos um bom tanto de trabalho tardio na semana do Natal, e a tosse de Jerry estava ruim; mas, por mais que trabalhássemos até muito tarde, Polly esperava por ele e vinha com uma lanterna para encontrá-lo, parecendo nervosa e perturbada.

Na noite do Ano Novo, nós tivemos que levar dois cavalheiros à uma casa numa praça na parte oeste. Deixamos os dois às nove horas e fomos ordenados a voltar às onze.

— Mas — disse um deles. —, como se trata de uma festa de cartas, você pode ter que esperar alguns minutos; mas não se atrase.

Quando o relógio marcou onze horas, nós estávamos na porta, pois Jerry sempre era pontual. O relógio passou pelos quartos de hora, um, dois, três, e então marcou doze horas, mas a porta não abriu.

O vento estivera muito variável, com pancadas de chuva durante o dia; mas agora veio um granizo mordaz, que parecia vir de todos os lados. Estava muito frio, e não havia abrigo. Jerry saiu de sua cocheira, veio e puxou uma das mantas um pouco mais sobre meu pescoço; e então ele deu um ou dois pulos, batendo seus pés, começou a bater em seus braços, mas isso o fez ter um ataque de tosse; e então ele abriu a porta do táxi e sentou na parte de baixo com seus pés na rua, ficando um pouco protegido. O relógio ainda passava os quartos de hora, mas ninguém veio. Às doze e trinta ele tocou a campainha e perguntou ao servo se ele ainda seria necessário naquela noite.

— Oh, sim, você será necessário, seguramente. — disse o homem. — Você não pode ir; logo vai acabar. — e novamente Jerry se sentou, mas sua voz estava tão rouca que eu mal podia ouvi-lo.

Uma e quinze da manhã a porta se abriu e os dois cavalheiros saíram. Eles entraram no táxi sem uma palavra e disseram a Jerry para onde dirigir. Eram quase três quilômetros dali. Minhas pernas estavam dormentes de frio e achei que poderia ter tropeçado. Quando os homens saíram, eles nunca disseram que sentiam muito por nos deixar esperando por tanto tempo, mas ficaram bravos com o preço. Porém, como Jerry nunca cobrava mais do que devia, ele nunca aceitava menos, então eles tiveram que pagar pelas duas horas e quinze minutos de espera; mas foi um dinheiro ganhado por Jerry com dificuldade.

Finalmente chegamos em casa. Ele mal conseguia falar, e sua tosse era terrível. Polly não fez perguntas, mas abriu a porta e estendeu a lanterna para ele.

— Não posso fazer nada? — perguntou ela.

— Sim; dê algo quente para Jack e ferva para mim um pouco de sopa de aveia.

Isso foi dito em um sussurro áspero. Ele mal conseguia respirar, mas me esfregou, como sempre, e até subiu para o armazém de feno para pôr um tanto extra de palha em minha cama. Polly me trouxe um mingau quente, que me deixou confortável, e então eles trancaram a porta.

Já era tarde pela manhã seguinte antes de alguém vir, e foi apenas Harry. Ele nos limpou, nos alimentou, limpou os estábulos e colocou a palha novamente, como se fosse domingo. Ele estava muito quieto, não assobiou nem cantou. Ao meio dia ele veio novamente e nos deu nossa comida e nossa água. Dessa vez, Dolly veio com ele. Ela estava chorando e consegui entender, pelo que eles estavam dizendo, que Jerry estava perigosamente doente, e o médico disse que era um caso ruim. E assim dois dias se passaram. Havia muita preocupação dentro da casa. Apenas víamos Harry e, às vezes, Dolly. Acredito que ela vinha para ter companhia, pois Polly estava sempre com Jerry, e ele tinha que ficar muito tranquilo.

No terceiro dia, enquanto Harry estava no estábulo, uma pancada veio à porta, e o Governador Grant entrou.

— Eu não queria ir até a casa, garoto — ele disse. —, mas eu queria saber como está seu pai.

— Ele está muito mal. — disse Harry. — Não poderia estar pior. Eles chamam de bronquite. O médico acha que vai virar para um lado ou para o outro hoje à noite.

— Isso é ruim. Muito ruim. — disse Grant, balançando sua cabeça. — Sei de dois homens que morreram por isso na última semana. Isso os derruba rapidamente. Mas enquanto há vida, há esperança, então você precisa manter sua animação.

— Sim. — disse Harry rapidamente. — E o doutor disse que papai tem uma chance melhor que a dos outros homens, porque ele não bebe. Ele disse ontem que a febre estava tão alta que se papai bebesse o teria queimado como um pedaço de papel; mas acredito que ele pense que vai superar isso. Não acha que ele vai, Sr. Grant?

O Governador parecia intrigado.

— Se ao menos houver uma regra que os bons homens devem superar suas doenças, tenho certeza que ele irá, meu garoto. Ele é o melhor homem que eu conheço. Venho vê-lo amanhã cedo.

Cedo, na manhã seguinte, ele estava lá.

— E então? — disse ele.

— Papai está melhor. — disse Harry. — Mamãe espera que ele vá superar.

— Graças a Deus! — disse o Governador. — E agora você deve mantê-lo aquecido e deixar sua consciência tranquila; e isso me trás aos cavalos. Você vê, Jack ficará melhor pelo resto da semana em um estábulo quente, e você pode facilmente levá-lo para um passeio, subindo e descendo a rua, para ele esticar as pernas. Mas esse jovem, se não trabalhar, logo vai estar arruinado, como você mesmo pode ver, e será muita coisa para você. Quando ele sair poderá haver um acidente.

— Está assim agora. — disse Harry. — Eu lhe dei pouco milho, mas ele é tão cheio de vida que não sei o que fazer com ele.

— Isso mesmo. — disse Grant. — Agora, olhe aqui; você dirá a sua mãe que se ela estiver de acordo, vou vir todos os dias para ele até que algo esteja arranjado. Vou levá-lo para trabalhar bastante, e tudo que ele ganhar, vou trazer metade para sua mãe, e isso ajudará com a comida dos cavalos. Seu pai está em uma boa situação, eu sei, mas isso não vai sustentar os cavalos, e eles vão começar a se comer logo. Voltarei ao meio dia para ouvir o que ela

tem a dizer. ─ e, sem esperar pelo agradecimento de Harry, ele se foi.

Ao meio dia, acredito que ele tenha se encontrado com Polly, pois ele e Harry vieram ao estábulo juntos, colocaram as rédeas em Hotspur e o levaram para fora.

Por uma ou mais semanas ele veio para Hotspur, e quando Harry o agradecia ou dizia qualquer coisa sobre sua gentileza, ele ria, dizendo que era tudo boa sorte para ele, pois seus cavalos estavam querendo um pouco de descanso que não conseguiriam de outra forma.

Jerry ficou melhor gradualmente, mas o médico disse que ele nunca poderia voltar a ser taxista, se quisesse se tornar um homem velho. As crianças tiveram muitas reuniões para saber o que o papai e a mamãe fariam, e como eles podiam ajudar a ganhar dinheiro.

Uma tarde, Hotspur foi trazido para cá muito molhado e sujo.

─ Essas ruas não passam de esgotos. ─ disse o Governador. ─ Vai lhe dar muito trabalho, garoto, deixá-lo limpo e seco.

─ Tudo bem, Governador. ─ disse Harry. ─ Não vou deixá-lo até que ele esteja limpo. Você sabe que fui treinado pelo meu pai.

─ Gostaria que todos os garotos fossem treinados como você. ─ disse o Governador.

Enquanto Harry tirava a lama do corpo e pernas de Hotspur com uma esponja, Dolly veio, parecendo muito aflita.

─ Quem mora em Fairstowe, Harry? Mamãe recebeu uma carta de Fairstowe; ela parecia muito feliz e correu para cima do papai com ela.

─ Você não sabe? Ora, é o nome da casa da Sra. Fowler, a velha patroa da mamãe. Você sabe, a senhora que papai encontrou verão

passado, que mandou cinco xelins para cada um de nós.

— Oh, Sra. Fowler! Claro que sei tudo sobre ela. Pergunto-me por que ela está escrevendo para mamãe.

— Mamãe escreveu para ela semana passada. — disse Harry. — Você sabe que ela disse ao papai que se ele desistisse de ser taxista, ela gostaria de saber. O que será que ela disse? Corra e veja, Dolly.

Harry escovou Hotspur com um huish! huish!, como um velho estribeiro. Em alguns minutos, Dolly veio dançando ao estábulo.

— Oh, Harry, nunca houve nada tão lindo! Sra. Fowler diz que todos nós devíamos ir morar perto dela. Há um chalé vazio que será perfeitamente adequado para nós, com um jardim, um galinheiro, macieiras, e tudo! E o cocheiro dela está indo embora na primavera, e então ela vai querer papai no lugar dele. Há boas famílias em volta, com quem você pode arrumar um emprego em um jardim, em um estábulo ou como um moço de recados.Há também uma boa escola para mim. Mamãe está rindo e chorando ao mesmo tempo, e o papai parece tão feliz!

— Isso é alegria incomum! — disse Harry. — E é a coisa certa, devo dizer. Vai se adequar muito bem para papai e mamãe; mas não pretendo ser um moço de recados, com roupas justas e fileiras de botões. Serei um cavalariço ou um jardineiro.

Logo foi decidido que assim que Jerry ficasse bem o suficiente, eles se mudariam para o interior, e que o táxi e os cavalos seriam vendidos o mais rápido possível.

Essas foram notícias ruins para mim, pois eu não era mais um jovem e não podia procurar por uma melhoria em minhas condições. Desde que deixei Birtwick, nunca fui tão feliz do que com meu dono Jerry. Mas três anos sendo taxista, mesmo sob as melhores condições, afetaria a força de qualquer um, e eu sentia que não era mais o cavalo que um dia fui.

Grant disse imediatamente que ele ficaria com Hotspur, e havia homens no ponto que teriam me comprado; mas Jerry disse que eu não devia voltar a ser taxista novamente com qualquer um, e o Governador prometeu encontrar um lugar para mim onde eu ficasse confortável.

O dia da partida chegou. Jerry ainda não tinha sido permitido a sair, e eu nunca mais o vi depois daquela noite de Ano Novo. Polly e as crianças vieram dar adeus a mim.

— Pobre Jack! Querido Jack! Queria que pudéssemos levar você conosco. — ela disse; e então, colocando a mão em minha crina, colocou o rosto perto de meu pescoço e me beijou. Dolly estava chorando e me beijou também. Harry me acariciou um bom tanto, mas não disse nada, apenas parecia muito triste; e então fui levado para meu novo lar.

PARTE 4

CAPÍTULO XLVI – Jakes e a senhora

Fui vendido para um vendedor de milho e padeiro, que Jerry conhecia, e com ele, ele achou que eu teria boa comida e trabalho justo. Quanto ao primeiro, ele estava certo, e se meu dono sempre estivesse no local, não acho que eu teria sido sobrecarregado; mas havia um capataz que estava sempre apressando e mandando em todo mundo, e frequentemente, quando eu já tinha comido muito, ele ordenava que me fizessem ingerir mais alguma coisa. Meu carreteiro, cujo nome era Jakes, frequentemente dizia que era mais do que eu poderia aguentar, mas as ordens sempre o anulavam.

— É inútil fazê-lo comer duas vezes, se uma é suficiente, e ele escolheu levar os negócios adiante.

Jakes, como os outros carreteiros, sempre usava a gamarra apertada, o que me prevenia de me mover facilmente, e pelos três ou quatro meses que fiquei por lá, senti o trabalho exigindo muito de minha força.

Um dia me colocaram mais peso do que o normal, e parte da estrada possuía uma encosta íngreme. Usei toda minha força, mas não conseguia seguir em frente, e era obrigado continuamente a parar. Isso não agradou meu motorista, e ele usou o chicote fortemente.

— Continue, seu patife preguiçoso — ele disse. —, ou vou lhe obrigar!.

Novamente saí com a carga pesada e lutei por mais alguns metros. Novamente o chicote veio, e novamente lutei para frente. A dor daquele grande chicote de carroça era aguda, mas minha

consciência estava quase tão machucada quanto minhas pobres laterais. Ser punido e abusado quando eu estava fazendo meu melhor era tão difícil que partiu meu coração. Uma terceira vez ele estava me açoitando cruelmente, quando uma senhora andou rapidamente até ele e disse, em uma voz doce e zelosa:

— Oh! Por favor, não machuque mais seu bom cavalo. Tenho certeza que ele está fazendo tudo que ele pode, e a estrada é muito íngreme. Tenho certeza que ele está dando seu melhor!

— Se fazendo o melhor ele não consegue levar esta carga para cima, ele precisa fazer algo além de seu melhor. Isso é tudo que sei, senhora. — disse Jakes.

— Mas não é uma carga pesada? — ela disse.

— Sim, sim, muito pesada. — ele disse. — Mas isso não é culpa minha. O capataz apareceu, assim que estávamos partindo, e teria colocado mais trezentos quilos para se safar de problemas, e preciso seguir com isso da melhor maneira que puder.

Ele estava erguendo o chicote novamente, quando a senhora disse:

— Por favor, pare! Acho que posso ajudá-lo, se você deixar.

O homem riu.

— Você vê? — ela disse. — Não está dando uma chance justa a ele. Ele não pode usar toda sua força com a cabeça dele presa para trás, como está com essa gamarra. Se você a tirasse, tenho certeza que ele faria melhor. Tente. — disse ela, persuasivamente. — Ficaria muito feliz se você o fizesse.

— Bem, bem... — disse Jakes, com uma risada curta. — ...qualquer coisa para agradar uma senhora, é claro. Quanto você quer que eu solte, senhora?

— Bastante. Dê toda a cabeça a ele.

A rédea foi tirada e, em um instante, coloquei minha cabeça para baixo até meus joelhos. Que conforto isso era! Então eu a ergui e desci algumas vezes para tirar a dolorida rigidez do meu pescoço.

— Pobre rapaz! Era isso que você queria. — disse ela, me alisando e acariciando com sua mão suave. — E agora, se você falar gentilmente com ele e o guiar, acredito que ele fará melhor.

Jakes pegou as redes.

— Vamos, Pretinho.

Coloquei minha cabeça para baixo e joguei todo meu peso contra a coleira. Não poupei forças. A carga se moveu, e eu a puxei estavelmente encosta acima e então parei para recuperar o fôlego.

A senhora vinha andando junto pela calçada, e agora veio para a estrada. Ela alisou e acariciou meu pescoço, como não era acariciado fazia muitos dias.

— Você viu que ele ficou bem disposto quando você lhe deu uma chance. Tenho certeza que ele é uma criatura bem humorada, e ouso dizer que conheceu dias melhores. Você não colocará aquela gamarra novamente, não é? — pois ele estava prestes a me amarrar de novo como antes.

— Bem, senhora, não posso negar que ter a cabeça o ajudou a subir o morro, e vou lembrar disso nas próximas vezes. Obrigado, senhora, mas se eu andasse sem a gamarra, seria motivo de chacota entre os outros carreteiros – é a moda, como pode ver.

— Não é melhor... — disse ela. — ...liderar uma boa moda do que seguir uma ruim? Vários cavalheiros não usam gamarras agora; nossos cavalos de carruagem não as usam há quinze anos e trabalham com muito menos fatiga do que aqueles que as usam. Além disso — ela adicionou em uma voz muito séria. —, não temos o direito de angustiar nenhuma das criaturas de Deus sem uma ótima razão para tal. Chamamos de animais mudos, e são mesmo, pois

não podem nos dizer como se sentem; mas eles não sofrem menos porque não podem falar. Mas não vou detê-lo agora; agradeço-o por tentar meu plano com seu bom cavalo e tenho certeza que vai achar isso muito melhor do que o chicote. Bom dia. ─ e com mais uma carícia suave em meu pescoço, ela andou levemente sobre a estrada, e não mais a vi.

─ Essa era uma verdadeira dama, vou ficar agradecido por isso! ─ disse Jakes para si mesmo. ─ Ela falou com tanta educação quanto se eu fosse um cavalheiro, e vou tentar o plano dela nas subidas, sempre.

E devo dar créditos a ele por deixar minha gamarra mais solta por vários buracos. E nas subidas depois desta conversa, ele sempre soltava minha cabeça. Mas as cargas pesadas continuaram. Boa alimentação e bastante descanso mantém a força de alguém sob trabalho pesado, mas nenhum cavalo pode se opor à sobrecarga; e eu estava ficando tão completamente exausto por causa disso, que um cavalo mais novo foi comprado em meu lugar. Posso também mencionar aqui o que sofri dessa vez por outro motivo.

Ouvi cavalos falando sobre isso, mas nunca experimentei o mau por eu mesmo. Esse era um estábulo mal iluminado; havia apenas uma pequena janela no final, e a consequência é que os estábulos eram quase escuros.

Além do efeito depressivo que isso tinha sobre mim, enfraqueceu muito minha visão, e quando eu era repentinamente levado do escuro para o brilho da luz do sol, era muito doloroso para meus olhos. Várias vezes eu tropecei na soleira e mal podia ver para onde estava indo.

Acredito que se eu tivesse ficado lá por muito tempo, acabaria parcialmente cego, e isso seria um terrível infortúnio, pois ouvi os homens dizendo que um cavalo cego é melhor para dirigir do que um com a visão perfeita, porque isso geralmente os deixa mais tímidos. No entanto, escapei sem danos permanentes a minha visão e fui vendido para um grande proprietário de táxis.

CAPÍTULO XLVII – Tempos difíceis

Nunca esquecerei meu novo dono. Ele tinha olhos negros e um nariz em forma de gancho, sua boca era tão cheia de dentes quanto a de um buldogue, e sua voz era tão dura quanto o rangido das rodas da carroça nos cascalhos. Seu nome era Nicholas Skinner, e acredito que ele era o mesmo homem para quem o pobre Sam Puído dirigia.

Ouvi homens dizendo que ver é acreditar, mas devo dizer que sentir é acreditar, pois, mesmo tendo visto tantas coisas antes, eu não sabia, até agora, a completa miséria que é a vida de um cavalo taxista.

Skinner tinha um conjunto rebaixado de táxis e um conjunto rebaixado de motoristas. Ele era duro com os homens, e os homens eram duros com os cavalos. Nesse lugar não tínhamos domingo de descanso, e estava no auge do verão.

Às vezes, em uma manhã de domingo, um grupo de homens apressados alugava o táxi pelo dia, quatro deles no interior e mais um com o motorista, e eu tinha que levá-los por quinze ou vinte e cinco quilômetros para o interior, e então voltar novamente. Nunca nenhum deles saía do táxi para caminhar em uma subida, não importa o quão íngreme fosse, ou quão quente estivesse o dia – a não ser, de fato, quando o motorista tinha medo que eu não conseguisse. Às vezes eu ficava tão febril e exausto que mal conseguia tocar em minha comida.

Como eu tinha me acostumado à mistura de farelos com salitre que Jerry costumava nos dar nos sábados à noite, no clima quente, que nos acalmavam e nos deixavam tão confortáveis! E, então,

tínhamos duas noites e um dia para descanso ininterrupto, e na segunda estávamos tão novos quanto cavalos jovens; mas aqui não havia descanso, e meu motorista era tão duro quanto seu chefe.

Ele tinha um chicote cruel, com alguma coisa tão pontiaguda na ponta que às vezes saía sangue, e ele me chicoteava até debaixo da barriga, baixando o chicote em minha cabeça. Indignidades como essa partiam meu coração terrivelmente, mas, ainda assim, eu fazia meu melhor e nunca dava para trás; pois, como a pobre Ginger dissera, era inútil; homens são mais fortes.

Minha vida agora estava tão completamente miserável que eu queria poder, como Ginger, cair morto em meu trabalho e escapar de meu sofrimento; e um dia meu desejo quase se realizou.

Fui para o ponto às oito da manhã e já tinha feito um bom tanto de trabalho quando tivemos que fazer uma corrida até a estação ferroviária. Um longo trem estava sendo esperado, então meu motorista encostou atrás de alguns táxis lá fora para ter a chance de uma corrida de volta. Era um trem muito pesado, e como logo todos os táxis ficaram ocupados, o nosso foi chamado. Havia um grupo de quatro – um homem barulhento e espalhafatoso com uma senhora, um garotinho, uma garotinha e uma boa quantidade de bagagem. A senhora e o garoto entraram no táxi, e enquanto o homem cuidava da bagagem, a garotinha veio e olhou para mim.

— Papai — disse ela. —, tenho certeza que esse pobre cavalo não pode levar a nós e a nossa bagagem muito longe, ele está tão fraco e exausto. Olhe para ele.

— Oh, ele está bem, senhorita. — disse meu motorista. — Ele é forte o suficiente.

O bagageiro, que estava puxando algumas caixas pesadas, sugeriu ao cavalheiro que, como havia muita bagagem, ele deveria pegar um segundo táxi.

— Seu cavalo consegue, ou não? — disse o homem barulhento.

— Oh, ele consegue com certeza, senhor. Carregue as caixas, bagageiro; ele poderia até levar mais do que isso.

E ele ajudou a erguer uma caixa tão pesada que eu podia sentir as molas se abaixando.

— Papai, papai, pegue um segundo táxi. — disse a garotinha em um tom suplicante. — Tenho certeza que estamos errados; tenho certeza que é muito cruel!

— Besteira, Grace! Entre de uma vez e não faça todo esse escarcéu. Uma coisa bonita seria, se um homem de negócios tivesse que examinar cada cavalo taxista antes de alugá-lo. O homem conhece seu próprio negócio, obviamente. Pronto, entre e feche a boca!

Minha gentil amiga teve que obedecer, e caixas após caixas eram arrastadas e estocadas na parte de cima do táxi, ou arrumadas ao lado do motorista. Finalmente tudo estava pronto, e, com seu usual puxão nas rédeas e chicoteada, ele dirigiu para fora da estação.

A carga era muito pesada, e eu não tinha comido nem descansado desde a manhã; mas fiz meu melhor, como sempre havia feito, apesar da crueldade e injustiça.

Eu segui em frente razoavelmente até chegarmos ao Morro Ludgate; mas lá a carga pesada e minha própria exaustão foram demais. Eu estava me esforçando para continuar, incitado por constantes puxões nas rédeas e pelo uso do chicote, quando, em um único momento – não posso dizer como – minha pata escorregou de debaixo de mim, e eu caí pesadamente no chão ao meu lado.

A rapidez e a força com a qual caí pareceu tirar todo o fôlego de meu corpo. Fiquei perfeitamente imóvel; na verdade, não tinha forças para me mover, e eu achei que fosse morrer. Ouvi um tipo de confusão a minha volta – vozes altas, irritadas e a bagagem sendo descarregada – mas era tudo como um sonho. Pensei ter ouvido aquela voz doce e misericordiosa dizendo, “Oh, esse pobre cavalo!

É tudo culpa sua!”. Alguém veio e afrouxou a tira da garganta do meu bridão e desfez os laços que mantinham a coleira tão apertada em volta de mim. Alguém disse, “Ele está morto, ele nunca se levantará novamente”.

E então eu podia ouvir um policial dando ordens, mas nem abri meus olhos. Eu conseguia apenas pegar um fôlego arquejado de vez em quando. Um pouco de água fria foi jogada em cima de minha cabeça, um pouco de tônico foi despejado em minha boca, e alguma coisa me cobriu.

Não posso dizer por quanto tempo fiquei lá caído, mas descobri minha vitalidade voltando, e um homem de voz gentil estava me acariciando e me encorajando a me levantar. Depois que um pouco mais de tônico me foi dado, e depois de uma ou duas tentativas, eu cambaleei para meus pés e fui suavemente guiado para uns estábulos ali próximos. Ali fui colocado em uma baia bem desordenada, e uma sopa de aveia quente foi trazida para mim, e eu a bebi agradecidamente.

À noite eu estava suficientemente recuperado para ser levado para os estábulos de Skinner, onde acho que fizeram o melhor que podiam fazer. Pela manhã, Skinner veio com um veterinário para me examinar. Ele me examinou minuciosamente e então disse:

— Esse é um caso de mais sobrecarga do que doença, e se você pudesse dar a ele um descanso de seis meses, ele seria capaz de trabalhar novamente; mas agora não há nem um pouco de força nele.

— Então ele deve apenas ir para os cães. — disse Skinner. — Não tenho uma campina para cuidar de cavalos doentes. Ele pode ficar bem ou pode não ficar; esse tipo de coisa não se adéqua aos meus negócios. Meu plano é trabalhar com eles até onde eles aguentarem e, então, vendê-los para onde quer que se adaptem, para virar linguiça ou qualquer outro lugar.

— Se ele estivesse sem fôlego — disse o veterinário. —, seria melhor você tê-lo matado de uma vez; mas ele não está. Há uma venda de cavalos chegando em cerca de dez dias. Se você o deixar descansar e alimentá-lo, ele pode melhorar, e você pode ganhar mais do que vale a pele dele, de qualquer maneira.

Com esse conselho, Skinner, muito indispostamente, acredito, deu ordens para que eu fosse bem alimentado e cuidado, e o cocheiro, felizmente para mim, se submeteu às ordens de forma muito mais disposta do que seu chefe as estava dando. Dez dias de perfeito descanso, muitos grãos bons, feno, misturas de farelos, com linhaça cozida misturada a elas, elevou minha condição, mais do que qualquer outra coisa teria feito.

Essas misturas de linhaça eram deliciosas, e comecei a pensar que talvez fosse melhor viver do que ir para os cães. Quando o décimo segundo dia depois do acidente chegou, fui levado para a feira, que ficava a alguns quilômetros de Londres. Senti que qualquer mudança do meu estado atual seria uma melhora, então ergui minha cabeça e esperei pelo melhor.

CAPÍTULO XLVIII – Fazendeiro Thoroughgood e seu neto Willie

Nessa feira, claro, eu me encontrava na companhia de cavalos arruinados – alguns coxos, alguns sem fôlego, alguns velhos e alguns que tenho certeza que morreriam misericordiosamente com tiros.

Os compradores e vendedores não pareciam muito melhores do que os brutamontes pelos quais estavam pechinchando. Havia homens velhos e pobres, tentando conseguir um cavalo ou um pônei por algumas poucas libras, para carregar por ai um pouco de madeira

ou uma carroça de carvão. Havia homens pobres tentando vender um brutamonte exausto por duas ou três libras, ao invés de ter uma perda ao matá-los.

Alguns homens pareciam como se a pobreza os tivesse enrijecido por inteiro; mas havia outros que eu teria usado minhas últimas forças para servir com prazer – pobres e esfarrapados, mas gentis e humanos, com vozes nas quais eu podia confiar. Havia um velho homem titubeante que se encantou bastante por mim, e eu por ele; mas eu não era forte o suficiente. Era uma época nervosa. Vindo da melhor parte da feira, observei um homem que parecia ser cavalheiro fazendeiro, com um garotinho ao seu lado.

Ele tinha as costas largas e os ombros redondos, um rosto gentil e corado, e usava um chapéu de abas largas. Quando ele veio em direção a mim e meu companheiro, ele ficou imóvel e laçou um olhar de pena a nossa volta. Vi seus olhos repousarem em mim. Eu ainda tinha uma boa crina e rabo, que fazia algo pela minha aparência. Eu abaixei minhas orelhas e olhei para ele.

— Esse é um cavalo, Willie, que teve dias melhores.

— Pobre rapaz! — disse o garoto. — Você acha, vovô, que ele já foi um cavalo de carruagem?

— Oh, sim, meu garoto! — disse o fazendeiro, se aproximando. — Ele pode ter sido qualquer coisa quando era jovem. Olhe suas narinas e suas orelhas, o formato de seu pescoço e ombros. Esse cavalo foi bem criado.

Ele estendeu a mão e me acariciou suavemente no pescoço. Estendi meu nariz em resposta à sua gentileza. O garoto acariciou minha cara.

— Pobre rapaz! Veja, vovô, como ele entende bem a gentileza. Você não pode comprá-lo e deixá-lo jovem novamente, como fez com Ladybird?

— Meu caro garoto, não posso fazer com que todos os cavalos voltem a parecer jovens; além disso, Ladybird não era tão velha, estava apenas usada e exausta.

— Bem, vovô, não acredito que esse aqui seja velho. Olhe a crina e o rabo dele. Gostaria que você olhasse a boca dele, e então poderia dizer. Apesar de ser muito magro, seus olhos não estão afundados como os de alguns cavalos velhos.

O velho cavalheiro riu.

— Abençoe o garoto! Ele entende tanto de cavalos quanto seu velho avô.

— Mas olhe a boca dele, vovô, e pergunte o preço. Tenho certeza que ele ficaria jovem em suas campinas.

O homem que tinha me trazido para a feira deu suas palavras.

— O jovem cavalheiro entende muito bem, senhor. Agora, o fato é que, esse cavalo está apenas cabisbaixo por sobrecarga de trabalho nos táxis. Ele não é velho, e ouvi como o veterinário disse que um descanso de seis meses o recuperaria, já que o fôlego dele não foi comprometido. Cuidei dele nesses últimos dez dias e nunca me encontrei com um animal mais grato e agradável. Valeria o tempo de um cavalheiro dar cinco libras por ele e deixá-lo ter uma chance. Tenho certeza que ele valerá vinte libras na próxima primavera.

O velho cavalheiro riu, e o garotinho olhou para cima ansiosamente.

— Oh, vovô, você não disse que o potro foi vendido por cinco libras a mais do que você esperava? Você não ficaria mais pobre se comprasse esse aqui.

O fazendeiro lentamente sentiu minhas pernas, que estavam muito inchadas e tensionadas, e então olhou para minha boca.

— Treze ou quatorze anos, devo dizer. Apenas o faça trotar, sim?

Arqueei meu pescoço pobre e magro, ergui um pouco meu rabo e mostrei minhas pernas o melhor que pude, pois elas estavam muito rígidas.

— Qual é o mínimo que você aceita por ele? — disse o fazendeiro, quando eu voltei.

— Cinco libras, senhor; esse foi o preço mais baixo que meu chefe estabeleceu.

— É uma especulação! — disse o velho cavalheiro, balançando sua cabeça, mas ao mesmo tempo pegando sua carteira lentamente. — Uma boa especulação. Você tem mais negócios aqui? — ele disse, contando as libras em sua mão.

— Não, senhor; posso levá-lo ao hotel para você, se quiser.

— Faça isso; estou indo para lá agora.

Eles seguiram em frente, e eu fiquei para trás. O garoto mal conseguia controlar seu deleite, e o velho cavalheiro parecia gostar do prazer dele. Tive uma boa refeição no hotel e fui suavemente levado para casa por um servo do meu novo dono, e levado para uma grande campina com um barracão em uma das pontas.

Sr. Thoroughgood, pois esse era o nome de meu benfeitor, deu ordens que eu deveria comer feno e grãos todas as noites e manhãs, e deveria ter a liberdade da campina durante o dia.

— Você, Willie — disse ele. —, deve observá-lo; vou deixá-lo a seus cuidados.

O garoto estava orgulhoso de sua responsabilidade e a assumiu com toda a seriedade. Não havia um único dia que ele não vinha me visitar, às vezes me tirando de junto dos outros cavalos e me dando um pedaço de cenoura, ou algo bom, ou às vezes ficando ao meu lado enquanto eu comia meus grãos. Ele sempre vinha com palavras gentis e carícias, e obviamente me apeguei muito a ele. Ele

me chamava de Velho Amigo, pois eu costumava ir até ele no campo e o seguir por ai. Às vezes ele trazia seu avô, que sempre olhava minuciosamente para minhas pernas.

— Esse é nosso objetivo, Willie. — ele dizia. — Mas ele está melhorando de maneira tão estável, que acho que veremos uma mudança para o melhor na primavera.

O descanso perfeito, a boa comida, a relva macia e exercícios delicados, logo começaram a afetar minha condição e minha energia. Eu tinha uma boa constituição de minha mãe e nunca fora tensionado quando era jovem, então eu tinha uma chance melhor que muitos cavalos que tinham sido explorados antes de chegarem à sua força total. Durante o inverno, minhas pernas melhoraram tanto que eu comecei a me sentir jovem novamente. A primavera chegou, e em um dia em março, o Sr. Thoroughgood determinou que iria me tentar no faetonte. Eu fiquei muito satisfeito, e ele e Willie me dirigiram por alguns quilômetros. Minhas pernas não estavam rígidas agora, e fiz o trabalho com grande facilidade.

— Ele está rejuvenescendo, Willie. Devemos dar a ele um pouco de trabalho manso agora, e na metade do verão ele estará tão bom quanto Ladybird. Ele tem uma boca linda e bons passos. Eles não podiam ser melhores".

— Oh, vovô, como estou feliz de você tê-lo comprado!

— Eu também, meu garoto; mas ele precisa agradecer mais a você do que a mim. Agora devemos procurar por um lugar tranquilo e bom para ele, onde ele será bem apreciado.

CAPÍTULO XLIX – Minha última casa

Um dia, durante meu verão, o cavalariço me limpou e arrumou com tanto cuidado, que eu achei que uma nova mudança estivesse próxima. Ele aparou meus machinhos e pernas, passou a escova de alcatrão em meus cascos e até repartiu meu topete. Acho que os arreios estavam mais polidos. Willie parecia meio ansioso, meio feliz, conforme ele entrou no cabriolé com seu avô.

— Se as senhoritas gostarem dele — disse o velho cavalheiro. —, elas ficaram bem arranjadas, e ele também. Podemos tentar.

Percorremos a distância de dois ou três quilômetros do vilarejo e chegamos a uma casa bonita e baixa, com um gramado e arbustos na frente, além de uma entrada até a porta. Willie tocou a campainha e perguntou se a Srta. Blomefield ou a Srta.

Ellen estavam lá. Sim, elas estavam. Então, Willie ficou comigo, e o Sr. Thoroughgood entrou na casa. Em cerca de dez minutos ele voltou, seguido de três senhoritas. Uma senhora alta e pálida, enrolada em um xale branco, se inclinava em direção a uma senhorita mais jovem com olhos escuros e um rosto feliz; a outra era uma pessoa de aparência muito imponente, a Srta. Blomefield. Todas elas vieram me ver e fizeram perguntas. A senhorita mais jovem – que era a Srta. Ellen – gostou muito de mim. Ela disse que tinha certeza que iria gostar de mim, porque eu tinha uma cara muito boa. A senhorita alta e pálida disse que sempre ficava nervosa em cavalgar um cavalo que já tinha caído, pois eu poderia cair novamente, e se eu caísse, ela nunca superaria esse susto.

— Sabe, senhoritas — disse o Sr. Thoroughgood. —, muitos cavalos de primeira linha tiveram seus joelhos quebrados por culpa de seus motoristas descuidados, sem terem nenhuma culpa deles mesmos; e pelo que vejo desse cavalo, devo dizer que foi o caso dele. Mas, claro, não quero influenciá-las. Se vocês gostarem, podem ficar com ele para testar e ver o que seu cocheiro acha dele.

— Você sempre foi um conselheiro tão bom para nós sobre cavalos — disse a senhorita majestosa. —, que sua recomendação me

afetaria profundamente, e se minha irmã Lavinia não tem objeções, vamos aceitar sua oferta de uma tentativa, muito agradecidas.

Ficou então arranjado que eu seria enviado no dia seguinte.

Pela manhã, um jovem de aparência perspicaz veio para mim. De primeira, ele parecia satisfeito, mas quando viu meus joelhos, ele disse, em uma voz desapontada:

— Não achei, senhor, que você recomendaria um cavalo com cicatrizes assim para minhas senhoritas.

— Bonito é o que faz ser bonito. — disse meu dono. — Você está ficando com ele apenas para testar, e tenho certeza que vai se sair razoavelmente com ele, meu jovem. Se ele não for tão seguro quando qualquer cavalo que você já cavalgou, mande-o de volta.

Fui guiado para minha nova casa, colocado em um confortável estábulo, alimentado, e deixado sozinho. No dia seguinte, quando meu cavalariço estava limpando minha cara, ele disse:

— Essa é exatamente como a estrela que Beleza Negra tinha; ele tem a mesma altura também. Imagino onde ele pode estar agora.

Vindo um pouco mais para frente, ele chegou ao lugar no meu pescoço onde fui ferido, e onde um pequeno nó foi deixado na pele. Ele começou a me olhar cuidadosamente, falando consigo mesmo.

— Estrela branca na testa, uma pata branca do lado de fora, esse pequeno nó bem no lugar certo — e então, olhou para o meio das minhas costas. — E, pelo que me lembro, há esse pequeno chumaço de pelo branco que John costumava chamar de ‘o pedaço de três moedas de Beleza’. Tem que ser Beleza Negra! Ora, Beleza! Beleza! Você me conhece? Sou o pequeno Joe Green que quase o matou.

E ele começou a me acariciar e acariciar, como se estivesse muito satisfeito.

Não podia dizer que lembrava dele, pois agora ele era um jovem crescido e bonito, com bigode preto e voz de homem; mas tinha certeza que ele me conhecia. E se ele era Joe Green, eu estava muito feliz. Estendi meu nariz para ele e tentei dizer que éramos amigos. Nunca vi um homem tão satisfeito.

— Dar-lhe uma tentativa justa? Claro que sim, de fato! Pergunto-me quem foi o patife que quebrou seus joelhos, meu velho Beleza! Você deve ter sido muito mal tratado em algum lugar. Ora, ora, não é sua culpa se você não teve bons momentos até agora. Queria que John Manly estivesse aqui para vê-lo.

À tarde fui colocado em uma carruagem baixa de parque e levado até a porta. Senhorita Ellen ia me testar, e Green foi com ela. Logo descobri que ela era uma boa motorista, e pareceu satisfeita com meus passos. Ouvi Joe contando a ela sobre mim, dizendo que ele tinha certeza que eu era o velho Beleza Negra do Prefeito Gordon.

Quando voltamos, as outras irmãs vieram para ouvir como eu tinha me comportado. Ela contou a elas o que tinha acabado de ouvir e disse:

— Certamente irei escrever à Sra. Gordon e dizer a ela que seu cavalo favorito veio para nós. Ela ficará muito feliz!

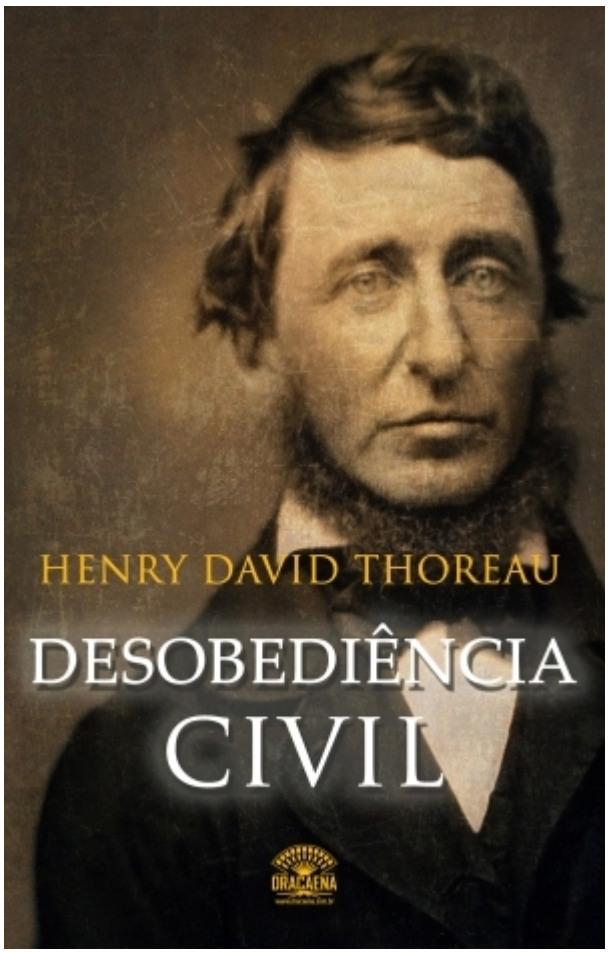
Depois disso eu fui dirigido todos os dias por cerca de uma semana. E como eu parecia ser bem seguro, Srta. Lavinia finalmente se aventurou na pequena carruagem fechada. Logo ficou decidido que iriam ficar comigo e me chamar pelo meu velho nome, Beleza Negra.

Já estou vivendo nesse lugar feliz por um ano. Joe é o melhor e mais gentil dos cavalariços. Meu trabalho é fácil, agradável e sinto minha força e energia voltando para mim. O Sr. Thoroughgood disse a Joe outro dia:

— Neste lugar ele vai durar até ter vinte anos – talvez mais.

Willie sempre fala comigo quando pode e me trata como seu amigo especial. Minhas senhoras prometeram que nunca serei vendido, então não tenho nada a temer. E aqui minha história termina. Meus problemas todos acabaram, e estou em casa; e, frequentemente, antes de despertar, fantasio que ainda estou no pomar de Birtwick, debaixo das macieiras, com meus velhos amigos.

FIM


HENRY DAVID THOREAU
DESOBEDIÊNCIA
CIVIL
DRACENA

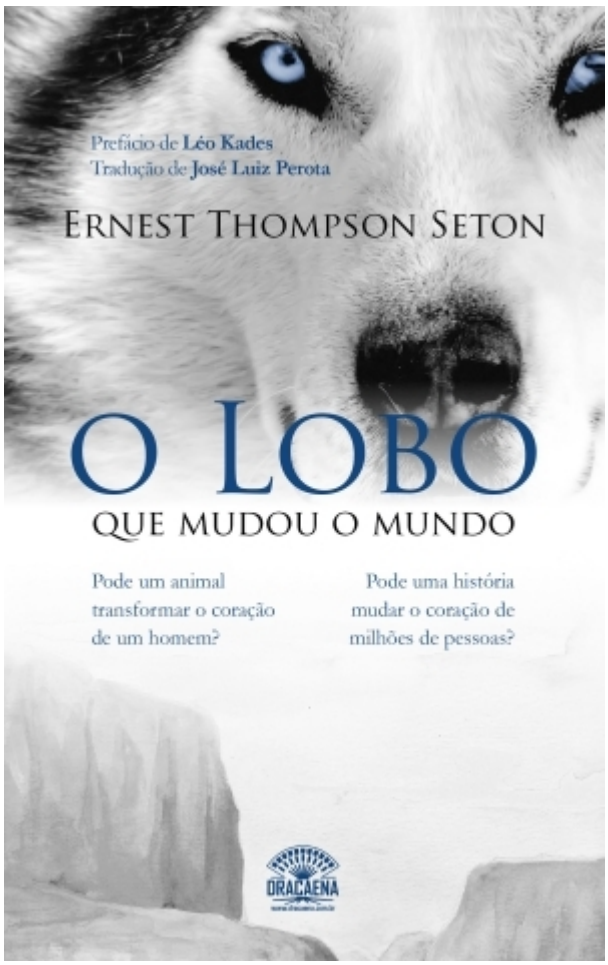
Desobediência civil

Thoreau, Henry David
9788582182505
60 páginas

Compre agora e leia

Henry David Thoreau afirmou que "sob um governo que prende qualquer homem injustamente, o único lugar digno para um homem justo é também a prisão". Desobediência Civil é um texto inspirador e dotado de princípios de igualdade e fraternidade. Uns o consideram um texto anarquista, outros consideram como a mais nobre expressão das ideias de Thoreau. A verdade é que Desobediência Civil tem sido citado durante as principais expressões de lutas pelos direitos civis em todo o mundo, servindo de inspiração para nomes importantes como Ghandi e Martin Luther King Jr. Um texto que merece ser apreciado em meio a atual crise brasileira.

Compre agora e leia


Prefácio de Léo Kades
Tradução de José Luiz Perota
ERNEST THOMPSON SETON
O LOBO
QUE MUDOU O MUNDO
Pode um animal transformar o coração de um homem?
Pode uma história mudar o coração de milhões de pessoas?
DRACAENA

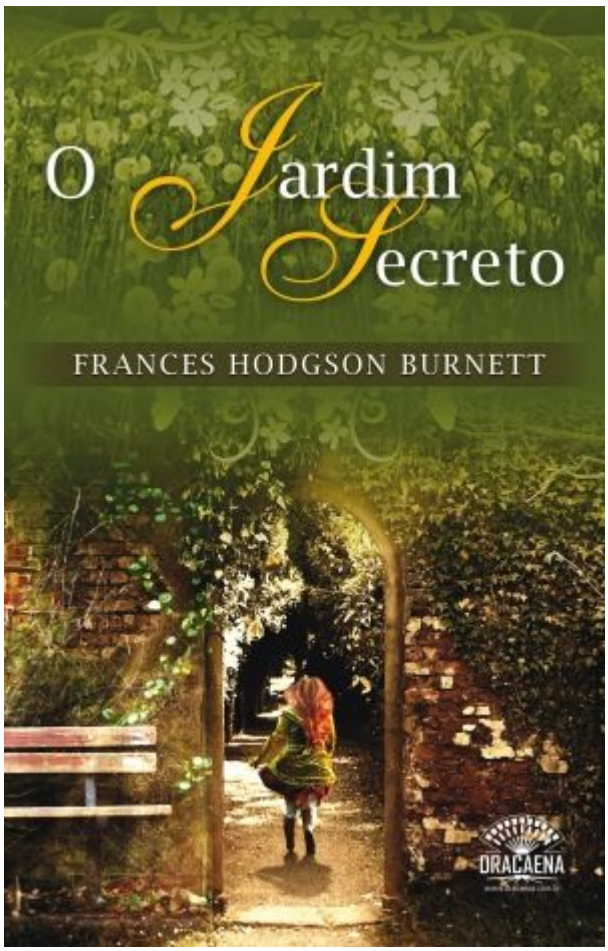
O Lobo que mudou o mundo

Thompson Seton, Ernest
9788582181416
48 páginas

Compre agora e leia

Pode um animal transformar o coração de um homem? Pode uma história mudar o coração de milhões de pessoas? O Lobo que mudou o mundo é uma história real de redenção humana, amor à natureza e aos animais. Conta a história de um caçador impiedoso que é transformado pela experiência vivida ao perseguir um bando de lobos. Com um desfecho trágico e o resultado inesperado, essa história tem alcançado o mundo todo e tocado os corações de milhões de pessoas. Do Prefácio de Leo Kades - Autor de: O Rei dos Esquilos e Pardais na Chuva

Compre agora e leia


O Jardim Secreto
FRANCES HODGSON BURNETT
DRACAENA

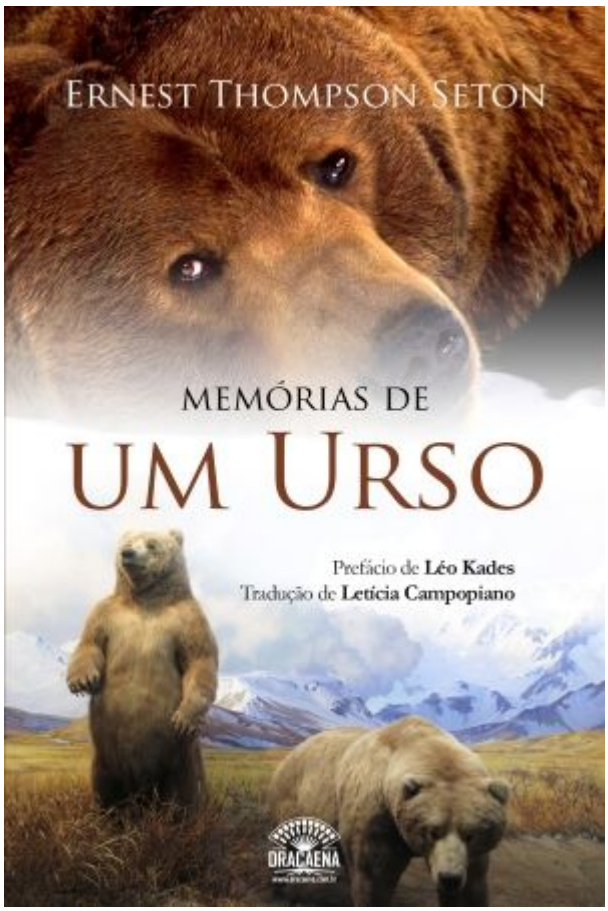
O Jardim Secreto

Burnett, Frances Hodgson
9788582180310
312 páginas

Compre agora e leia

Adaptado para a TV e cinema, O Jardim Secreto vendeu milhões de exemplares por todo o mundo desde sua primeira edição em 1911. Considerado um dos mais importantes livros infantojuvenis do século XX pela National Education Association, a obra está entre os 100 livros mais indicados por professores em língua inglesa. O Jardim Secreto conta a história de Mary Lennox, uma menina mimada e arrogante. A típica criança que provavelmente você não convidaria para a sua festa de aniversário ou não sentaria ao lado dela na sala de aula. Depois de perder os seus pais ainda muito nova, ela é enviada à Inglaterra para viver com seu tio. Mal sabe que essa mudança irá transformar a ela e todos a sua volta por completo. O Jardim Secreto é um livro maravilhoso sobre amizade, afeto, cura e transformação. Mágico e envolvente. Uma leitura carregada de lições que guardaremos por toda a vida. Um livro que une gerações. Desvende com Mary e seus amigos o mistério desse Jardim.

Compre agora e leia


ERNEST THOMPSON SETON
MEMÓRIAS DE
UM URSO
Prefácio de Léo Kades
Tradução de Letícia Campopiano
DRACAENA

Memórias de um Urso

Seton, Ernest Thompson
9788582181409
48 páginas

Compre agora e leia

Memórias de um urso foi escrito originalmente publicado como parte do livro Wild Animals I Have Known pela primeira vez em 1898. Com a publicação do livro, o objetivo do autor Ernest Thompson Seton era despertar em crianças, jovens e adolescentes o amor pelos animais e um sentimento de preservação à natureza, algo que Seton achava ter um maior sentido se começasse pelas crianças. Em Memórias de um urso o autor nos mostra o quanto a influência humana tem mudado os rumos da natureza selvagem e o quanto isso afeta as nossas vidas. O livro conta a história de Whab, filhote de urso que após uma grande tragédia se vê obrigado a trilhar sozinho um caminho repleto de perigos, medos e incertezas. Em uma densa floresta é obrigado a vencer obstáculos e dia a dia driblar os seus muitos inimigos.

Compre agora e leia


Tradução de Leandra Zanqueta
Prefácio de Leo Kades
Henry Van Dyke
O QUARTO
SÁBIO
DRACAENA
www.dracaena.com.br

O Quarto Sábio - A história do Quarto Rei Mago

Van Dyke, Henry
9788582182482
60 páginas

Compre agora e leia

O livro que inspirou o filme "O Quarto Sábio" estrelado por Martin Sheen e dirigido por Michael Ray Rhodes. Um livro sobre a verdadeiro significado de seguir a Cristo Um livro que nos fará refletir sobre o verdadeiro sentido da espiritualidade e como podemos mudar o mundo ao nosso redor transformando-o em nome do amor, da bondade e do perdão."O Quarto Sábio" é um daqueles livros em que você deve ler de tempos em tempos, como uma forma de avaliar a sua caminhada espiritual. Não te assombres se em algumas paginas você, de alguma forma, se identificar com Artaban, ou até mesmo se emocionar com a trajetória desse homem, cuja vida servirá de inspiração para todos nós.

Compre agora e leia